

Itaytera

Número: 32

Ano: 1988

"Abre a sessão o ilustre governante, que é aclamado sócio honorário da Libertadora e ao terminar o seu expressivo e caloroso discurso convida os assistentes a levantarem-se para ouvir a declaração imorredoura: "A PROVÍNCIA DO CEARÁ NÃO POSSUI MAIS ESCRAVOS!"

Não era uma Lei que se decretava, era uma Declaração de Direito da Liberdade. Não se consubstanciava na letra de um diploma legal, que a tanto faltava atribuição ao Presidente da Província e até mesmo ao Legislativo Provincial.

Eram palavras que se pronunciavam com o vigor e a substância das frases que ficam no bronze da História.

É indiscreto, então, o que se passou !

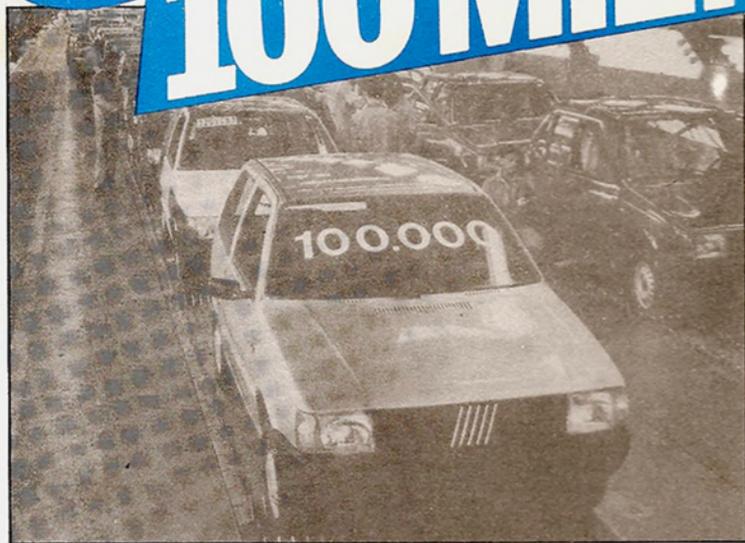
Aclamações gerais de prazer e entusiasmo cobriram a voz do orador, um como que delírio de alegria se apoderou de todos os ânimos".

(Raimundo Girão in "A ABOLIÇÃO NO CEARÁ", 2ª edição, Fortaleza, 1966, página 173.

Homenejando a libertação dos Escravos no Ceará, rendemos tributo ao Centenário da Lei Áurea, que se comemora em 13.05.1988).

Uno!

100 MIL!



**Tem sempre um
perto de você.**

FIAT
SIGA ESTA MARCA.



CEVEMA
Ceará Veículos, Máquinas e Acessórios Ltda.

Rua Leão XIII, 653 - FONE: 511-3044
63.180 - Juazeiro do Norte-Ceará.

ITAYTERA

Órgão do Instituto Cultural do Cariri

Presidente do I C C :

JÉFFERSON DE ALBUQUERQUE E SOUSA

Diretor de ITAYTERA :

JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO

Redação :

Praça Juarez Távora, 950

Caixa Postal, 74 - CEP 63.100

CRATO - CEARÁ



Aceitamos permutas com publicações congêneres, de todo o País.

Os artigos, estudos e conceitos aqui publicados são de inteira responsabilidade dos autores.

Os originais não serão devolvidos.



Diretoria do I C C

Presidente :

JÉFFERSON DE ALBUQUERQUE E SOUSA



Vice-Presidente :

JOSÉ PEIXOTO DE ALENCAR CORTEZ



Secretário Geral :

JOSÉ HUBERTO TAVARES DE OLIVEIRA



Secretário :

HUBERTO ESMERALDO CABRAL



Tesoureiro :

JOSÉ DE PAULA BANTIM



Comissão da Revista ITAYTERA

JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO

RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES

JURANDY TEMÓTEO DE SOUSA



Comissão de Ciências, Letras e Artes

PLÁCIDO CIDADE NUUVENS

FRANCISCO DE ASSIS BRITO

RONALD FIGUEIREDO ALBUQUERQUE



Comissão de Sindicâncias

ELOI TELES DE MORAIS

PE. ANTÔNIO TEODÓSIO NUNES

ANTÔNIO CORREIA COELHO

Cadeiras do Instituto Cultural do Cariri

SEÇÃO DE LETRAS

- 1 - PATRONO - Pe. Dr. José Antônio Maria Ibiapina
OCUPANTE : João Lindemberg de Aquino
- 2 - PATRONO - Bruno de Menezes
OCUPANTE : Dr. Raimundo de Oliveira Borges
- 3 - PATRONO - José Alves de Figueiredo
OCUPANTE : Pe. Neri Feltosa
- 4 - PATRONO - Alexandre Arraes de Alencar
OCUPANTE : Edmêla Arraes de Alencar
- 5 - PATRONO - Monsenhor Pedro Esmeraldo da Silva
OCUPANTE : Vaga
- 6 - PATRONO - Dr. Irineu Nogueira Pinheiro
OCUPANTE : Pe. Antônio Gomes de Araujo
- 7 - PATRONO - Antônio Barbosa de Freitas
OCUPANTE : Vaga
- 8 - PATRONO - Álvaro Bomilcar da Cunha
OCUPANTE : Dr. José Newton Alves de Sousa
- 9 - PATRONO - Dom Francisco de Assis Pires
OCUPANTE : Prof. Rubens Gondim Lóssio
- 10 - PATRONO - Pe. Emídio Leite Cabral
OCUPANTE : Thomé Cabral dos Santos
- 11 - PATRONO - Raimundo Gomes de Matos
OCUPANTE : Vaga
- 12 - PATRONO - Leandro Bezerra Monteiro
OCUPANTE : Vaga
- 13 - PATRONO - Dr. Otacílio Macedo
OCUPANTE : Cláudio Martins
- 14 - PATRONO - Manoel Rodrigues Monteiro
OCUPANTE : F.S. Nascimento
- 15 - PATRONO - Dr. Leandro Chaves Ratisbona
OCUPANTE : Vaga
- 16 - PATRONO - Pe. Francisco Pitta
OCUPANTE : Aécio Feitosa
- 17 - PATRONO - João Brígido dos Santos
OCUPANTE : Nertan Macedo
- 18 - PATRONO - Raimundo Monte Arraes
OCUPANTE : Vaga
- 19 - PATRONO - José Alves de Figueiredo
OCUPANTE : Mozart Soriano Aderaldo
- 20 - PATRONO - Senador José Martiniano de Alencar
OCUPANTE : Vaga
- 21 - PATRONO - Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira
OCUPANTE : Pe. Antônio Vieira

SEÇÃO DE CIÊNCIAS

- 1 - PATRONO - Dr. Barreto Sampaio
OCUPANTE : Dr. Napoleão Tavares Neves

EDITORIAL

Vem a lume a presente edição da Revista ITAYTERA, no seu número 32, continuando a sequência iniciada em 1955, significando o profundo esforço da atual Diretoria e da sua Comissão específica da publicação.

É de ressaltar-se, por um dever de justiça, que este número circula graças ao apoio da Federação das Indústrias do Estado do Ceará, na pessoa do seu Presidente, o empresário Luiz Esteves Neto, e à gráfica modelar do SENAI - Ceará, pela sua Administração Regional, em que salientamos, notadamente, a figura do Dr. Everardo Ayres Correia, eminente conterrâneo que nos possibilitou esta edição.

Sem essa colaboração, que reputamos preciosa — talvez tivesse sido impossível fazer circular a presente edição, pelos altos custos gráficos dos dias atuais.

Inapelavelmente, a Cultura continua sem ter vez neste País. Os que se dedicam às atividades culturais persistem no seu labor por pura teimosia, pois as Leis que dizem facilitar e incrementar esse setor não passam, algumas delas, de meros paliativos, e outras são incrivelmente cheias de óbices para a obtenção de recursos ou os favores do governo e dos organismos particulares e estatais.

E fazer Cultura no interior ainda é mais heróico, pois se soma a isso o desprestígio da instituição, a ausência das autoridades, o distanciamento dos congressistas e a indiferença dos políticos.

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI não foge a essa triste sina, ao atingir, em 1988, o seu 35.º aniversário. A nossa labuta continua um heroísmo, basta dizer que há 5 anos não temos verbas governamentais de qualquer setor — federal, estadual ou municipal.

ITAYTERA — todavia, continua a sua marcha. Com teimosia. Com dedicação, com abnegação. À espera, ano após ano, que melhore essa situação.

A nossa publicação se constitui um rico manancial de assuntos regionais, valendo-se do brilhantismo da pena dos seus colaboradores, sem desprezar, todavia, sueltos, artigos, depoimentos outros, já publicados na imprensa diária — que, de outro modo, já estariam desaparecidos, pelo próprio envelhecimento do dia a dia dos jornais, e se constituíriam difícil fonte de consulta. Não nos acanhemos de reproduzir matérias já publicadas, desde que interessem à documentação regional, à memória do Cariri, com fatos e figuras de nossa região. Intercalamos com variada produção poética, sem perder o sentido leve, saudável, fácil de ler, fugindo aos rígidos preceitos de revistas literárias padronizadas, enfadonhas, contidas em padrões tradicionalistas. Daí a vantagem de ITAYTERA, que sendo revista, é agradável fonte de consulta, e sendo órgão de uma instituição cultural, não foge aos seus objetivos. ITAYTERA aí está. Esperamos que este número seja do agrado de todos.

A DIREÇÃO.

A CÂMARA MUNICIPAL DO CRATO,

guardiã das melhores tradições cívicas
da valorosa terra cratense,

congratula-se com o INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI
pela circulação de mais um número da revista *Itaytera*,
vitorioso empreendimento que honra a nossa Cultura.

José Laércio de Sousa Vasconcelos
Presidente

ICC Empossa Diretoria em Brilhante Solenidade

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI realizou na noite de 5 de Dezembro de 1987, uma brilhante solenidade para empossar a sua nova Diretoria e empossar o Pe. Antonio Vieira na Cadeira 21, que tem como Patrono Mons. Pedro Rocha de Oliveira. As solenidades tiveram lugar no Palácio do Comércio.

MESA

À Mesa dos trabalhos tomaram assento J. Lindemberg de Aquino, Dr. Jéfferson de Albuquerque e Sousa, Pe. Antonio Vieira, Dr. Joarivar Macedo, Deputado Humberto Macário de Brito, Prof. Pedro Felicio Cavalcante, Monsenhor Francisco de Holanda Montenegro, Dr. Napoleão Tavares Neves, Dr. Renato Casemiro, Dr. José Humberto de Mendonça e Madre Paula de Saboia Bezerra. E Pascoal Rocha de Oliveira.

DISCURSOS

J. Lindemberg de Aquino entregou a Presidência, pronunciando um discurso sobre a atual situação do ICC. Depois o Dr. Jéfferson Albuquerque falou de improviso sobre a história do ICC, a emoção em tomar posse pela terceira vez na Presidência e seus planos.

Em seguida, o escritor Joarivar Macedo, convidado especial do ICC, falou sobre o cinquentenário de ordenação do Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira, com magistral oração. Logo depois os irmãos do Monsenhor Pedro Rocha, Pascoal e Pedrina, descerraram o retrato de Monsenhor Pedro Rocha.

Dando sequência, foi empossado na Cadeira 21 o sacerdote, Pe. Antonio Vieira. A saudação de boas vindas foi feita por J. Lindemberg de Aquino. O Pe. Vieira, a seguir, de maneira emocionante e circunstanciada, descreveu a vida, a obra, a atuação e as benemerências do Monsenhor Pedro Rocha. Foi uma palestra marcada pela saudade e pela emoção. Depois foi lida mensagem ao Pe. Vieira, do Prefeito de Várzea Alegre.

LIVRO

Padre Vieira lançou então o seu novo livro, EU E OS OUTROS, numa movimentada noite de autógrafos.

A nova Diretoria do ICC ficou assim constituída:

Presidente, Jéfferson de Albuquerque e Sousa — Vice, Dr. Ribamar Cortêz (José Peixoto de Alencar Cortêz.) Secretário Geral, Huberto Tavares de Oliveira. Secretário, Francisco Huberto Esmeraldo Cabral. Tesoureiro, José de Paula Bantim.

Comissões da Revista Itaytera: J. Lindember de Aquino, Raimundo de Oliveira Borges, Jurandy Temótheo de Sousa. De Ciências, Letras e Artes, Plácido Cidade Nuvens, Francisco de Assis Brito e Ronald de Figueiredo Al-

Despedindo-se da Presidência do ICC

J. LINDEMBERG DE AQUINO

Meus senhores :

Chegado é o fim da minha missão, como Presidente do INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, que ocupei, nestes últimos anos, por dois períodos, 4 anos seguidos.

Passo o leme desta instituição ao valoroso companheiro, poeta e pesquisador Jéfferson de Albuquerque e Sousa, com a certeza de que o barco está sob seguro comando.

Igualmente, junto a ele, empossa-se uma Diretoria renovada, que certamente, haverá de dar-lhe total apoio.

O Instituto Cultural do Cariri fará em Outubro próximo 35 anos. Já se aproxima do seu cinquentenário.

Tem enfrentado, a duras penas, uma situação de clamoroso desprezo por parte das autoridades, o que tem se constituído um desestímulo para as suas Diretorias.

Há 5 anos não recebemos verbas federais. A última verba estadual nos veio no penúltimo ano do governo Gonzaga Mota. E o último recurso municipal nos veio para a Itaytera — 5 mil cruzados — há 2 anos.

Na Delegacia do MEC do Ceará entrava-se qualquer verba ou recurso para o ICC por força de não aceitação de duas prestações de contas, uma de NOVENTA CRUZADOS e outra de CEM CRUZADOS, isso mesmo, essas importâncias. Diversas prestações foram feitas desses recursos, mas como não, tecnicamente, aceitas, impôs a Delegacia do MEC um castigo ao ICC de somente liberar novos recursos depois que ela aceitar as prestações de contas desses recursos ridículos.

No nosso período faleceram os titulares de várias cadeiras, como Lourdinha Esmeraldo, Otacilio Anselmo e General Teles Pinheiro.

Para as demais vagas existem candidatos, esperando, somente, concluírem seus trabalhos para solicitar marquemos as datas de posse.

Hoje, na Cadeira 21, empossa-se o Pe. Antonio Vieira, valoroso e culto sacerdote cearense. Sua Cadeira tem Mons. Pedro Rocha como Patrono.

No decorrer do próximo período, que hoje se inicia, as demais cadeiras serão, a seu tempo, ocupadas.

Apesar das dificuldades financeiras, o ICC tem se mantido de maneira milagrosa, com a ajuda de alguns amigos, as sobras dos anúncios da ITAYTERA — cuja publicação, anualmente, jamais foi interrompida, vencendo

mil e um obstáculos. O ICC não tem contínuos e nem empregados, um sequer, capaz de ao menos espanar os livros da Biblioteca. Esta continua, todavia, sendo aumentada todos os meses, pelas generosas doações obtidas. O relacionamento do ICC é excelente, a correspondência está em dias e seu conceito é muito sólido.

Faço votos que o Dr. Jéfferson e a nova Diretoria conduzam a entidade, com segurança e dinamismo, aos seus grandes destinos.

Muito obrigado.

(Discurso de despedidas de J.Lindemberg de Aquino — da Presidência do ICC, em 5.12.87).

Instituto Cultural do Cariri

CIRCULAR N.º 01/88

Crato, Janeiro de 1988.

Ilmo. Sr.

Comunicamos que foi empossada a nova Diretoria desta instituição, para o período que vai de Janeiro de 1988 a Janeiro de 1990 e que ficou assim constituída:

Presidente	—	Jéfferson Albuquerque e Sousa
Vice-Presidente	—	José Peixoto de Alencar Cortéz
Secretário Geral	—	José Huberto Tavares de Oliveira
Secretário	—	Huberto Esmeraldo Cabral
Tesoureiro	—	José de Paula Bantim

COMISSÃO DA REVISTA ITAYTERA

João Lindemberg de Aquino
Raimundo de Oliveira Borges
Jurandy Temóteo de Sousa

COMISSÃO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES

Plácido Cidade Nuvens
Francisco de Assis Brito
Ronald de Figueiredo Albuquerque

COMISSÃO DE SINDICÂNCIA

Eloi Teles de Moraes
Pe. Antônio Teodósio Nunes
Antônio Correia Coelho

Atenciosamente,

Jéfferson de Albuquerque e Sousa
Presidente

Recebendo o Pe. Antônio Vieira no ICC

J. Lindemberg de Aquino

Rvmo. Pe. Antonio Vieira:

Cabe a mim, com muita honra, receber-vos oficialmente no Instituto Cultural do Cariri, no cumprimento de uma praxe das instituições de letras, em que o recipiendário é saudado por um dos seus membros.

Não farei discurso, pois mesmo essa praxe acadêmica fica só para as Academias. A nossa modesta instituição cultural jamais ousou sonhar em ser uma Academia de Letras.

Caberia, no caso, fazer uma apresentação de vossa pessoa, para o distinto auditório. Mas creio, ser igualmente, desnecessário tal mister, de vez que sois sobejamente conhecido de todos, um conterrâneo do Cariri, um ex-aluno do Seminário do Crato, um antigo jornalista e professor com carreira iniciada em Crato.

Resumirei a vossa apresentação lendo o vosso currículo oficial — em que se realçam, por si, vossas qualidades de lutador, de sacerdote dinâmico, de inteligência privilegiada, sempre lutando, sempre pugnando, pelo exercício da palavra e com armas dos livros e da valiosa colaboração na imprensa.

E direi mais que sois bem-vindo a esta Casa, que, por direito, por conquista própria, já vos pertencia, pela legitimidade de condição de filho desta gleba caririense, que se tem projetado pela luminosidade de vossos escritos, em todo o Brasil.

A nossa alegria é imensa em vos receber e em ter-vos ao nosso lado, participando desta luta inglória, que é fazer instituição cultural no interior.

Ac nosso lado, ireis sentir, certamente, como é dolorosa a luta pela nossa afirmação cultural, ante o desprezo dos poderes públicos e a indiferença de diversos segmentos da comunidade, mais preocupados com os bens materiais e as conquistas pecuniárias, do que com as cousas do espírito.

Sêde bem-vindo à Casa de Irineu Pinheiro, Pe. Antonio Gomes e J. de Figueiredo Filho, o triunvirato inesquecível que forjou o ICC.

Vossa presença é garantia e selo de um trabalho fecundo e criador, dando, a cada dia, novos estímulos em todos os que fazem esta Casa. O Instituto vos recebe com inexprimível alegria e justificadas esperanças, pelo vosso valor incontestado e pela vossa beleza espiritual que a todos encantam.

Eerei, a seguir, vossa biografia oficial, dizendo, antes, sêde bem-vindo, nesta Casa este lugar vos esperava há muito tempo !

(Discurso de J. Lindemberg de Aquino, saudando o Pe. Antonio Vieira, no dia de sua posse no ICC, Cadeira 21, que tem como Patrono Mons. Pedro Rocha de Oliveira).

PADRE ANTÔNIO VIEIRA

1. NOME Civil: Antônio Batista Vieira
PAIS: Vicente Vieira da Costa e Senhorinha Batista de Freitas
NASCIMENTO: 14 de junho de 1919.
NATURALIDADE: sítio Lagoa dos Órfãos (hoje CRISTO REI), ao sopé da Serra dos Cavalos, no município de Várzea Alegre.
2. ESTUDOS: Carta de ABC — sua mãe;
Estudos primários em escolas particulares com palmatória, sabatina, ditados, leitura de manuscrito e outros castigos físicos. Foi campeão em receber bolos pelo mau comportamento e campeão em dar bolos nas sabinas.
Curso de Admissão no Seminário do Crato, de julho a dezembro de 1930.
Curso Ginásial no mesmo seminário, de 1931 a 1936.
Filosofia no Seminário Maior de Fortaleza, anos 1937 e 1938;
Teologia no mesmo Seminário de 1939 a 1942.
Ordenado sacerdote em 27 de setembro de 1942, em Crato.
Cursos da CADES — Latim e Português — 1959 e 1960.
Economic and Social Research Planning — Universidade da Califórnia, Los Angeles, Estados Unidos — Ano 1964.
Rural Industrial Technology Training na Universidade do Ceará com estudantes americanos e japoneses;
Curso de Direito na Universidade Federal de Direito do Rio de Janeiro, de 1970 a 1974.
Estágio de Advocacia na Ordem dos Advogados do Brasil, Rio de Janeiro, 1973 e 1974.
Curso sobre PIS — Casa do Advogado do Brasil — Rio de Janeiro, 1973.
Licenciatura em Filosofia na Faculdade de Filosofia de São João del Rei — Minas Gerais, 1973 e 1974.
3. ATIVIDADES CULTURAIS: Professor de Português, Latim, Italiano e Grego, no Seminário do Crato de 1943 a 1953;
Professor de Latim no Ginásio Diocesano, 1943 — Crato.
Gerente e Redator-Chefe do Jornal "A Ação", Crato, 1943 a 1953.
Professor de Português e Latim, no Ginásio Adabil Barreto, Iguatu — 1955 e 1956.
Professor de Português no Ginásio Senhor do Bom Fim, em Icó, anos 1957 a 1961.
Professor de Sociologia Educacional no Ginásio Senhor do Bom Fim, em Icó de 1959 a 1961.
Diretor do Ginásio N. Senhora da Expectação — Icó, 1959 a 1961.
Professor de Português e de Latim no Ginásio N. S. da Expectação de 1959 a 1961.

Professor de Literatura Portuguesa na Escola Normal São José em Iguatu, 1965 e 1966.

Professor de Antropologia Crítica e Problemas Filosóficos na Universidade Santa Úrsula — Rio de Janeiro — 1972 a 1974.

Professor de Ética — Faculdade Jacobina — Rio de Janeiro — 1974 e 1975.

4. OUTRAS ATIVIDADES:

Assistente Eclesiástico do Aspirantado da Ação Católica em Crato — 1943 a 1953.

Tesoureiro da Fundação Padre Ibiapina.

Secretário da Sociedade do Hospital São Francisco de Assis.

Capelão e Construtor da Igreja de São Francisco de Assis, no Alto do Barro Vermelho.

Fundador do Centro Cultural São Luis e do Salão Recreativo com aquisição de sua sede própria, hoje pertencente ao Bispado;

Sócio-fundador do Instituto Cultural do Cariri.

Fundador e Construtor do Ginásio N. S. da Expectação de Icó.

Deputado Federal eleito para o período legislativo 1967 a 1970.

Vice-presidente da Comissão de Economia da Câmara dos Deputados.

Presidente da Comissão de Inquérito da Câmara dos Deputados sobre o problema da açudagem no Nordeste.

Presidente da Comissão Parlamentar de Reforma Universitária.

Membro da Comissão Parlamentar de Orçamento.

Membro da Comissão de Reforma do Código Civil.

Integrante da representação oficial da Câmara dos Deputados ao Congresso Internacional de Municipalismo, na cidade de New Orleans — Estados Unidos — 1968.

Colunista do Jornal "O Povo" de 1954 a 1966 e de 1979 a 1987.

Colunista do Jornal "O Nordeste";

Colaborador dos seguintes jornais: "A Cruz", Rio de Janeiro; "O Unitário", Fortaleza; "Congregado Mariano", Crato; "O Estado", Fortaleza; "Correio Brasiliense", Brasília; "Guarani", Fortaleza.

5. TÍTULOS:

Fundador do Clube Mundial dos Jumentes;

Sócio da Associação Cearense de Imprensa — Fortaleza.

Sócio da Associação Cearense de Jornalistas do Interior;

Registro de Professor de Latim e de Português da CADES — MEC;

Registro de Diretor de Ginásio;

Jornalista Profissional;

Advogado Profissional;

Título de Licenciatura em Filosofia, Ciências e Letras.

6. TRABALHOS PUBLICADOS:

Aspirantado e Bejaminato da Ação Católica — Tip. "A Ação" — Crato: Um Hospital Regional para Iguatu — Tese defendida no Congresso dos jornalistas do Interior em Iguatu — 1965;

Análise da Política Brasileira à Luz do Humanismo Cristão — Imprensa Nacional — Brasília — 1967;

O Chofer de Caminhão, Construtor de uma Nova Civilização. Imprensa Nacional — Brasília — 1967.

Projeção Econômica do Ceará, na Conjuntura Regional do Nordeste. Imprensa Nacional — Brasília — 1967.

A Igreja e o Desenvolvimento do Nordeste — Imprensa Nacional — Brasília — 1967.

Nome Parlamentar — Imprensa Oficial — Brasília — 1968.

O D. C. T. e a Injustiça Salarial dos seus Funcionários — Imprensa Nacional — Brasília — 1968.

Universidade e Tecnologia Regional — Imprensa Nacional — Brasília 1968.

Participação da Igreja no Processo Social e Humano — Imprensa Nacional — 1968. Brasília.

Liberdade de Imprensa — Imprensa Nacional — Brasília — 1968.

Reforma Universitária e Supressão dos Examcs Vestibulares — Imprensa Nacional — Brasília — 1968.

Padre Antônio Tomaz, Cantor da Terra e da Gente Cearenses — Imprensa Nacional — Brasília — 1968.

7. LIVROS PUBLICADOS:

100 Cortes sem Recortes — 1.^a e 2.^a edição — Imprensa Universitária — Fortaleza — 1963.

O Jumento, Nosso Irmão — Editora Freitas Bastos — 1.^a e 2.^a edição Rio de Janeiro — 1964.

O Verbo Amar e Suas Complicações — 1.^a e 2.^a edição. Gráfica Editora Record — Rio de Janeiro — 1965.

Sertão Brabo — Editora Gráfica Brasileira — São Paulo. 1968.

Mensagem de Fé para quem não tem Fé — 1.^a e 2.^a edição — Edições Paulinas — 1981 — São Paulo.

Penso, logo Desisto — Editora Stylus — 1982 — Rio de Janeiro.

Pai Nosso — 1.^a e 2.^a edição. Edições Paulinas — 1983 — São Paulo.

Mensaje de fe para quien no tiene fe — Ediciones Paulinas — 1983. Santiago, Chile.

Bom dia, meu Irmão — Imprensa Oficial Fortaleza — 1984.

Porque fui Cassado — 1.^a e 2.^a edição — Imprensa Oficial — 1985.

Gramática do Absurdo — Imprensa Oficial Fortaleza — 1985.

A Igreja, o Estado e a Questão Social — Gráfica Editel — 1986 — Fortaleza.

A Família (Evolução histórica, sociológica e antropológica). Imprensa Oficial — Fortaleza — 1987.

8. FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

Anuário Delta La-Rousse — 1965.

Afrânio Coutinho — Brasil e Brasileiros de Hoje, 2.º vol. p. 619 — 1961.

Almanaque do Cariri — p. 64 — 1949;

Boletim Banco do Nordeste do Brasil — Iguatu — p. 5 e 26;

Biblioteca da Câmara dos Deputados — Deputados Brasileiros da 6.ª Legislatura, p. 489 — 1968.

Brazilian News — Information Service of the Brazilian Embassy — London — 25 de março de 1964.

Carlos Feitosa — Fundo e Forma das Crônicas do Pe. Vieira — Revista Itaytera, n.º 12, 1968 — p. 69 a 76;

Diversos — Vôo Livre — Pés no Chão, 45 a 47 — 1979.

Dias da Silva — Um Padre e muitas prezas, p. 50 a 55 — 1982;

Eurípedes Chaves Junior — Raimundo Girão, polígrafo e homem público, p. 171 — 1986.

Fernandes Távora — Idéias e Perfis, p. 191 a 199;

Informations Catholiques, março 1968 — Paris.

José Arraes de Alencar — O Zero ou o Eterno Milagre da Linguagem — p. 144 — 1964.

José Arraes de Alencar — Vocabulário Latino, 2.ª edição, p. 353 a 355 — 1961.

J. Bernardo Cabral — A Palavra em Ação, p. 97 e 98 — 1980.

J. C. Alencar Araripe — Gente da Gente, p. 65 a 70 — 1979;

Luis Gonzaga — O Sanfoneiro do Povo de Deus e Apologia do Jumento — Baião "O Jumento, Nosso Irmão";

Maria Orildes Sales Freitas — Janela da Saudade, p. 120-121. 1986;

Mozart Cardoso de Alencar — Doce de Pimenta, p. 7 a 10 — 1984.

Otacílio Anselmo — Pe. Cícero, Mito e Realidade — 1968.

Pe. Helvídio Martins Maia — Pretensos Milagres em Juazeiro, 1974.

Renato Soldon — Verve Cearense, p. 9 e 10 — 1969;

Raimundo Araújo — Revista Itaytera, n.º 31, p. 85 e 86, n.º 31 — 1987.

Resenha Legislativa — Câmara dos Deputados — 1967 e 1968;

Risério Leite — Baneb, jornal — maio 1965 e julho 1966;

Revista Região — Crato — julho 1973.

Raimundo Girão e Maria da Conceição Souza — Dicionário da Literatura Cearense, p. 231. 1987.

- Roberto Feijó Ribeiro — Dicionário de Pseudônimos, Cognomes e Títulos Famosos, p. 39 — 1983;
- Nertan Macedo — Agreste, Mata e Sertão — p. 47 a 51;
- Patativa do Assaré — Canta Lá que eu Canto Cá — p. 100 a 104; 243 e 244;
- Raimundo Meneses — Dicionário Literário Brasileiro, 2.^a edição, p. 703 — 1978;
- Universidade Santa Úrsula — A Hora do Homem, p. 15 a 19 — 1973.
- Tomé Cabral — Dicionário de Termos e Expressões Populares, 1972.
- Valdemar Alves Pereira — Na Cidadela das Letras, p. 26 — 1987.
- Zé Nilton — LP: Fofocando: O Jumento, nosso Irmão.
-

Trabalho do Pe. VIEIRA

será publicado em Livroto

Por causa de sua extensão, 45 páginas, que não caberiam no presente número da ITAYTERA, pois implicaria na retirada de muitas outras matérias, deixamos de inscrever o belíssimo, emocionante, suculento e sentimental trabalho do Pe. Antônio Vieira, sobre Monsenhor Rocha.

Esse trabalho foi por ele lido na Sessão Solene em que Pe. Vieira se empossou na Cadeira 21, em 05.12.87, e por todos aplaudido.

Constituiu-se uma peça documental de inegável valor, produzida pelo brilhante intelectual.

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI a publicará em livroto, juntamente com as demais peças daquela sessão, a saudação de J. Lindemberg, o discurso de Joarivar Macedo e a ata da sessão de posse, que se constituirão homenagem especial ao Pe. Antônio Vieira, cuja presença veio enriquecer o ICC pelo seu porte e pela sua cultura.

ABDIAS LIMA ELOGIA ITAYTERA

Na sua apreciada coluna literária na TRIBUNA DO CEARÁ, o escritor Abdias Lima, disse o seguinte, sobre o número 29 da revista "Itaytera":

"Bem dirigida pelo ilustre intelectual João Lindemberg de Aquino, já em circulação, a revista "Itaytera", do Crato n.º 29.

Repleta de bons trabalhos, assinados por nome de projeção nas letras cearenses, "Itaytera" equipara-se às melhores publicações do Sul.

Entre outros, Joarivar Macêdo fala sobre os Saraivas do Cariri; Dandinha Vilar escreve 10 sonetos; J. C. de Alencar Araripe, sobre "Província da Ibiapaba e do Cariri Novo"; José Newton Alves de Sousa sobre "Ciência, consciência e arte do magistério; General Raimundo Teles Pinheiro, com artigos primorosos: O Processo da Independência e o Mito Pereira Filgueiras, um estudo profundo sobre Pinto Madeira, de J. Lindemberg de Aquino, bibliografia, notas, comentários, etc.



Café Itaytera

SÓ TEM GOSTO DE CAFÉ



PREFIRA-O EMPACOTADO A VÁCUO COMPENSADO

SEU SABOR É TOTAL



ORGANIZAÇÃO **LEONOR LIMA COSTA S. A.**

INDÚSTRIA E COMÉRCIO



AVENIDA PADRE CÍCERO, S/N — Km 2

DISTRITO DE MURITI

TELEFONES: 521-1511 e 521-2629

CRATO

—

CEARÁ

PLÁCIDO CIDADE NUVENS

Prof. de Sociologia da Faculdade de Direito do Crato

CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

anseio regional de autonomia

1. Introdução
2. O que foi a Confederação do Equador
3. Causas e Conseqüências
4. Esquema Ideológico
5. Articulações Políticas
6. A Luta Armada
7. Conclusão
8. Bibliografia

INTRODUÇÃO

A História não é apenas a evocação de fatos passados numa simples re-composição contextual nem a pura cronologia que repõe os acontecimentos na sua seqüência temporal. A abordagem científica da História ressalta necessariamente sua dimensão teórica. A História é um referencial teórico na medida em que acumula as experiências humanas e mostra os diferentes lances que compõem o sentimento da busca de soluções na hora crucial dos momentos decisivos face a desafios irremovíveis.

Assim, estudar a Confederação do Equador é analisar uma proposta concreta ocorrida na dinâmica da História dos Nordestinos voltada para os interesses superiores da região. De fato, os arroubos de idealismo, a capacidade de mobilização, a revolta contra a prepotência, a firmeza na concretização das decisões, as ligações internacionais e a sintonia com a vanguarda do pensamento humano mostram como uma geração de Nordestinos procurou resgatar a própria dignidade numa ânsia de autonomia e participação.

Em primeiro lugar, necessário se faz caracterizar objetivamente o fenômeno político e social que foi a Confederação do Equador procurando situar seus reais contornos e a verdadeira dimensão do acontecimento, para em seguida focalizar suas causas e sua estruturação política e ideológica. E como não foi apenas uma rebeldia em tons de protestos retóricos, é preciso também ressaltar o lado militar da luta armada. A conclusão nos apresenta, por fim, a visão de um fracasso voluntarista. Nem sempre a simples decisão de um grupo profundamente motivado e firmemente decidido pode alcançar os resultados esperados se as condições objetivas não estão consideradas devidamente.

A Bibliografia é vasta e até complementar. Mas se ressentido do estudo teórico. Na maior parte é descritiva, cronológica, sem o devido cuidado com a sedimentação doutrinal e sem o enfoque do pensamento sócio-econômico mais aprimorado, muitas vezes contentando-se com a rotulação ideológica.

Esse estudo sobre a Confederação do Equador quer representar uma contribuição para a sistematização da sua análise. Não é uma tarefa das mais fáceis. É, contudo, um passo necessário. Não só para fazer justiça aos mártires, mas principalmente para considerar as lições de grandeza e os sentimentos inquebrantáveis de dignidade.

2. O QUE FOI A CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

Na sua obra "*História do Ceará*", segundo volume, Batista Aragão assim introduz o assunto: "Denomina-se de República do Equador o movimento sedicioso eclodido no Recife em 1824 e difundido nas demais Províncias nordestinas, tendo por modelo, institucionalmente aceito, a Constituição da Colômbia (1). Por seu turno, Figueiredo Filho, no trabalho *História do Cariri*, volume segundo, faz uma colocação mais detalhada, esclarecendo já alguns pontos de realce ideológico e destacando alguns desdobramentos políticos: "A Confederação do Equador não foi apenas uma aventura, sem expressão, como muitos querem apresentar, a fim de diminuí-la. Pela primeira vez, um movimento de liberdade cogitou do problema da escravidão. Logo no seu início, o Presidente Paes de Andrade, (2), proibiu o tráfico de escravos no Brasil medida só concretizada em 1850, não só por pressão interna, como dos próprios interesses britânicos. Foi também a primeira manifestação armada de pretexto contra a prepotência de Pedro I, em seu ostensivo desprezo ao elemento genuinamente nacional. Apresenta-se como afirmação de brasilidade e de autêntica continuação das lutas de 1822. O espírito nativista começava a despertar diante da realidade. Decepcionara-se como o Imperador que fora o ídolo dos patriotas, anteriormente. A Confederação do Equador foi o primeiro germe que eclodiu a 7 de abril de 1831. Poderia ter gerado a República, no tempo da Abdicação, mas fatores adversos, incluindo o perigo da fragmentação nacional, impediram que isso se concretizasse. Qual a primeira manifestação exterior em regozijo pela abdicação de D. Pedro I, nas principais cidades nordestinas, atingidas pela repressão sangrenta da revolução de 24? A extinção de todos os instrumentos de suplício, nas praças onde foram executados os patriotas da República do Equador". (3)

Ainda Figueiredo Filho, na mesma obra, faz este comentário: O historiador João Ribeiro, cometendo grande injustiça e demonstrando desconhecer os pormenores da História, nas províncias, desse que "as adesões (à Confederação do Equador) foram mais palavrosas que efetivas desde Alagoas ao Ceará". O ilustre historiógrafo... cometeu flagrante injustiça aos heróis e mártires do Ceará e de outros do Nordeste.

Felizmente, o neto de Tristão Gonçalves de Alencar Arariper — o crítico literário Araripe Júnior, no prefácio da 10.^a Edição da *História do Brasil*, de João Ribeiro, retificou a asserção. A Contribuição do Ceará foi vultosa e seus mártires se sacrificaram em lutas, assassinios, fuzilamentos, em Picada, Jardim, Icó e Fortaleza. Nunca no Ceará, até então, houve um movimento

para exigir tanto sacrifício e vidas humanas quanto aquele". (4)

Embora sucintas as palavras dos dois autores oferecem com bastante clareza a verdadeira natureza e as reais dimensões da Confederação do Equador: movimento sedicioso, movimento de liberdade, primeira manifestação armada de protesto contra a prepotência de Pedro I, afirmação de brasilidade, autêntica continuação das lutas de 1822. Deduz-se igualmente da colocação feita pelos autores a clara consciência da necessidade de um roteiro programático e de um marco jurídico que servisse de balizamento à nova realidade política que se pretenda precipitar. Daí a escolha da Constituição da Colômbia, há pouco tempo promulgada, como modelo provisório e referencial de inspiração ideológica e política.

3. CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS

Forçado pela situação internacional, diante da possibilidade de um grande ataque português, o Governo de Pedro I teve que retirar do Recife sua esquadilha. A força marítima situada em Pernambuco tinha ali uma missão que era prevenir rebeliões ou revoltas tal o clima de insatisfação reinante. De fato, a retirada da Esquadilha do governo central foi uma precipitação. Hélio Viana observa que "no dia seguinte à partida de Taylor, a 2 de julho de 1824, lançou Manuel de Carvalho (Paes de Andrade) uma proclamação rompendo com o Rio de Janeiro e procurando entrar em ligação com as demais províncias do Nordeste e do Norte. Em outro Manifesto, pregou abertamente a separação e a adoção da forma republicana, de modo a incorporar o Brasil ao "sistema americano". Nesse sentido, adotou provisoriamente a Constituição da Colômbia, de que enviou cópias a outras Províncias". (5)

Entre as causas deste rompimento, figura o protesto contra a dissolução por parte do Imperador Pedro I da Assembléia Constituinte. Como se sabe, a primeira Constituinte Brasileira reuniu-se a 3 de maio de 1823, entre esperanças do povo e muita expectativa pois estaria por se definir o horizonte constitucional da jovem nação recém libertada. As atitudes e hesitações de Pedro I anuviaram o ambiente político e relata Vicente Tapajós que, ao pronunciar seu juramento, o Imperador fez uma restrição que semeou suspeita entre todos. "Juro defender a Constituição que está por ser feita, se for digna do Brasil e de mim". (6) Todos observaram a reticência. "A restrição não passou despercebida à multidão reunida na Praça, que nessa mesma noite e na seguinte respondia à deixa, repetindo unanimemente no teatro, em espetáculo de gala, vivas à Constituição Liberal do Brasil e à Assembléia Constituinte, como assinala Tobias Monteiro". (7)

Do mesmo parecer é Batista Aragão quando sublinha: "O estopim que desta vez levará a brava gente ao cenário da guerra, encontra precedentes novos na dissolução da Constituinte de 1823, jurada e defendida quando oportunamente proclamada. As províncias do Sul, ou têm aderido passivamente

ou conscientemente aceitam a soberana vontade imperial. Porém o Nordeste, cioso dos seus anseios liberalistas e descrentes das afirmações Imperiais, quanto a não entregar o Brasil a Portugal, protesta com veemência. E Pernambuco, então, como centro de polarização cultural de todo o Nordeste, será mais uma vez o vanguardeiro da sublevação nacionalista, fazendo irradiar para as demais Províncias as diretrizes básicas que servirão de aval político e que em breve transformarão os protestos em ação física e materialmente decisiva. Assim, em data de 7 de abril de 1824 dá-se no Recife a primeira manifestação de forças em prol dos ideais revolucionários. (8)

Na opinião de Tobias Monteiro, porém, não foi a dissolução da Constituinte a razão do desencadeamento da Revolução Nordestina. Diz ele: "Tem-se apresentado como causadora da Revolução Pernambucana de 1824 a dissolução da Assembléia Constituinte, em novembro de 1823. Mas, além do atraso com que teria aparecido esse protesto (quase oito meses), os fatos demonstram que a causa fundamental da revolta era a conservação de Carvalho no governo". (9) Tem o mesmo parecer Adolfo de Varnhagens. (10)

Contudo, Figueiredo Filho atesta que logo em janeiro, ao regressarem da Campanha contra Fidié, Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves já sabiam das ocorrências do Rio de Janeiro — dissolução da Assembléia Constituinte e prisão e deportação de alguns deputados — tendo comunicado o fato às diversas câmaras da Província. Diz ainda o mestre Figueiredo Filho que Martiniano de Alencar, representante do Ceará na Constituinte, tido como um dos constituintes mais exaltados, após sua libertação, seguiu para o Recife, sede e foco de descontentamento geral contra o ato de prepotência do Imperador. (11) Vê-se, portanto, que a dissolução da Assembléia Constituinte a 12 de novembro de 1823 serviu de força catalizadora dos descontentamentos e insatisfações para arregimentação das forças nordestinas contra o poder centralizador e agora absolutamente do Imperador.

Outro elemento que ensejou a mobilização dos nordestinos contra o poder central do Império foi a tutela do Imperador que escolhia o Presidente da Província. De fato, Lei de 20 de outubro de 1823 determinava que a administração provincial fosse composta de um presidente, nomeado pelo Imperador e um Conselho de Governo, escolhido pelo Corpo Eleitoral. Houve conflitos e rejeição dos presidentes escolhidos pelo Imperador tanto em Pernambuco como no Ceará e na Paraíba.

O Presidente da Província de Pernambuco, Manuel de Carvalho Paes de Andrade, não quis passar o cargo que detinha para seu sucessor, Francisco Paes Barreto, gerando-se enorme tensão política. Carvalho alegava aguardar resposta à representação que fizera contra a escolha do Imperador. Este,

tentando uma conciliação adotou a velha tática do "tertius", indicando José Carlos Mayrink da Silva Ferrão para o cargo, que, contudo, não assumiu as funções, cedendo às pressões de Manuel de Carvalho. (12) Com a eclosão do movimento revolucionário, no dia 23 de dezembro de 1823, o Grande Conselho de Pernambuco escolheu para Presidente da Província o referido Manuel de Carvalho Paes de Andrade, então Chefe Revolucionário. (13)

No Ceará aconteceu algo semelhante. No dia 8 de abril de 1824 reuniu-se o corpo eleitoral para escolha do Conselho de Governo que ficou composto por Tristão Gonçalves, Joaquim de Paula Galvão, José Félix de Azevedo e Sá e os Padres Antônio José Moreira, Manuel Pacheco Pimentel e José Inácio Parente. Segundo Figueiredo Filho, eram todos nacionalistas, conhecidos, então, pelo nome comum de patriotas. Já no dia 14 do mesmo mês de abril, chegava a Fortaleza o Presidente, nomeado por Pedro I, o Tenente Coronel Pedro José da Costa Barros. (14) Apesar da incerteza reinante, Costa Barros conseguiu empossar-se do cargo, mas nele permaneceu muito pouco. Assim empossado a 17 de abril foi destituído a 29 seguinte. "Suas idéias não eram amplas e o seu procedimento desmentiu a confiança, que fazíamos de nosso patrício do Norte que nesse breve período de tempo descobriu o mais feio caráter de um brasileiro ingrato, sectário da escravidão de sua Pátria, justifica Tristão Gonçalves em carta de aliciamento ao presidente do Governo do Rio Grande do Norte. (15)

O resultado desta situação foi a posterior adesão do Ceará à Confederação do Equador, a 26 de agosto. De fato, naquela data memorável, o Grande Conselho do Ceará, com a presença de 455 pessoas escolhe Tristão Gonçalves seu Presidente o Padre Gonçalo de Loiola Albuquerque e Melo Mororó, seu secretário. Neste cargo, Tristão Gonçalves atingiria o ponto culminante de sua vida na história do Nordeste. Não se contentou em agir exclusivamente dentro das fronteiras de sua província. Procurou disseminar os seus ideais republicanos nas províncias da Paraíba, Rio Grande do Norte e Piauí. Sua atuação foi mais decisiva e enérgica do que mesmo a do Presidente de Pernambuco, Paes de Andrade. (16)

Na Paraíba muito antes do rompimento da Confederação do Equador, pronunciaram-se contra o governo imperial algumas Câmaras Municipais, apresentando como pretexto a dissolução da Constituinte, mas tendo como motivo real dessa atitude a escolha do Presidente Provincial, Felipe Neri Ferreira, que não merecia suas simpatias. Organizaram, em maio de 1824, um governo revolucionário no interior, chefiado por Félix Antonio Ferreira de Albuquerque, que logo obteve o apoio e auxílio militar de Manuel de Carvalho Paes de Andrade. (17)

Estes três casos atestam que havia um conflito de base entre o anseio de autonomia e participação das elites das Províncias e o desejo de manutenção da tutela pelo poder centralizador de D. Pedro I. Tal posição gerou o surgimento da contestação do poder central. Ora o desejo de participação procurava apoio e sustentação na Assembléa Constituinte, marcadamente liberal e que com toda certeza assim procederia, conforme o projeto de Constituição de Antonio Carlos, tida por Hélio Viana como “um código liberal, elaborado de acordo com as idéias da época”. (18) Negada esta possibilidade, pela dissolução da Constituinte, por decreto do Imperador, não restou aos nordestinos senão a busca de alternativas viáveis que lhes permitissem a participação. Nada melhor do que os ideais republicanos, meios eficazes de participação, condição indispensável para a consolidação da independência nacional da jovem nação.

Os exemplos estavam à vista. Processava-se o movimento libertário em toda a América com as antigas colônias espanholas todas se encaminhando pelo roteiro da República. Além disso, o sucesso da Independência dos Estados Unidos e o ideário da Revolução Francesa faziam escola. Não foi difícil, pois, a formulação do projeto alternativo. Em Recife, Paes de Andrade, no seu manifesto, “pregou abertamente a separação e a adoção da forma republicana”, enquanto no Ceará, “seria a forma de novo governo determinada em futura Assembléa Constituinte”, conforme o juramento de posse do Presidente Tristão Gonçalves, onde prometeu “fazer guerra crua ao despotismo imperial, que tende a usurpar nossos direitos” e “guerra eterna a todo despotismo, que se opuser à liberdade de nossa Pátria”. (19)

4. ESQUEMA IDEOLÓGICO DA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

Não se pode falar do esquema ideológico da Confederação do Equador e da sua sustentação política sem focalizar os precedentes e os desdobramentos da Revolução de 1817 que sacudiu o Nordeste no século passado.

Em Pernambuco, onde se mantinha vivo o antagonismo entre brasileiros e portugueses, estes chamados de “marinheiros”, explodiu em 1817 um movimento revolucionário liberal, pela independência e pela república ao mesmo tempo que voltado contra a hegemonia do sul. Foi precursor desse movimento o Padre Manoel de Arruda Câmara formado em medicina em Montpellier, na França, e que fundou em 1800 uma sociedade secreta — o Areópago de Itambé — para a propagação das novas idéias. (20)

Os objetivos do movimento foram resumido em documento impresso, o preciso dos sucessos que tiveram lugar em Pernambuco, de autoria do Magistrado José Luís de Mendonça. Chegou a ser elaborada uma lei orgânica, que alguns atribuem ao Frei Caneca, na qual eram definidos os direitos e garantias individuais às liberdades de opião e de imprensa. (21)

Referindo-se à Revolução de 1817, Carlos Studar Filho, define-a como “a mais bela e dramática das revoluções da independência para uns; movimento extemporâneo e inconseqüente no dizer de outros”, assinalando que fora “longamente preparada pelos conjurados pernambucanos” que estavam envolvidos “na conjura para sublevar o povo, promover a independência e implantar a república”. (22) Raimundo Girão entende que assim “vem rebentar, de novo, o ânimo da rebeldia, em março de 1817, com a Revolução Nativista de Pernambuco, instigada, principalmente por Domingos José Martins, educado na Inglaterra e negociante no Recife”. (23)

Estas informações levam à conclusão seguinte: “A Revolução Pernambucana de 1817 liga-se a uma série de movimentos de caráter republicano e maçônico, ocorrido na América espanhola e em Portugal. Enquanto que a parte sudeste do Brasil, onde se localizava a Côrte, aceitava a autonomia, dentro da condição de Reino Unido, os pernambucanos pensavam na formação de uma república federativa”. (24)

Esta posição é corroborada pelas informações fornecidas por Gustavo Barroso no seu livro *À Margem da História do Ceará*, editado em 1962, pela Imprensa Universitária do Ceará. Diz ele “a revolução de 1817 no Brasil correspondeu do outro lado do Atlântico à conspiração natimorta de que resultou e enforcamento diante das águas do Tejo do General Gomes Freire. Analisando-a, diz Oliveira Lima que foi gerada no seio das sociedades secretas. O Padre Joaquim Dias Martins documenta isto fartamente nas páginas de *Os Mártires Pernambucanos*. (25) Os emissários maçônicos que vieram do Reino, trazendo a palavra de ordem para a eclosão do movimento, ligados à maçonaria inglesa e ao representante na América, o célebre General colombiano Francisco Miranda, foram o grande homem de negócios Domingos Martins Dourado e capitão de artilharia Domingos Teotônio Jorge. A preparação vinha sendo feita, pelo que se sabe, mais ou menos desde 1809. Em Pernambuco se situaria o abscesso de fixação. A tolerância, o descuido e a indolência do governador desta capitania, Caetano Pinto de Miranda Montenegro facilitaria a tarefa. A isso Maler acrescenta a carestia da vida em virtude do açambarcamento de gêneros por especuladores, o que serviu de clima favorável”. (26)

Temos, então, o contexto cultural em que fermentaram as idéias que haveriam de sustentar as propostas revolucionárias da Confederação do Equador. Já não há dúvidas de que o grande sistematizador do pensamento liberal-republicano e separatista, o seu vulto mais expressivo foi o Frei Caneca (Frei Joaquim do Amor Divino Rebelo Caneca, nascido em Recife em julho de 1779 e fuzilado na mesma cidade em janeiro de 1825).

Sob a influência do liberalismo revolucionário, freqüentou o grupo denominado Academia Paraíso, centro de estudos e de divulgação doutrinária.

Na formação intelectual de Frei Caneca, o pensamento liberal domina as demais preocupações. O entusiasmo pessoal não prejudica a exposição, onde há assimilação original dos bons modelos de jornalismo panfletário, sobretudo do revolucionários franceses e norte-americanos. O ideólogo liberal pode ser melhor analisado nas críticas fundamentais à constituição de 1824. O leitor de Montesquieu (1689-1755) aparece na apologia da divisão dos poderes para impedir o retorno disfarçado ao absolutismo, enquanto a ideologia do contato social revela o cultor de Rousseau (1712-1778). (27)

Desta forma, podemos compreender o real alcance do manifesto de Paes de Andrade por ocasião do início da rebelião da Confederação do Equador. Com efeito, Manoel de Carvalho Paes de Andrade lançou uma proclamação ao povo, na qual protestava contra o despotismo do 'sultão' Pedro I, contra a restauração do regime colonial e propunha o estabelecimento de um governo constitucional, republicano e federalista que garantisse liberdade ao povo. Um 'pacto social' saído no jornal Typhis Pernambucano por Frei Caneca reclamava uma constituinte inspirada nas *luzes do século* e trazia uma clara mensagem abolicionista. (28)

Com o passar do tempo e adaptando este confronto ideológico à linguagem simples do dia a dia interiorano, no Ceará, segundo testemunho de Figueiredo Filho, os liberais eram chamados *Patriotas* e muitas famílias substituíram o nome de origem portuguesa por nomes indígenas. Vários são os casos ilustrativos a começar pelo chefe militar da insurreição no Ceará, Tristão Gonçalves Pereira de Alencar, que acrescentou ao seu nome Araripe, evocando a chapada que domina a paisagem da região do Cariri. Da mesma forma agiu o Padre Gonçalo Inácio Loiola de Albuquerque e Melo que, como Tristão, adotara o sobrenome nativista de Mororó. E a moda se generalizou naquela época de nacionalismo exarcebado. As mulheres do Icó adotaram apelidos indígenas. Nos banquetes dos patriotas substituiu-se o vinho do Porto pela brasileiríssima aguardente. (29) Já os conservadores eram apelidados de *Corcundas*, assim chamados pelas repetidas mesuras ao Imperador e aos seus representantes. (30) Eram, assim, corcundas de tanto fazerem vênias, cada vez que se referiam à pessoa do Imperador.

5. ARTICULAÇÕES POLÍTICAS E BUSCA DE APOIOS

A Confederação do Equador foi a tentativa de concretização de um projeto político bem preciso. Todas as informações documentais revelam uma trama bem urdida e um longo planejamento cuidado em todos os seus pormenores. Por isso, é necessário sublinhar o desenvolvimento das articulações políticas e a busca de apoioamento, o que era indispensável para a consolidação da conquista dos espaços alcançados.

Assim, além de Pernambuco, a rebelião estendeu-se aos Estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Na Paraíba, em maio de 1824 foi organizado um governo revolucionário, no interior, chefiado, como vimos, por Félix Antônio Ferreira de Albuquerque. (31) No Ceará, houve um envolvimento generalizado. Em Quixeramobim, em reunião do povo e da Câmara, é declarada, em ato de rebeldia, a destituição do Imperador, D. Pedro I e da dinastia de Bragança. Para a disseminação de suas idéias e com a finalidade de conseguir a adesão das demais câmaras cearenses enviou comissão composta do Padre Mororó, Belarmino Arruda Câmara e Antônio Francisco de Queiroz a outras zonas da Província. (32) Aceita a proposta pela Câmara do Icó, expediu esta uma delegação às de Russas e Aracati, solicitando o seu pronunciamento no mesmo sentido. A Câmara de Crato, após receber os três emissários, protestou a sua adesão ao movimento em favor da República, a 12 de fevereiro do mesmo ano. (33)

No Piauí, rebelaram-se Parnaíba, Campo Maior e o povoamento de Poti. Oeiras, a capital, bem informada do que se passava na Bahia e em Pernambuco, resistiu aos apelos do Governo Rebelde cearense. (34)

Em Pernambuco, foco da rebelião, Paes de Andrade, proclamara a Confederação do Equador, no dia 2 de julho. No seu manifesto concita os brasileiros a imitar "os valentes das seis províncias do norte que vão estabelecer um governo debaixo do melhor de todos os sistemas o representativo". Paes de Andrade fala de seis províncias, enquanto Tristão Gonçalves referiu-se apenas a quatro. Abdias Neves, historiador piauiense, acredita que o líder pernambucano incluiu o Piauí, onde houve pequena agitação, basicamente em Parnaíba e Campo Maior e o Maranhão. (35)

Figuciredo Filho escreve também que houve preparativos militares. Relata que "armas foram compradas aos Estados Unidos, as quais chegaram em junho, constando de 29 canhões, 800 granadeiros e 330 espadas. No Icó, por intermédio da Câmara Municipal, Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves encomendaram lanças, armas mais rudimentares, confeccionadas pelos ferreiros locais". (36)

Neste sentido de articulações políticas, a Revolução de 1817 parece ter sido mais organizada. Hélio Viana observa que pretendendo dar uma significação internacional ao movimento, os revolucionários enviaram emissários aos Estados Unidos, Inglaterra e Rio da Prata. Para entender-nos com o Governo norte-americano e comprar armamentos e munições foi escolhido Antonio Gonçalves da Cruz. Para a Inglaterra mandou-se um negociante inglês do Recife, Kesner e para o Rio da Prata nomeou-se agente dos revolucionários. Félix Tavares de Lira. (37)

6. A LUTA ARMADA

Conhecida no Rio de Janeiro a notícia da rebelião, enviou o governo para o Recife navios e uma força de 1.200 homens, sob o comando do Almirante Thomas Cochrane e do Coronel Francisco de Lima e Silva. Cochrane chegou a Pernambuco na segunda quinzena de agosto e Lima e Silva desembarcou em Alagoas, avançando por terra para o Recife, enquanto a esquadra bloqueava o porto. No dia 12 de setembro, depois de resistência tenaz, os revolucionários deram-se por vencidos. Paes de Andrade, Natividade Saldanha e o comandante de armas Falcão de Lacerda refugiaram-se numa fragata inglesa que os salvou. Frei Caneca continuou em guerrilha pelo sertão, tentando chegar ao Ceará, onde a rebelião ainda se mantinha, comandada por Tristão Gonçalves. (38)

No Ceará o conflito, segundo Batista Aragão, não levou ao emprego de tropas, em termos de organização guerreira, porém escaramuças isoladamente constituídas e destinadas a conter o remanescente liberalista em fuga. (39) Figueiredo Filho relata detalhadamente o rumo da luta armada assinalando que "o movimento tinha de ser sustentado pelas armas, pois tinha caráter inteiramente revolucionário contra o regime instituído no Brasil a 7 de setembro. Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves resolveram mandar expedição para acompanhar os deputados cearenses eleitos à Constituinte de Pernambuco e também para liberar um seu emissário que se sabia ter sido preso na Paraíba. Para cumprir a audaciosa tarefa foi designado o próprio Pereira Filgueiras que passou, então o Comando das Armas ao Tenente Coronel Antonio Bezerra de Sousa, partindo a 3 de setembro com destino ao Crato, onde Martiniano de Alencar já orientava a resistência aos legalistas paraibanos que ameaçavam invadir o Ceará. (40)

Ainda Figueiredo Filho informa que a viagem de Filgueiras foi bastante acidentada, registrando-se indisciplina entre os seus próprios soldados. Sob o pretexto de falta de pagamento, a tropa se agita. Mas, o comandante pune os indisciplinados, expulsando-os e entregando-os à justiça comum e prossegue sua caminhada. (41)

Ocorre então o desastre de Picada. Raimundo Girão informa que uma tropa de choque de Pereira Filgueiras se dirige a Pernambuco através dos sertões da Paraíba. Sob o comando de Maximiano Rodrigues dos Santos a tropa é totalmente sacrificada. Eram cerca de 150 soldados e deles escapam apenas três. Foram aniquilados pela força de Joaquim Pinto Madeira, líder corcunda de Jardim, no Ceará. (42) Referindo-se ao episódio, Figueiredo Filho apresenta um quadro desolador: "Maxi, como era comumente conhecido, não cumpriu a missão que lhe foi destinada pela confiança de seu chefe. A passagem de sua tropa deixou apenas rastro de sangue, de desatino e desordem entre as populações sertanejas. Disseminou assim, em confusão, o germe de re-

volta do povo contra o ideal que incarnava. A rota que Filgueiras lhes traçou foi igualmente desviada. Após tantos desatinos, acantonaram na Fazenda Picada, fronteira da Paraíba, para o pernoite. A tropa estava toda estenuada, cansada ou embriagada pelo excesso de álcool. Todos agarravam no sono, esquecidos da missão que iam cumprir e do número de desafetos que fizeram no percurso. Foram surpreendidos inopinadamente pelos legalistas naquele torpor. A luta foi dura e conquistada com pesados sacrifícios dos legalistas. A munição faltou entre os atacados e o massacre integrou-se a ferro frio". E conclui Figueiredo Filho "daquela tropa enviada por Filgueiras, só cinco escaparam com vida" (43)

Pereira Filgueiras, estarrecido com a derrota da sua vanguarda, retorceu até Icó e dali tomou o destino de Crato, onde ainda houve combate no Sítio Batateira. O quadro da derrota já estava delineado. Por isso, de comum acordo com Martiniano de Alencar, Pereira Filgueiras dissolve sua tropa na Serra do Araripe, seguindo os dois chefes para o vizinho município pernambucano de Exu. (44)

Ao lado desses tristes acontecimentos para a causa republicana outros, difíceis, se desenrolavam na Capital. Informado de que Luis Rodrigues Chaves, enviado a Pernambuco como seu emissário, bandeara-se para o imperialismo e marchava para o Ceará, com a missão contra-revolucionária, Tristão Gonçalves deixou na Presidência José Félix de Azevedo e marchou para o Aracati (45), onde se travou novo e violento confronto.

Novamente é Figueiredo Filho que apresenta pormenores e detalhes sobre a epopéia de Tristão Gonçalves. "Após a tomada de Aracati das mãos de seu antigo companheiro de armas — Luís Rodrigues Chaves — tem conhecimento dos desastres de Pernambuco e da tomada de Fortaleza pelo Almirante Cochrane". Resolveu Tristão marchar para o Cariri em busca de Pereira Filgueiras. Apesar de sua energia inata, negligência na disciplina da tropa. Comete ela as maiores estrepolias. No Boqueirão, município de Russas, ocorreram os maiores desatinos. Foram desmoralizados elementos da Família Leão que, observando o severo código de honra dos sertões, juraram vingança contra o chefe da expedição, o próprio Tristão Gonçalves. (46)

Eusébio de Sousa na sua *História Militar do Ceará* descreve a tragédia final de Tristão Gonçalves trucidado com requintes de barbaridade na localidade Santa Rosa, hoje município de Solonópoles, a 31 de outubro de 1824, assediado por Tropas de Manuel Antonio Amorim, da Paraíba e um bando capitaneado por José Leão em missão de vingança pelos incidentes do Boqueirão. (47)

Estava assim, melancolicamente, encerrada a marcha da Confederação do Equador. Duas Comissões encarregavam-se de julgamentos. A vingança é impiedosa. Uma onde avassaladora de sangue cobre o Ceará. Há um como-

vente exemplo de grandeza e dignidade no martírio do Frei Caneca. Condenado à forca, não há algozes para o extremo suplício. Por isso, teve que ser fuzilado. Sorte idêntica coube ao Padre Mororó que se portou com sangue frio diante da morte. Não deixou que lhe pusessem a venda nos olhos. Com a mão no peito, exclamou resolutamente ao pelotão de fuzilamento: "Camaradas, o alvo é este: tiro certo que não me deixem sofrer muito". (48)

7. CONCLUSÃO

Joaquim Catunda escreveu que a República da Confederação do Equador veio a morrer pela incapacidade nativa da raça para qualquer regime de liberdade política, mas sem maior razão. A Confederação não deixou de vencer por falta de uma aptidão assim pessimistamente generalizada e sim em virtude dos mesmos fatores negativos que derrotam as revoluções saídas para o campo ou para as ruas ainda não devidamente sazoadas e só deflagradas pela energia insopitável dos fortes ideais e dos fortes sonhos. (49)

"A Confederação do Equador — disse Júlio César da Fonseca — foi um sonho, um desses sonhos eternos de reforma e transformações, foi um poder criador, olhando o futuro da pátria, sem ambições e os preconceitos dos caçadores de glórias vãs, dos imitadores e copiadoreis estéreis sem ânsia do bem, que se superpõe aos seus interesses e só se preocupam com o seu eu. Pelos gestos de abnegação e sacrifício tem os seus heróis lugar de eminente destaque em nossa agiologia cívica". (50)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Batista Aragão. *História do Ceará*. Fortaleza, s/d, p. 188.
2. Manuel de Carvalho Paes de Andrade, Presidente da Província de Pernambuco.
3. Figueiredo Filho. *História do Cariri*. Vol. II, Crato, 1964, p. 62-62.
4. Figueiredo Filho. *o. c.*, p. 54.
5. Hélio Viana. *História do Brasil*. Vol. 2, São Paulo, 1972, p. 339.
6. Vicente Tapajós. *História do Brasil*. p. 227.
7. Tobias Monteiro. *História do Império*. Tomo I, Rio de Janeiro, 1939, p. 51.
8. Batista Aragão. *o. c.*, p. 189.
9. Tobias Monteiro. *o. c.*, p. 73
10. Adolfo de Varnhagem. *História da Independência do Brasil*. São Paulo, 1957, p. 312.

11. Figueiredo Filho. *o. c.*, p. 52.
12. Hélio Viana. *o. c.*, p. 338.
13. Figueiredo Filho. *o. c.*, p. 52.
14. Idem. *o. c.*, p. 58.
15. Tristão Gonçalves de Alencar Araripe. apud Figueiredo Filho. *o. c.*, p. 56.
16. Figueiredo Filho. *o. c.*, p. 55.
17. Hélio Viana, *o. c.*, p. 431.
18. Idem. *o. c.*, p. 329.
19. Figueiredo Filho. *o. c.*, p. 63.
20. Revoluções no Brasil em *Enciclopédia Mirador*. Vol. 18, p. 9869.
21. Revoluções no Brasil em *Enciclopédia Mirador*. Vol. 18, p. 9869/70.
22. Carlos Studart Filho. *A Revolução de 1817 no Ceará e outros Estudos*. 1961, p. 28.
23. Raimundo Girão. *Pequena História do Ceará*. Fortaleza, 1962, p. 164.
24. Ilmar Rohloff de Matos. *Brasil, uma história dinâmica*. Brasília, 1973, p. 176.
25. Gustavo Barroso. *À Margem da História do Ceará*. Fortaleza, 1962, p. 158.
26. "CANECA, Frei", em *Enciclopédia Mirador*. Vol. 5, p. 2003.
27. "Revolução no Brasil", em *Enciclopédia Mirador*. Vol. 18, p. 9870.
28. "Revoluções no Brasil", em *Enciclopédia Mirador*. Vol. 18, p. 9870.
29. Figueiredo Filho. *o. c.*, p. 58.
30. Figueiredo Filho. *o. c.*, p. 74.
31. Hélio Viana. *o. c.*, p. 431.
32. Figueiredo Filho. *o. c.*, p. 54.
33. Cruz Filho. *História do Ceará*. apud Figueiredo Filho, *o. c.*, p. 54.
34. Figueiredo Filho. *o. c.*, p. 55.
35. Abdias Neves. *O Piauí na Confederação do Equador*. apud Figueiredo Filho, *o. c.*, p. 64.
36. Figueiredo Filho. *o. c.*, p. 59.
37. Hélio Viana. *o. c.*, p. 255.
38. "Revoluções no Brasil", em *Enciclopédia Mirador*. Vol. 18, p. 9870.
39. Batista Aragão. *o. c.*, p. 192.
40. Figueiredo Filho. *o. c.*, p. 66.
41. *Ibid.*
42. Raimundo Girão. *o. c.*, p. 182.
43. Figueiredo Filho. *o. c.*, p. 67.
44. Idem, *o. c.*, p. 68.
45. Raimundo Girão. *o. c.*, p. 182.
46. Figueiredo Filho. *o. c.*, p. 72.

47. Eusébio de Sousa. *História Militar do Ceará*, apud Figueiredo Filho, o. c., p. 72.
 48. Figueiredo Filho, o. c., p. 79.
 49. Joaquim Catunda, apud Raimundo Girão, o. c., p. 185.
 50. Júlio César da Fonseca, apud Raimundo Girão, o. c., p. 186.
-

BIBLIOGRAFIA

01. Barão de Studart. *Os Mártires da Confederação do Equador*. Fortaleza, 1924.
02. Barroso, Gustavo. *À Margem da História do Ceará*. Fortaleza, 1962.
03. Batista, Aragão R. *História do Ceará*. Fortaleza, s/d.
04. Brígido, João. *Apontamentos para a História do Cariri*. Fortaleza, s/d.
05. Carvalho, Jáder, de. *Antologia de João Brígido*. Fortaleza, 1962.
06. Costa Lima, Abelardo. *O Aracati e a Confederação do Equador*. Fortaleza, 1943.
07. Cruz Filho. *História do Ceará*. Fortaleza.
08. Dantas, D. José Adelino. *Homens e Fatos do Seridó Antigo*.
09. Figueiredo Filho, J. de. *História do Cariri*. Crato, 1964.
10. Girão, Raimundo. *Pequena História do Ceará*. Fortaleza, 1962.
11. Matos Ibiapina, J. "Confederação do Equador", em: *Revista Cultura Política*, n.º 29 (1943), p. 4083.
12. Monteiro, Tobias. *História do Império*. Rio de Janeiro, 1939.
13. Muniz Tavares, F. *História da Revolução de Pernambuco em 1817*, Recife, 1917.
14. Neves, Abdias. *O Piauí na Confederação do Equador*. Teresina.
15. Pinheiro, Irineu. *Efemérides do Cariri*. Fortaleza, 1963.
16. Ribeiro, João. *História do Brasil*. Rio de Janeiro, 1939.
17. Rohloff, Ilmar et alii. *Brasil, uma História Dinâmica*. Brasília, 1973.
18. Sousa, Eusébio de. *História Militar do Ceará*. Fortaleza, 1950.
19. Studart Filho, Carlos. *A Revolução de 1817 no Ceará e Outros Estudos*. Fortaleza, 1961.
20. Tapajós, Vicente. *História do Brasil*. Rio de Janeiro.
21. Teixeira de Barros, Luís. *A Revolução de 1817 no Ceará*. Recife, 1944.
22. Torres Câmara, J. E. *Primeiro Centenário da Revolução do Equador*. Fortaleza, 1924.
23. Varnhagen, F. Adolfo. *História Geral do Brasil*. São Paulo, 1936.
24. Viana, Hélio. *História do Brasil*. São Paulo, 1972.

«À Sombra da Baraúna»

NOVO LIVRO DO Dr. MARCHET CALLOU

O odontólogo Marchet Callou, 80 anos, mais de 50 anos residente em Barbalha, onde se integrou a todas as atividades comunitárias, sociais, literárias e artísticas, reuniu num livro alguns dos seus poemas, de rara beleza e inspiração, a que deu o título de À SOMBRA DA BARAÚNA.

É o Dr. Marchet um dos homens mais cultos e inteligentes de nossa região, possuindo privilegiada inspiração, refinado espírito e superior educação. Amante da natureza, tem dado demonstrações inequívocas de sua grandeza intelectual através de uma vivência de dezenas de anos em nossas instituições de cultura, pertencente que é a duas delas, o Instituto Cultural do Cariri, no Crato e o Instituto Cultural do Vale Caririense, em Juazeiro.

Em Barbalha já fundou, dirigiu e amparou dezenas de entidades e instituições e é sócio ativo do seu Lions Club.

Poeta, jornalista, escritor, historiador, consagrado orador, o Dr. Marchet Callou brindou a intelectualidade cearense com essa primorosa obra, que é seu livro de poemas, prefaciado pelo Dr. Napoleão Tavares Neves. Não se pense que ele esgotou a sua produção poética. Tem, ainda, centenas e centenas de outros versos, igualmente inspirados, límpidos e puros, em que demonstra a sua espiritualidade e a sua grande riqueza interior.

É de esperar-se que brevemente tenhamos outros livros desse vate, que é uma das maiores riquezas e reservas morais que temos no Cariri. À SOMBRA DA BARAÚNA é livro digno das melhores estantes, pela sua densidade e beleza, pela profunda psicologia humana, pela singeleza dos versos, pela inspiração poética inigualável, e, sobretudo, pela grande contribuição que representa, do Cariri, à literatura poética do Cariri para o Ceará e para o Brasil.

NOVO LIVRO DE RIBEIRO RAMOS CHEGA AO CARIRI

Estamos de posse, gentilmente ofertado pelo seu autor, do novo livro do Escritor Ribeiro Ramos, Presidente da Academia Sobralense de Estudos e Letras, membro da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará, o Dr. João Ribeiro Ramos.

Reunindo crônicas e comentários diversos, crítica literária e análise de pessoas e fatos, o apreciado volume, CONSUMINDO LUAS, com belíssima capa e refinada edição da Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 1987, é uma pequena obra prima que muito honra a inteligência e a cultura do Autor, hoje um dos mais renomados nomes da literatura cearense, com prestígio, inclusive, em outros Estados.

Dotado de sólida cultura e de grande vivência, o escritor sobralense fixou-se na Província e tem sabido valorizar o torrão natal, com vasta contribuição às suas letras, seja em jornais ou revistas, ou através de livros, com a sua esposa, a beletrista Dinorá Tomaz Ramos, sobrinha do imortal Pe. Antônio Tomaz, o Príncipe dos Poetas Cearenses.

CONSUMINDO LUAS é um livro que honra a moderna literatura cearense, pela riqueza incomum de suas crônicas, nele contidas, versando sobre a mais variada temática, destacando-se um estudo sobre a seca, o grande drama do Nordeste, e uma galeria de crítica literária sobre livros e autores cearenses. Uma grande obra, digna de um grande Autor.

Ribeiro Ramos se insere na primeira linha dos modernos intelectuais do nosso Estado, constituindo-se uma honra para a sua Sobral e um orgulho para os cearenses.

Sua contribuição à literatura do nosso Estado é das mais consideráveis, e sua participação em nossos organismos culturais, literários e científicos, como a Academia Cearense de Farmácia, que fundou e dirige, o consagram como um dos cearenses mais dinâmicos dos presentes tempos.

FALECEU O GENERAL RAIMUNDO TELES PINHEIRO : VAGA A CADEIRA 12

O Instituto Cultural do Cariri sofreu rude golpe, com o falecimento, em 13.10.87, em Fortaleza, do seu eminente sócio titular, e fundador, General Raimundo Teles Pinheiro. Durante mais de 30 anos foi amigo incondicional de nossa instituição, ajudando-a, amparando-a, representando-a e exaltando-a por onde quer que passasse, em todo o país e no exterior.

Espírito refinado, homem de verticalidade nos gestos e nas palavras, integral no seu caráter, patriota na sua vida, foi, além do mais, prestativo cidadão e amantíssimo do Crato, verdadeiro orgulho de sua gente.

Ao seu sepultamento, no Parque da Paz, em Fortaleza, compareceu, representando o ICC, o ex-Presidente João Lindemberg de Aquino.

O desaparecimento do General Teles foi perda irreparável para o Instituto, entidade que ele amou como ninguém. Ficou vaga, assim, a Cadeira n.º 12, que ele ocupou com tanto brilhantismo, inteligência, dignidade e fidelidade.

Nada se poderia acrescentar a esta nota de pesar dos seus consócios do ICC do que a sua biografia, das mais brilhantes, e que abaixo se transcreve:

GENERAL RAIMUNDO TELES PINHEIRO

Nasceu Raimundo Teles Pinheiro na Praça Siqueira Campos, onde hoje se situa a Loja Famol, aos 20 de Março de 1910, filho do casal Cícero Pi-

nheiro Bezerra de Menezes-Teresa de Jesus Teles, esta, filha do cel. Teodoro Teles de Quental.

Casou em primeiras núpcias com Eunice Cartaxo Teles — sua prima legítima — de cujo consórcio nasceu e faleceu prematuramente, um filho, mas criou como filha a prima Isolda, esposa do médico José Ulisses Peixoto; Enviuvando, casou novamente, com outra prima, irmã da primeira esposa, Valdelice Cartaxo Teles, e ainda criou como filha Lucileide Alencar.

Cursou o Colégio Diocesano do Crato (1918-1921), o Colégio Militar do Ceará (1922-1928), a Escola Militar do Realengo (1930-1932), por onde foi declarado aspirante à Arma da Infantaria; a Escola de Comando do Estado Maior do Exército (1946-1948). Cursou, ainda, a The Infantry School, em Fort Benning, Geórgia, Estados Unidos (em 1944).

Foi condecorado com a Cruz Militar de Ouro, a Ordem do Mérito em Grau de Oficial, a Medalha do Pacificador, a Medalha de Guerra Maria Quitéria, a Medalha do Colégio Militar, a Medalha do Marechal Hermes, a Medalha Sousa Aguiar e outras.

Foi, ainda Cidadão Honorário de Fortaleza.

Exerceu as funções de Oficial Subalterno (de Aspirante a Capitão) nos 23, 21 e 37 BC, no 5.º Batalhão do 4.º RI, além de Oficial no QG da 7.ª Região Militar, Chefe de Secção da 25 CR.

Como Oficial Superior, de Major a Coronel, chefiou a Secção do Estado Maior da 10.ª Região Militar e as ex - subsecções do Estado Maior do Exército, Estatística, História e Geografia. Representou o Ministério do Exército no Conselho Nacional de Geografia e Diretoria do Grupo de Armamento do Exército; Chefe do Estado Maior da 10.ª Região Militar, e comandou, sucessivamente, o CPOR de Fortaleza, a Escola Preparatória de Cadetes e o Colégio Militar de Fortaleza, que instalou e comandou 30 meses.

Foi eleito sócio correspondente do Instituto do Ceará em 1965 e seu sócio titular em 21 de janeiro de 1974. Pertenceu ao Instituto Cultural do Cariri desde a sua fundação e nele ocupou a Cadeira n.º 12, titular Leandro Bezerra de Menezes.

Publicou: A Heroína e os Bravos; Esboço Histórico do Crato; Aspectos Políticos da Guerra do Paraguai; A Dezembrada; O Dia Santo da Pátria, seus Oragos; Guerras Platinas do 2.º Reinado; Projeção de Caxias na Guerra do Paraguai; Valores Permanentes e Valores Transitórios; Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco; Os Bezerra de Menezes e Afins: Respingos Históricos, Abril Político; Estudos Históricos e Militares e Outros Temas; Fiapos (Memórias) além de centenas de discursos e conferências. Faleceu em Fortaleza, em 13 de Outubro de 1987, sendo sepultado, com honras militares, naquela capital, no Cemitério Parque da Paz, às 10 horas da manhã do dia seguinte, com vários oradores saudando sua personalidade, à beira do túmulo.

Meu Pé de Serra

Pé de serra, meu berço, meu recanto
Jardim de amores, sonhos e quimera !
Verdes campos em flor, beleza, encanto
Da natureza aberto em primavera

À sombra do arvoredado o doce canto
Do rouxinol que uma saudade impera !
E a fonte rumoreja como um pranto
De quem partindo, alguém deixa à espera.

Seus ocasos são cheios de poesia
E o teu nascer do sol tão radiante
Divina luz esparge sobre a terra.

E a lua cheia em toques de magia
Incita o seresteiro, delirante,
Cantar em teu louvor, meu pé de serra !

Maior Saudade

Que noite linda ! Sim, mas que tristeza
Abrange o ar e acoberta a serra !
O céu imerso em sideral beleza
Chora um pranto de estrelas sobre a terra.

Paira o silêncio em toda a natureza ! . . .
A cortina das sombras se descerra
E a lua brota como vela acesa
Tudo envolvendo no palor que encerra.

Que paz tranquila ! Que serena calma !
E eu pasma em frente á dor que me apavora
Não te encontro e me cresce a ansiedade . . .

Do pranto o encanto me anunvia a alma
E nesta angústia que me punge agora
Sinto que és tu minha maior saudade !

Silêncio, coração!

Não bate, coração, que eu tenho medo
De que batendo, assim, descompassado,
Tu venhas descobrir o meu segredo
Que bem no teu escrínio está guardado.

Há muito acalentei meu sonho ledo
Que a ti somente tenho confiado.
És tudo que representa seu degredo
Que não deve a ninguém ser revelado.

Silêncio, coração, meu amor dorme !
E eu suporto calada o peso enorme
Desta dor que jamais manifestei.

Portanto, coração, eu te proclamo:
— Não descubras a quem eu tanto amo
Não digas a ninguém por quem chorei !

Não

Não ! — Tu disseste — E insensivelmente
De mim fugiste altivo e arrogante
E esta palavra amarga, intransigente
Abalou minha vida num instante.

Não ! E partiste, frio, indiferente
Ao meu olhar tão triste, suplicante
E no vácuo deixado em minha frente
Senti meu coração agonizante.

Quanto tempo não sei, fiquei detida
Aquele "não", e lágrimas brotaram
De meus olhos tão fartos de amarguras

Não ! que palavra cruel, estarecida . . .
Três letrinhas singelas que gravam
Em seu mistério um mundo de torturas.

SOBRIL

Sociedade Bringel Irmãos Ltda.

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO E AGRÍCOLA



MATRIZ : Rua Monsenhor Esmeraldo N.º 785/801

CAIXA POSTAL 46 — TELEG. : **SOBRIL**

TELEFONES : 521 - 2416 — 521 - 2352 — 521 - 1422



FILIAL : PRAÇA FRANCISCO SÁ N.º 171/175

TELEFONE : 711 - 1160

IGUATU — CEARÁ



SOBRIL — “a sua melhor opção”

Um Mundo Novo

Costumo andar pelo campo.
Andar
a passo lento,
apreciando o balançar da ramagem
acariciada pelo vento.

Costumo andar pelo campo
tudo observando:
a florada amarela,
branca,
roxa,
enfeitando das árvores a folhagem;
pássaros voando,
cantando;
pequenos animais
correndo,
fugindo,
escondendo-se.

Costumo andar pelo campo,
lá pela tarde,
já pelo crepúsculo,
no período do escassear ao renovar das chuvas,
admirando as cores vivas
que pintam o céu.

E,
enquanto assim caminho pelo campo,
também sonho.

Sonho com um mundo novo,
um mundo com os homens se irmanando,
sem preconceitos
de cor,
raça,
nacionalidade
e credo.

Um mundo novo,
com povo opinante,
homens sem medo
e sem regime de exceção.

M. DIAS BRANCO S. A.

—Comércio e Indústria—

(ff) Fábrica Fortaleza

DEPÓSITO REGIONAL DO CARIRI, EM CRATO

OS MELHORES PRODUTOS:

BISCOITOS, MACARRÕES E

MASSAS ALIMENTÍCIAS

TUDO DA MELHOR QUALIDADE!

AVENIDA PADRE CÍCERO, Km 2 — MURITY

TELEFONES: 521 - 1616 — 521 - 1766

CRATO — CEARÁ

Seca

Seca é fome,
é sede,
é revolta.
É assunto pra muita conversa.
Até pra muito discurso.

Seca
é mãos vazias,
carência de trabalho.
É partida,
logro,
lamento,
lágrima.

Seca
é desabrigo,
terra largada,
viagem sem rumo,
desamparo,
tristeza,
saudade.

Seca
é tapera
onde casa já foi.
É uma cadela
magricela
correndo,
pulando,
caçando a caça que não há.

É uma pequena cruz,
tosca,
à beira do caminho.
É ossada de animais
pelos varzados espalhada.

Seca
são falas vazias,
promessas incertas,
aviltamento do ser humano.

É "indústria".
É assunto pra muita conversa,
pra muito discurso.

É tempo adequado
pra se conhecer
quem é quem.

Menino de Rua

Menino de rua,
menino sem lar,
de vestes rotas,
pé no chão,
faminto,
desnutrido,
enfermiço.

Menino de rua,
magricela,
raqúitico,
sem a própria idade saber,
aparentando ter quatro
ou cinco anos de fome,
quando bem mais há de ter.

Menino de rua,
de carinho carente,
de amor necessitado
mas por todos olhado de viés.

Menino de rua,
cuja ambição é ter amigos,
cuja cobiça é uma morada,
é ter pão,
matar a fome.

Menino de rua,
que anseia por palavras de ternura,
de carinho,
de esperança,
mas só ouve NÃO!

Menino de rua,
que quer trabalhar,
que sonha aprender,
além de brincar,
mas atenção
ninguém lhe dá.

Menino de rua,
futuro pivete,
de Funabem ameaçado.
Funabem.
que devia promover seu bem-estar,
mas que o tem promovido
quase sempre
a delinqüente.

Menino de rua,
por quem passam
homens diversos,
de diversas crenças
e ocupações,
que o olham
sem vê-lo.

Em que dia,
em que tempo,
menino de rua
— salvado da Funabem —,
te verei calçado,
vestido,
nutrido,
num mundo melhor,
caminhando para a vida?...

Thomaz Osterne de Alencar S.A.

COMÉRCIO — INDÚSTRIA — AGRICULTURA

RÁDIOS — RADIOFONES — MÓVEIS — MATERIAL
ELÉTRICO

MATRIZ: RUA DR. JOÃO PESSOA N.º 393/419
TELEFONE : 521-1304

FILIAL: RUA BÁRBARA DE ALENCAR N.º 796
TELEFONE : 521-1022

LOJINHA PARA PRESENTES

RUA DR. JOÃO PESSOA, 401 — FONE : 521-3235
ENDEREÇO TELEGRÁFICO : **OSTERN**
CAIXA POSTAL, 16 — CRATO - CEARÁ

FILIAIS DE JUAZEIRO DO NORTE :

RUA SÃO PEDRO N.º 814 — FONE : 511-1656
RUA SÃO PEDRO, 1348/52 — FONE : 511-4476

Erato

Na parte Sul do Estado do Ceará,
bem no sopé da Serra do Araripe,
se assenta esta cidade encantadora,
docemente embalada pelo vento
cintilando qual estrela que tivesse
por acaso caído do azul do firmamento.

A pequena igreja construída
na metade do século dezoito
pelo bondoso Frei Carlos de Ferrara
e à Senhora da Penha consagrada,
foi o marco inicial do aldeamento
que ao seu derredor celeremente
alegre e futuroso se formava
recebendo o nome de Miranda.

Era a Missão de Miranda que depois
passou a se chamar de Brejo Grande
e hoje é CRATO, a cidade que se expande,
bonita, humana e tão gentil,
a princesa imortal do CARIRI
e que é orgulho do Ceará e do Brasil.

Plantada num oásis verdadeiro,
no centro de um vale rico e ubérrimo
considerado por todos o celeiro
inesgotável de bens e de alimentos
para todo o NORDESTE brasileiro.

Teu passado de glória se baseia
no civismo vibrante do teu povo,
na coragem por ele demonstrada
e tantas vezes na história lembrada.

És o berço natal de homens ilustres,
de cultura e de talentos inegáveis,
de notáveis varões que te cobriram
de glórias e de lembranças inefáveis.

Cidade das feiras e das fontes
que da serra brotam borbulhantes
e te dão fama quase universal
de paraíso real dos visitantes.
Cidade abençoada de mil sonhos,
de ambientes claros e risonhos,
pela vez primeira eu ti visito,
a ti, à tua gente acolhedora e amiga
e aos bravos companheiros que festejam,
nesta noite feliz e memorável,
oo jubileu de ouro deste Clube.
E para todos eu trago, emocionado,
o abraço de um irmão que vem de longe,
de afeto e de ternura impregnado !

Crato, 20-6-87

ABÍLIO GONÇALVES

Governador 82-83 - Dist. 453

*Festividades do Cinquentenário
do Rotary Club do Crato*

*Dr. José Valder Nogueira,
amigo de Itaytera*

Mais uma vez, para que a edição da revista ITAYTERA, correspondente ao n.º 32, de 1988, pudesse se concretizar contamos com a ajuda valiosa, e nunca negada, do eminente cearense, dr. José Valder Nogueira, Diretor do Setor de Programas Especiais do Banco Central do Brasil, de Brasília.

O ilustre conterrâneo, ligado por casamento a tradicional família do Crato, já tendo aqui residido e trabalhado no Banco do Brasil local, é um entusiasta do trabalho que o ICC vem realizando, especialmente da publicação de ITAYTERA, aos quais tece rasgados elogios e sempre incentiva com sua participação e entusiasmo.

3 POEMAS

Guerra e Paz

CORREIA COELHO

Os homens se devoram como feras;
Pior que feras eles se devoram,
Alheios às fantasias e quimeras
Deste planeta Terra, em que moram.

Guerras, violências, — crime que prolifera
Ceifando vidas entre os males que afloram,
Através dos tempos, através das eras,
Indiferente àqueles que choram.

Pra quê guerras? Violências? — A crueldade?
Conduzindo os homens a um mundo rôto?
Sacrificando toda a humanidade?

Conceitos torpes? Não... Firmem-se noutros,
Formando a corrente Paz-Liberdade,
Estendendo e dando as mãos uns aos outros.

Nossas Bodas de Ouro

Suprema união dos nossos destinos,
Ao pé do altar da Virgem do Rosário,
Aos eflúvios de um amor quase lendário,
Já trazia a marca do seu predestino.

E a felicidade foi lema contínuo
Na longa estrada do nosso fadário.
Colocamos a vida em relicário,
Oferecido por DEUS, pelo nosso tino.

Uma festinha de amor, paz e alegria,
Filhos, noras e netos congraçados,
Fêz tudo agradável naquele dia.

E — no simbolismo da fé — ajoelhados,
Agradecemos a DEUS pelo que fazia:
A graça dos cinquenta anos de casados!...

==Laboratório de Análises Clínicas==

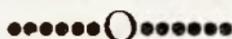
Cândido Santos

DIREÇÃO

TÉCNICA :

DRA. MARIA BERNADETE CÂNDIDO SANTOS

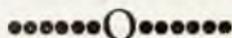
CPF 023.868.523-34



DIREÇÃO

ADMINISTRATIVA :

ANTONIO AUGUSTO LIMA SANTOS



RUA DR. MIGUEL LIMA VERDE, 550

TELEFONE : 521 - 0905

CRATO

—

CEARÁ

Ausência Amarga

CORREIA COELHO

(À memória do mano Alonso)

Em uma tarde cismarenta e triste,
Ele partira para bem distante.
Uma saudade a que ninguém resiste,
No coração de sua mãe ficou marcante.

Levou consigo o destino que o assiste,
No efeito de uma separação chocante.
Deixou amores . . . e o vazio que persiste,
Ao longo dos tempos, numa constante.

Anos se passaram, décadas também.
Entes queridos a quem tanto amara,
Já perderam a vida para o além.

E a ausência amarga continuará
Sem esperanças mais para ninguém:
E ao lar paterno ele nunca mais voltará ! . . .

Trovas Novas, Novas Trovas

MARY SCHULTZE

Rabino é padre judeu
que ainda espera o Messias.
Porque não leu ISAIAS
e, se o fez, não entendeu !

Quisera eu ter nascido
lá pelas Minas Gerais.
Pois sempre falo demais,
gerando o malentendido !

Com meio século de idade,
bem que eu podia morrer.
Mas, prá falar a verdade,
nem pretendo envelhecer !

Apesar dos meus cinquenta
de dez por cento acrescidos,
minha alma odeia gemidos
e de sonhos se alimenta !

Quando ao espelho me vejo,
apesar do que ele diz,
ainda sinto o desejo
de amar e ser feliz !

Meus cabelos prateados
disfarço, sob a tintura.
E com muita compostura,
prefiro vê-los dourados !

Tenho saúde e dinheiro
que me permitem viver.
Mas trabalho dia inteiro,
porque detesto o lazer !

Se Academias, de fato,
só dão título a Marquês,
eu já sou membro de três,
pois sou MARQUESA DO CRATO!

Ser LÍDIA DE TIATIRA
é muita honra prá mim.
O nome dela me inspira
e eu faço e vendo carmim !

Bem cedo a luta me chama
e acordo pensando assim:
meu JESUS tanto me ama,
que deu a vida por mim !

Tenho fé em JESUS CRISTO,
meu bendito Salvador.
E firmada em seu amor,
da esperança não desisto.

Quando meus olhos fechar,
neste mundo incoerente,
num instante... E eternamente,
iréi JESUS contemplar !

Minha Alma

REGINA HELENA DE ANDRADE MENDES

A minha alma é velha e é menina
Ajuizada e louca, grande e pequenina
A minha alma são traços e retraços.
Composta e recomposta de retalhos
Que fui pintando ao longo dos caminhos.
Areia, lódo, pedras e cascalhos
Vermes, lagartos, flôr, gotas de orvalho . . .
A minha alma é verso e reverso:
Ceú e inferno nun único universo.
A minha alma é feia e é bonita.
Realidade mesclada ao sonho e fantasia:
Un arco-íris todo feito em fitas . . .
Esta alma que temos ao peito aninha
Esta alma que escondo e faço ser tão minha
Esta alma sôbre a qual tão pouco se advinha
(porque capaz de sufocar no riso a dor secreta)
É a alma simples de um pobre poeta
Que tem por sina ou castigo o dom perverso
De expor desnuda a própria alma
Quando a mostra trasformada em versos !

(GOIÂNIA - GOIÁS)

Trovas do Livro de Jó

MARY SCHULTZE

Jó 11 : 12

Encontro em meu alfarrábio
verdades que nunca somem:
*Um todo vai ficar sábio, **
quando um burro nascer homem.

Jó 13 : 14

Eu, de sofrer tantas dores,
cheguei a dar este grito:
Vocês, amigos doutores,
não valem nada - eu repito !

Jó 15 : 21

Se o somido dos horrores
está nos ouvidos teus,
falemos, então, de flores,
prova da glória de Deus !

Jó 16 : 6

Se eu falar, esta dor*
no peito não vai cessar.
Nem do alívio o sabor*
sentirei, se me calar.

Jó 19 : 14

Parentes me desamparam,
meus conhecidos me esquecem.
Os amigos debandaram
e só teus olhos me aquecem.

Jó 19 : 23

Em livros estas trovinhas
gravados eu quero ver.
Senão, como as andorinhas,
voarão, no entardecer.

Jó 19 : 25

Uma certeza eu já tive,
quando JESUS encontrei:
Sei que o meu Redentor vive
e eu também viverei !

Jó 22 : 2

Escrevo trovas em resma,
somente para dizer:
Serei util a mim mesma,
se sábia vier a ser !

Jó 28 : 16 . 19

Nem com pedras preciosas,
Como o topázio, a safira,
pago as rimas sonoras
que nascem da minha lira.

Jó 28 : 17,28

Sabedoria não troco
por jóias de ouro fino.
(nem por santos de pau oco),
só pelo temor divino.

Jó 29:13-b

Esta referência eu dou
somente para você:
Jó vinte e nove, encontrou ?
Versículo treze - b.

Jó 29:19

Que egoísmo não se acoite
no amor que de graça damos.
E o orvalho da noite
ficará em nossos ramos.

Jó 29:25

Do amanhecer os albores
consolam os que pranteiam
a perda de seus amores
e em solidão se derreiam.

Jó 30:9

Que eu não sirva de *canção*
de motejo pra você.
Não zombe de um coração
que no amor ainda crê !

Jó 30:20

*Eu clamo, não me respondes
e só olhas para mim.*

Em tal mutismo te escondes:
serei eu tão feia assim ?

Jó 30:31

*Minha esplendorosa lira
de negro luto vestiu-se.*

Minha alma triste suspira
e o meu coração partiu-se !

Jó 31:4

Só. não afogo nos vinhos
meus anseios, meus fracassos,
*porque Deus vê meus caminhos
e conta sempre meus passos !*

Jó 37:24

*Deus para os homens não olha,
quando eles se julgam sábios.*
A terra seca ele molha
com o orvalho dos seus lábios.

Jó 35:10

Quando nossos corações
sofrem da saudade o açoite,
*Deus nos inspira canções
de louvor, durante a noite !*

Jó 38:11

Vertigem sempre me dá
o olhar com que me sondas.
*Mas em mim se quebrará
o orgulho de tuas ondas !*

Jó 38:19

*Onde é que está o caminho
para a morada da luz ?*
No homem-Deus, que, sozinho,
morreu por nós numa cruz !

Jó 38:22

*Acaso entraste algum dia
nos depósitos da neve ?*
Prá dizer que entraste em fria
e sem tremer, nem de leve ?

Acaso viste os tesouros

*da saraiva para a guerra,
que voarão quais besouros,
zumbindo por sobre a terra ?*

Jó 38:28

Olhando a chuva que cai,
irrigando o meu sertão,
pergunto: *a chuva tem pai ?*
— Tem sim, responde o trovão !

Jó 39:17

Deus provou no sofrimento
quem jamais sofrer queria,
*Lhe negando entendimento,
não lhe deu sabedoria.*

Jó 42:2

Tens feito, ao longo dos anos,
o meu caminho aplainado.
*Porque nenhum dos teus planos
jamais pode ser frustrado.*

Jó 42:5

*Meu Deus, eu te conhecia
somente de ouvir falar*
*Mas hoje, com alegria,
eu posso te contemplar.*

Jó 42:10

Deus mudou a minha sorte,
me livrando de perigos,
*quando eu, à beira da morte,
orava por meus amigos !*

Mary Schultze

Av. Copacabana, 500/1210

22020 — Rio - R.J.

Soluços tristes pelas ruas
passos lentos em descaminhos
sorrisos mortos pelo ar.
Não colhe flores, só espinhos
e ninguém quer explicar.
Nasceu não se sabe de quem
procura em vão um lar
tudo que ele tem:
é um peito aberto para amar.
Se alimenta do lixo
nunca foi à escola
seu dinheiro é mixo
vive de esmolas.
Suas roupas são uns trapos
seus sapatos não tem sola
pra comer não tem pratos
apenas uma sacola.
Sua cama não tem coberta
não escolhe água pra beber
bem cedo ele desperta
antes do dia amanhecer.
Começa cedo o seu ofício
a primeira luz do dia
pra ele não é sacrifício
dormir na terra fria.
Embora seja gente
já acostumou assim viver
a vida lhe é indiferente
passa sem lhe conhecer.

CODEMA

Comércio de Madeiras Ltda.

- TÁBUAS
- COMPENSADOS
 - FERRO
 - ARAME FARPADO
- FÔRRO
 - CIMENTO
 - FÓRMICA

MATRIZ:

RUA BÁRBARA DE ALENCAR, 661/683
Caixa Postal, 84

FONES : 521-2544
521-2645
521-2948
521-2949

CRATO-CEARÁ

FILIAIS:

RUA SÃO PEDRO, 869
FONES : 511-1311
511-0773
511-0058

JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ

PRAÇA FRANCISCO SÁ, 171

FONES : 711-1140
711-1859

IGUATU - CEARÁ

A Beleza do Meu Amor

MARIA FERREIRA DOS SANTOS

Nem o mais puro sorriso;
nem o mais doce beijo;
tem tudo que eu preciso
tem tudo que eu desejo
para descrever o que eu sinto.
Nem o nascer do sol ao amanhecer;
nem a luz do luar;
nem o crepúsculo ao anoitecer;
nem as ondas do mar;
nem o murmúrio das águas;
nem o canto dos pássaros;
nem a pureza da minha alma
nem todos os ecos no espaço.
Nem o brilho das estrelas;
nem a suavidade da brisa
que em meu corpo deslisa.
Nem toda a natureza;
nem o desabrochar da flor
me faz ter a certeza
de que em todo o infinito
nada é mais bonito
do que o meu amor.

— F. ZELO FILHO —

MATERIAL PARA CONSTRUÇÃO EM GERAL



CANOS

CONEXÕES

TORNEIRAS

MATERIAL SANITÁRIO

AZULEJOS

CERÂMICA

CAIXAS D'ÁGUA

TINTAS EM GERAL

GRAMPOS

TELHAS DE AMIANTO



TUDO PARA O BOM ACABAMENTO DE SUA CONSTRUÇÃO

RUA SÃO PEDRO, 794 — FONE : 511.2224
511.1036

JUAZEIRO DO NORTE

— CEARÁ

PATATIVA DO ASSARÉ

Poeta dos Oprimidos

NAÇÃO CARIRI — Patativa, já ouvi várias declarações em que você afirma que não é um poeta político, e no entanto nota-se nos seus versos que você é um poeta profundamente político, entende? No sentido de que você se preocupa com a dor do povo, se preocupa com os direitos humanos, se preocupa em conscientizar o povo pra que o povo se livre da opressão. Você não se considera político mesmo?

PATATIVA DO ASSARÉ — Não, não me considero político. Eu sou apenas um eleitor, apenas voto, mas não sou político. Agora eu sempre falo contra injustiça. Eu quero é que o povo goze de seus direitos e que os donos do poder vejam o quanto o povo sofre e defenda esse mesmo povo. Meus versos são versos que trazem mensagem, mas eu não sou político, eu não quero saber de uma corrente política ou de outra corrente política ou de um regime ou de outro regime. Eu sinto apenas sede de justiça. Eu apenas estou requerendo nos meus versos é proteção para o povo que merece, o trabalhador. Porque o trabalhador nós sabemos que é a mola fundamental do país. E este trabalhador, não sendo protegido, como é que o país pode progredir? É que o trabalhador morre de trabalhar, vive escravizado e vive miseravelmente e então um país desse não pode nem progredir. Porque se o operário não é protegido, como é que ele pode também resolver o seu trabalho? Não sou político. É justamente isso que acontece nos meus versos. Alguém pensa que eu sou político e tal. Não, não sou político. Eu quero que venha proteção para a pobreza, para o homem que trabalha, para o operário, para o camponês em qualquer política. Não sou político.

N. C. — Patativa, vejo um homem com ser político desde que ele tome uma posição dentro da sociedade em que ele vive e você assume uma posição profundamente crítica contra os donos do poder, contra os opressores do povo. Então, por este motivo certo? — eu lhe considero um poeta político, no sentido de que você se preocupa com o povo. E esse posicionamento é um posicionamento político. certo? É o homem se assumindo como um ser político.

P. A. — Sim, eu, é como você diz, é verdade, mas eu quero dizer que não sou político é porque o político é sempre apaixonado. Dizer: “eu tenho meu partido, eu tô nessa corrente, isso e aquilo”, eu não quero saber se a proteção vem da Arena, se a proteção vem do MDB, de onde vier. Eu quero é assim uma proteção para o povo. Não sou um político apaixonado, de dizer: “tô aqui ou eu tô lá ou cá”, é justamente, eu quero assim o que já lhe disse: um país progressista, mas levando também a proteção para o povo, que é a mola fundamental do progresso é o povo. Mas como é que nós podemos entender que o Brasil está muito bom, que é um Brasil pra frente, se nós vemos os operários para trás, cada vez mais sofrendo misérias e salário de fome e tudo isto. Mas justamente, eu não sou político apaixonado, de ter uma corrente, o fundamental do progresso é o povo. Mas como é que nós podemos entender que o Brasil está muito bom, que é um Brasil pra frente, se nós vemos os operários para trás, cada vez mais sofrendo misérias e salário de fome e tudo isto. Mas justamente, eu não sou político apaixonado, de ter uma corrente, outra corrente, um partido, outro partido, não. Eu, eu falo assim nos meus versos é como que uma alerta aos homens do poder, para que eles vejam a desproteção do povo.

N. C. — Patativa, eu sempre notei que você tem um carinho todo especial pelas crianças. Como você vê as crianças? O que você sente quando está com as crianças?

P. A. — A criança, para mim, é a maior riqueza do mundo. É o que de mais belo eu vejo no mundo, é, a criança. O mundo das crianças para mim é puro, é admirável, me dá prazer. Ali é onde está encerrando tudo quanto é de bom, tudo quanto é de puro, tudo quanto é de inocente. E é por isso que sou apegado às crianças. Desde novo, desde homem novo que eu sempre fui assim. Quando eu vejo uma criança e eu não ando muito apressado, eu tenho que demorar e olhar aquela criança, falar com ela, porque ali é onde está tudo que de bom neste mundo, está dentro do mundo das crianças.

N. C. — Eu sempre que vejo uma criança, sabe, Patativa, vejo esta criança como a continuação do mundo, como a continuação do homem, a sobrevivência, do homem no planeta e se essa criança bem conduzida, se essa criança é bem educada, eu falo assim no sentido de, por exemplo, se todas as crianças do Nordeste tivessem alimentação, tivessem escolas, nós teríamos um desenvolvimento fantástico, não veríamos tantas misérias como se vê, porque a criança ela traz assim a pureza e a inocência, se desvirtua a partir do meio em que vive, cheio de misérias e da opressão. O que é que você acha sobre isso?

P. A. — É justamente o que falo e penso. Quando eu estou em contato com as crianças, brincando com elas, admirando aquela ingenuidade, estou também ao mesmo tempo pensando no futuro daquela mesma criança. O que

scrá desta criança? Será que esta criança vai ser feliz, vai desenvolver, vai ter proteção, vai vencer ou será que esta criança há de ser um ente desgraçável que vai ser desprotegida e vai sofrer o resto da sua vida ?

N. C. — Gostaria de saber seu posicionamento filosófico diante da vida, como você encara a vida, como você vê a vida.

P. A. — A vida eu vejo como um grande problema do homem, um problema difícil de resolver e que é preciso ele não esmorecer e filosofar sobre os seus direitos e procurar se defender. Eu vejo que a vida sem amor, a vida sem fraternidade, sem contato de amizade de uns para os outros é um verdadeiro inferno. O mundo só seria bom se houvesse essa compreensão de amor e fraternidade. E o que arrasa a vida é justamente esta falta de amor, esta falta de proteção. O grande explorando o pequeno e é isso o que traz dificuldade para a vida de cada um. Ou porque aquele que pode, aquele que pode desenvolver e trabalha desonestamente vai logo atrasando a vida daquela que não teve condições, peleja para vencer, mas não pode porque o outro não deixa, e assim a nossa vida, a vida de cada um. É preciso o camarada ter muito cuidado para que olhe a sua própria vida e procure se defender, veja os seus direitos, para não passar uma vida tão miserável. A vida de cada um tem problemas, mas de muitos mais problemas existem.

N. C. — Nós sabemos que de misérias extremas nascem esperanças extremas. E o povo nordestino miseravelmente vivendo, oprimido sempre pelas classes dominantes, pelo poder dos coronéis, pela subsistência semi-escrava, foi levado muitas vezes ao máximo do fanatismo e dos movimentos religiosos messiânicos, que tanto sangue derramou pelo Nordeste. Patativa, eu lhe perguntaria como você vê a atuação do Pe. Cícero, de Antônio Conselheiro, do Beato Zé Lourenço e de tantos outros. Qual, assim, por exemplo, a função desse pessoal junto às massas camponesas do Nordeste?

P. A. — Olhe, eu não sei, é um problema que não sei nem dizer, porque o povo ingênuo, aqueles que recorrem a esses apóstolos, que não são verdadeiros apóstolos, apenas têm um nome. Eu acho que o povo está, não está fingindo e nem com outro sentido. Eles são levados pela fé, pela crença, pela adoração e esperança no seu futuro e esperança na salvação da sua alma. Mas eu acho que o sentido certo daquele ponto atraente não é mais que uma grande exploração.

N. C. — Você veria alguma diferença entre o operário da cidade e o camponês?

P. A. — Eu sempre notei e sempre senti essa falta de contato com o operário da cidade e o trabalhador camponês, porque o operário da cidade ele se julga além, por causa da sua prática de viver no meio, assistir um cinema, ouvir um concreto e muitas outras coisas que a cidade possui. Ele parece

que se julga além do camponês, do operário do campo, ao passo que isto é um grande atraso, porque o operário e o camponês, nós sabemos que estão no mesmo nível e eles deviam ter assim uma relação mútua em todos os sentidos, até mesmo no problema que procurasse desenvolver mesmo em favor dos seus direitos. Uma vez que os dois são subordinados e os dois sofrem, eles estariam unidos e então casaria uma força maior, porque nós sabemos que a união é que faz a força. Eu sempre senti essa falta de amizade com o camponês, o operário do campo. Porque é como eu disse: o operário da cidade ele se julga além do pobre trabalhador do campo, porque é ingênuo, ele não conhece nada, ele não sabe o que é um cinema, não sabe o que é um concerto musical, um drama, mas isso nada importa. O que importa é amor, é a relação, a fraternidade.

N. C. — Patativa, nós vemos que a maioria dos poetas populares, quase todos eles, quando adquirem uma certa fama vão morar na cidade. Nós vemos isso até mesmo com os violeiros, entende? E no Brasil o único poeta verdadeiramente popular que nós temos que é homem do campo, plantando sua roça e resolvendo os problemas do seu povo é você. Porque, por exemplo, Ascenço Ferreira, um poeta popular, muito bom, mas vivia em Recife, no meio das altas rodas. O Catulo da Paixão Cearense também. Catulo vivia no Rio, frequentador dos altos salões, salões requintados, e nós estamos vendo isso com o nosso violeiro, né? O nosso violeiro vem se sofisticando. Ele aprende qualquer coisa e de repente quer cantar ciência, quer morar na cidade e perde toda uma cultura, toda uma cultura do povo. Patativa, por que você, hoje com tanta fama e com tanto convite, só vem na cidade esporadicamente e nunca quis vir morar na cidade?

P. A. — É para não acontecer, eu, eu vivi sempre no campo. Como sabemos eu nasci no campo, tratando de agricultura e também cultivando a poesia, porque o meu fraco é poesia, mas sempre gostei de seguir esta escola da poesia popular, sem procurar me meter com ciência, como eles fazem, viu? E então eu não digo que eu não fosse frequentar o meio da cidade, eu acho é que com a compreensão que eu tinha eu não ia desvirtuar a minha lira, procurando mudar a minha poesia, porque ela perderia toda a beleza que como muitos daí que estão com a sua poesia deformada, deturpada, não tem mais aquela beleza que o cantador apresentava quando vivia pelo sertão, porque eu também, querendo eu também tenho poesia. Eu conheço a versificação com todas as suas tônicas, as suas sílabas predominantes, com a medida certa, eu, eu versejo é com a medida certa, tal qual a medida de soneto de Guimarães Passos, de um Olavo Bilac, etc... mas, no entanto, esses poemas que iriam nascer em forma literária, como tem muitos aí no meu livro, é só para mostrar a muitos ignorantes que falam por aí que eu só sei fazer poesia matuta, pensando eles que a poesia matuta é fácil de fazer. É

muito mais difícil de que a poesia em forma literária. Até tenho um soneto, ouça bem este aqui, este soneto "O Peixe". Esse soneto é decassílabo, obedecendo à tônica, a sua sílaba predominante, como qualquer um soneto de Guimarães Passos ou de qualquer outro poeta clássico daquela, daquele passado viu?

Tendo por berço o lago cristalino,
Folga o peixe, a nadar todo inocente,
Medo ou receio do porvir não sente,
Pois vive incauto do fatal destino.

Se na ponta de um fio longo e fino
a isca avista, ferra-a inconsciente,
Ficando o pobre peixe, de repente,
Preso ao anzol do pescador ladino.

O camponês também do nosso Estado
Ante a campanha eleitoral, coitado.
Daqule peixe tem a mesma sorte.

Antes do pleito, festa, riso e gosto,
Depois do pleito, imposto e mais imposto.
Pobre matuto do sertão do norte.

— Ao mesmo tempo eu faço esta poesiazinha aqui, já diferente. Nesta vida aperreada/pra me livrar das furada/destes teus óios redondo/caboca, onde eu me coloco? /caboca, onde é que eu me soco? /caboca, onde é que eu me escondo?

— Mas veja bem, eu sei também fazer poesia em forma literária mas não vou desvirtuar a minha lira, somente cantando isso, Eu nunca deixei de olhar para o caboclo e nem de falar da poesia dele, a poesia sertaneja, que tem o cheiro da poeira do sertão. Esta poesia cheirando a mato verde, a mata, a floresta da mata. É a poesia natural. É a poesia que desponta com o poeta que nada estudou. É o poeta que não tem instrução de letra. E então, se eu fui alfabetizado, alfabetizado um pouquinho, e também conheço poesia, que desponta com o poeta que nada estudou. É o poeta que não tem instrução de letra. E então, se eu fui alfabetizado, alfabetizado um pouquinho, e também conheço poesia, eu poderia muito bem ir além destes cantadores que não conhecem a medida do verso, entregar a minha lira nessa poesia literária, mas para que? Para deturpar? Eu vou perder a beleza da minha poesia sertaneja, da poesia pura, pura como as flores da selva, como nessa poesia que eu digo:

Chegando o tempo do inverno,
Tudo é espaço amoroso e terno,
Sentindo do Pai Eterno
Sua bondade sem fim.
O nosso sertão amado,
Esturricado e pelado,
Fica logo trasformado
No mais bonito jardim.

Neste quadro de beleza
A gente vê com certeza
Que a musga da natureza
Tem riqueza de incantá.
Do campo até na floresta
As ave se manifesta
Compondo a sagrada orquestra
Desta festa naturá.

— Pois bem, é este o verso que o camponês, o caboco violeiro deve continuar, não procurar deturpar a sua lira, procurando cantar a Grécia, falar de cavalo de Troia, de Menelau, de Helena, dos sábios da Grécia e outras coisa, que eles apenas sabem porque lê aqueles trecho e, com a vaidade que têm, vão rimar mencionando esse nome; mencionando que o Amazonas nasce no Peru e outras coisas mais. Isso é vaidade. A poesia deve ser essa poesia que sempre tenho apresentado e alguns dos meus colegas estão comigo, pois eu conheço alguns poetas rústicos, lá pelo sertão, que estão continuando, como eu venho continuando, sempre com esta poesia simples. E a vantagem a beleza da poesia, não está na linguagem. A beleza da poesia está na arte de versar com espontaneidade, com imagens porque é um segredo. É um segredo que não posso explicar. Apenas sei dizer que os meus versos são versos apoiados. Quanto mais o homem tem cultura e diploma e conhecimento, mais ele gosta dessa minha poesia. Não procuro viver na cidade porque nunca gostei da cidade. Na cidade. . . o que eu vejo na cidade eu não gosto. Esse reboleço danado, vai e vem pra lá e outro pra cá; cada um cuida da sua vida e é uma vida com um quê de individualidade. E eu já me acostumei na minha vidinha rústica, lá do campo com meus irmãos camponeses e falando pra eles dessa maneira:

Caboclo roceiro das plagas do norte
Que vives sem sorte, sem terras e sem lar,
A tua desdita é tristonha que canto,
Se escuto teu pranto, me ponho a chorar.

Ninguém te oferece um feliz lenitivo,
Ês rude, cativo, não tens liberdade.
A roça é teu mundo e também tua escola,
Teu braço é a mola que move a cidade,

De noite tu vives na tua palhoça,
De dia, na roça, de enxada na mão,
Julgando que Deus é um pai vingativo,
Não vês o motivo a tua opressão.

— Veja aqui esta poesia obedecendo em forma literária, obedecendo a medida dos clássicos. Mas vejo também, o agregado já na linguagem rústica, que é a poesia, a escola que eu sigo, porém veja bem a linguagem:

Quem véve no luxo, somente gozando,
Dinheiro gastando sem mágoa e sem dô,
Não sabe, nem pensa e também não conhece
O quanto parece quem mora a favô

Meu Deus. Como é duro se uvi o lamento
O grande trumento do triste agregado.
Osente das coisa mais boa da vida,
De ropa rompida, sem cobre, coitado.

P.A. — A estrofe deste verso, em forma camoniana, verso decassílabo, obedecendo a forma camoniana daquele livro, "Os Lusíadas". É o purgatório, o inferno e o paraíso. Eu criei este poema me apoiando na classe pobre, como o inferno, na classe média, como o purgatório e classe rica, paraíso: (...)

Este inferno, que temos bem visível
E repleto de cenas de ternura de pena e de tortura
Onde nota-se o drama triste e horrível
De lamentos e gritos de loucura
E onde muitos estão no mesmo nível
De indignência, desgraça e desventura,
É onde vive sofrendo a classe pobre
Sem conforto, sem pão, sem lar, sem cobre.

É o abismo do povo sofredor,
Onde nunca tem certo o dormitório,
É sujeito e explorado com rigor
Pela feia trapaça do finório
É o inferno, em plano inferior,
Mas acima é que fica o Purgatório,
Que apresenta também sua comédia
E é ali onde vive a classe média

Este ponto também tem padecer,
Porém seus habitantes é preciso
Simularem semblantes de prazer,
Transformando a desdita num sorriso
E agora, meu leitor, nós vamos ver,
Mais além, o bonito Paraíso,
Que progride, floresce e frutifica,
Onde vive gozando a classe rica.
(...)

N.C. — O poeta deve apenas fazer poesia ou ele deve participar também do movimento de luta política? Como você vê isso?

P. A. — Naturalmente, eu acho que o poeta, ele tem seu dom natural, uma coisa privilegiada pela natureza. Ele não deve desvirtuar a sua lira fazendo verso lisonjeiro, fazendo poesia sem mensagem. Ele deve empregar a sua lira em benefício do povo, em favor do bem comum. Ele não deve empregar a sua poesia dentro dessa política partidária. Ele deve empregar a sua poesia... bem, vamos dizer, na política, no momento político, mas uma Política com "P" grande, viu? Esta política em favor do bem comum, esta política que requer os direitos humanos e defende o direito de cada um.

N.C. — Então sua poesia seria um veículo também de conscientização do camponês?

P.A. — Sim, como eu digo nesse poema "Caboclo Roceiro", você já conhece. É neseta poesia que eu esclareço o caboclo que o sofrimento dele não vem de Deus, como ele pensa.

N. C. — Mas que é gerado pelos homens.

P.A. — Sim, é.

N.C. — Outra coisa imposta pelas classes dominantes, por exemplo, é o temor ao comunismo, o camponês pensa que é coisa do inferno, de Satanás, não é?

P. A. — Ah, mas é porque criaram um pretexto, aproveitaram a ingenuidade do caboclo, do analfabeto e criaram este pretexto com a palavra comunismo. Aí amedronta e, tá já bem perto de aparecer muitos comunistas aqui. Com essa política, há de aparecer muitos que diz: “Rapaz, você tenha cuidado, aquele sujeito é comunista. Pra poder barrar o seu contedor, o seu adversário.

N.C. — É um bode expiatório . . .

P. A. — É sim.

N. C. — Você até tem uns versos, que fez para um padre lá de Recife, nos quais você fala isso, não é? (“O Pe. Henrique e o Dragão da Maldade”, divulgação da Arquidiocese de Olinda e Recife).

P. A. — Eu falo, Eu digo assim:

Será que ser comunista
é mostrar certos planos
para que o povo não viva
envolvido nos enganos
e possam se defender
do jugo dos desumanos?

Será que ser comunista
é saber sentir as dores
da classe dos operários
também dos agricultores
procurando amenizar
horrores e mais horrores?

Tudo isto, leitor é truque
de gente sem coração
que, com o fim de trazer
os pobres na sujeição,
da palavra comunismo
inventa um bicho papão.

— É isto aí, arranjam este meio.

N. C. — Música. Você faz muita toada?

P.A. — Não, eu tenho feito poucas toadas. As toadas que faço não é com interesse de serem gravadas. Eu faço porque eu mesmo gosto e os violeiros cantam as toadas que eu faço. Faço as toadas, ponho música na mesma e violeiros cantam. E às vezes, o cantor, como o Luiz Gonzaga, o Fagner e outros mais gostam e a gente faz negócio e termina gravando.

N. C. — Como é que você compõe? É no violão mesmo ou de cabeça?

P. A. — Não, não é no violão, é de ouvido mesmo. É muito difícil. A música para mim é uma dificuldade danada. Eu sou destituído de música. Agora, os versos não, a letra eu faço com facilidade qualquer tema que eu queira. Mas para botar a música é uma dificuldade danada. As vezes vou acertando e tô achando até bonita e depois foge da mente. Eu nunca procurei. . . se eu tivesse cuidado, com o gravador eu poderia logo que surgisse assim uma entoação, a melodia, aí eu deixava logo ali pronta. Mas às vezes eu faço uma música, a toada, e depois esqueço. Pelejo e não encontro mais, Ela foge.

N. C. — Como ela surge? De repente ou você pára e diz: "vou compor uma música agora" ou ela vem durante o trabalho na roça?

P. A. — Não, depois que a letra está pronta, aí então eu vou soltejar, procurar um meio, com muita dificuldade, até que faço, como foi essa "Vaca Estrela e Boi Fubá".

N. C. — Os homens no campo começam a se organizar em sindicatos, os operários também, o povo brasileiro está se movimentando novamente. Quais são as perspectivas de melhora?

P. A. — Olha, eu não sei dizer. Eu penso em tudo e nada vejo dar certo. Mas eu acho que não devem parar, não é?, a luta. Sempre houve luta. Sempre houve esta luta. Esta luta sempre houve e continuará havendo, que justamente, é esta a política que lhe falei há pouco tempo.

N. C. — Você vê essa necessidade do povo estar sempre em luta?

P. A. — Sim, justamente, é essa a política que eu faço parte. É a política que não é uma política partidária. É um movimento diferente.

N. C. — Mas, como vê a abertura? Acredita na abertura? Foi uma conquista do povo brasileiro?

P. A. — Não, é do povo mesmo. Esta abertura foi uma coisa muito boa. Parece que fizeram uma experiência para ver como o povo estava, e o povo não está bem não. Tanto que eu disse para o jornalista Luis Padovani, quando ele deu a entrevista, ele disse. "Patativa, e o que você diz da abertura?" Eu digo: "eu nada sei dizer sobre a abertura". "Mas diga sempre alguma coisa, homem". Então eu respondi mesmo em verso: "Mesmo sem saber de nada/eu vejo a verdade pura/há muita gente apertada/por dentro desta abertura.

N. C. — E o povo brasileiro, Patativa, nunca sofreu tanto, não é? A situação do camponês está difícil, do operário e todo mundo. . .

P. A. — Está, está difícil, e eu acho que para a miséria que campeia todo Nordeste só haverá um meio de suavizar. Você sabe qual? Uma coisa toda natural: é muito inverno, viu? Olhe, sem haver produção, sem haver uma safra abastada, uma produção farta, esta miséria continuará, não há meio.

N. C. — Mesmo que chova, mas não haja mudança de estrutura que

não se faça reforma agrária, não se dê condições, não muda nada . . .

P.A. — Sim, não muda. Mas é preciso haver também assistência, né? além do inverno. Mas mesmo havendo inverno favorável, criador, sempre vai suavisar a vida dos camponeses, porque só quem sabe. . .

N. C. — Pelo menos a fome diminui, né?

P.A. — Justamente, a fome diminui, a miséria diminui. Você conhece muito bem aquele poema que eu falei sobre este trabalho de emergência. Porque isso era o tempo de derrubada de broca, preparando terra destocando capocira, para quando o inverno chegar e esses pobres camponeses, os pequenos agricultores, poderem sair da miséria, eles trabalharem, fazerem seu plantio. Mas estão é construindo ponte, é açudes nos terrenos dos já beneficiados, como nós sabemos, né?

N.C. — Dos latifundiários. . .

P.A. — E eu acho isto um erro, até falei sobre isto.

N.C. — É, a gente publicou no jornal, esta sua poesia.

N. C. — Patativa do Assaré, qual é a mensagem que você daria para esses novos poetas?

P.A. — Bem, eu dou muito valor. Eu acho que estão muito bem, porque é logo uma poesia . . . estes novos poetas estão criando assim uma batalha dentro do seu pensamento, na sua poesia . . . que eu gosto muito de ler esses novos livros que estão soltando por aí. . .

N.C. — Você foi violeiro. . .

P.A. — Eu fui violeiro mas não fazendo profissão de cantoria. Eu fui violeiro por esporte, cantava assim porque gostava, achava bom. Mas, não pra andar acima e abaixo, com a viola do lado procurando ganhar dinheiro.

N. C. — O que você gosta e o que não gosta nos violeiros?

P. A. — Bem, do violeiro, eu gosto do violeiro improvisador, que canta e improvisa dentro do tema que a gente apresenta para que ele cante. Agora, nós temos muitos violeiros com cantoria correqueira, aquilo é quase todas já gravadas. É uma coisa que não está sendo improvisada na hora. Mas que nós temos no Nordeste muitos violeiros bons, como agora eu fui a festa lá em Petrolina e lá os violeiros foram bem aplaudidos e eu gostei. Gostei das duplas de violeiros que fizeram parte lá do festival, lá na Emissora Rural de Petrolina.

N. C. — Como está a questão dos direitos autorais de seus discos?

P. A. — Ah, eu não posso dizer nada certo. O que sei é que tenho recebido pouco. Apenas sei que o disco ("A Terra é Naturá", Epic, 1981) é bem recebido. Lá em Crato já fizeram pedidos várias vezes e já foi esgotado os pedidos que fizeram. No Juazeiro também, ali no Mercado do Disco já fizeram pedidos uma 2 ou 3 vezes, foi esgotado.

N. C. — Patativa, quer dizer que você acha que não compensa gravar um disco?

P. A. — Não, até agora eu posso dizer que não compensa.

N. C. — Você escutou o novo disco. O que foi que achou do trabalho, do resultado?

P. A. — Ah, o disco? Saiu muito bem gravado, eu gostei. Eu acho melhor que o primeiro. Com aquele fundo musical ficou ainda mais lindo. Acho mais adequado aquele compasso também com a rabeça do Cego Oliveira, que foi também uma grande vantagem para a gravação do disco. E, finalmente eu estou satisfeito porque o disco foi gravado, está sendo muito bem recebido, muito apreciado. Todos que conhecem o disco gostam e até tenho recebido parabéns de algumas pessoas.

N. C. — E esta crítica do Tinhorão?

P. A. — Sim, como também uma reportagem muito honrosa do crítico, aquele grande crítico Tinhorão, com o título: "Quem quiser conhecer Poesia em Estado Puro, ouça Patativa do Assaré". Ai ele faz uma boa referência sobre o disco, até mencionando na reportagem dele alguns estrofes do poema, de alguns poemas que estão no disco.

N. C. — E o livro da Vozes: "Cante lá que eu Canto Cá"?

P. A. — Ah, com o livro venho satisfeito, porque o livro é sempre de venda pronto. Está na 3a. edição. Eu venho recebendo direitos autorais. Não é um grande rendimento, mas é alguma coisa sempre. E está na 3a. edição e no terceiro ano do nosso contrato, que o nosso contrato são cinco anos, para que a Vozes faça comércio do livro, publique e venda. Então, quando terminar o contrato, se ela quiser renovar eu aceito. Então renovamos o contrato e, se ela não quiser, eu recebo os direitos autorais e posso fazer negócio com qualquer outro editor, porque do jeito que já sou conhecido e o povo conhece a minha poesia e gosta da mesma, eu acho que qualquer uma editora que procurar, se é editora que publique poesia, eu acho que é fácil fazer negócio.

N. C. — Patativa, a respeito de você ter sido constantemente solicitado para apresentações em universidades, como você vê isto?

P. A. — Bem, eu vejo isto com grande prazer, porque eu gosto muito da cultura popular e, principalmente, essa poesia do povo, esse tema que defende o povo, que defende a nossa gente, fala da crise que sofre o nosso povo. E sempre o meu lema é esse e onde eu sou convidado, eu sempre participo com esse sentido.

"Nação Cariri", Janeiro/82.

LANÇAMENTO DE

“Chamas Redivivas”

Ilustres personalidades

Brilhantes elementos que representam a
elite intelectual do Estado

Colegas de turma do Colégio das Irmãs Dorotéias e
da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno

Companheiros da Academia de Letras Municipais do Brasil

Amigos e entes queridos:

Nesta apresentação de meu livro “CHAMAS REDIVIVAS”, a bondade da ilustre presidente da União Brasileira de Escritores no Ceará, Christina Cabral, eleva-me ao apogeu de uma sincera satisfação. Ela é uma batalhadora incansável pelo brilhantismo de nossa vida literária. Por isso agradeço-lhe o parecer e o seu elogio.

Diz Lygia Fagundes Telles, da Academia Brasileira de Letras, que, como sua mãe costurava à máquina, ela Lygia, costurava as palavras com “paciência e humildade”.

São estas as grandiosas marcas de seu talento, que nos indicam o caminho do sucesso na arte de escrever. Arte que nos satisfaz plenamente.

Em verdade, é imprescindível que emane do nosso íntimo, reflexos de amor ao ser humano e à vida, para que a nossa realidade se manifeste nos nossos escritos, em prosa ou verso. Às vezes é um caminho árduo, que requer pensamento positivo e vocação, coragem, confiança em si mesmo e ousadia. Que importam os percalços?

Alguém afirmou: “Se não houver frutos, valeu a beleza das flores. Se não houver flores, valeu a sombra das folhas. Se não houver folhas, valeu a intenção da semente.” Portanto, só os ousados vencem. . . E qual é a função do escritor?

Valho-me ainda das afirmativas de Lygia Fagundes Telles. A função de escritor é ser testemunha do seu tempo e da sua sociedade. Escrever por aqueles que não podem escrever. Falar por aqueles que muitas vezes esperam ouvir de nossa boca a palavra que gostariam de dizer. Comunicar-se com o próximo e se possível, mesmo por meio de soluções ambíguas, ajudá-lo no seu sofrimento e na sua esperança.”

A vida, sabemos, é o milagre de um renascer constante; esta a razão do título deste livro, "CHAMAS REDIVIVAS". Chamas que podem iluminar as nossas esperanças sempre aceleradas pela florescência de eflúvios do verdadeiro amor, onde haverá permanente juventude, tranquila bondade e sobretudo PAZ. Esta é uma verdade que permanecerá para sempre. Os que a ela aderem tornam-se candidatos à imortalidade.

Gostaria de me tornar imortal na lembrança da família, dos colegas e amigos, como eu os torno imortais no meu apreço e no agradecimento.

Muito obrigada.

VALDELICE ALVES LEITE

14/01/88



“Chamas Redivivas”

WALDEMAR ALVES PEREIRA

ENCIMA esta crônica o título de um novo livro de Valdelice Alves Leite, saído em fins de 1987, da Editora e Gráfica Lourenço Filho, desta Capital.

Ficcionista de prol, em obras anteriores — “AO CORRER DA PENA”, “CONTRASTES E DETALHES” e “MENSAGENS E ACONTECÊNCIAS”, a autora, desta vez, lança mão, também, de criações fora do mundo abstrato. Pesquisa elementos históricos, econômicos e sociais sobre dois municípios cearenses. Milagres, onde nasceu. E Brejo Santo, terra natal do esposo Dr. Moura Leite.

Fala de coisas e acontecimentos do seu cotidiano e cadaquiza pessoas, umas e outros vincados, indelevelmente, na sua vivência. Reconstitui o cenário distante do lar paterno. E arma arabescos de ternura para retratar os filhos, netos e bisnetos. As cordas da sua sensibilidade vibram ao tratar de temas do círculo familiar.

Estilo sobremodo agradável. Não abusa do adjetivo, usa-o cautelosamente.

Honra ao mérito.

BARBALHA

participa ativamente
das iniciativas
culturais da Região

A sua administração jamais negou apoio a todos os movimentos que visem elevar o nome do Cariri.

Por isso, vibramos com o novo número de Itaytera.

Pelas suas páginas, barbalhenses também colaboraram nesse esforço gigantesco do I C C, de manter viva a ITAYTERA, agora no seu número 3?

Parabéns.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARBALHA

Administração : JOÃO HILÁRIO CORREIA

Ancestralidade

ZÊNITH FEITOSA

Quem sou eu? quantas sou? que almas possuo?
 — Na mais complexa multiplicidade,
 minha ancestralidade — que loucura!
 porém, que coisa boa!
 Grita dentro de mim e me atordoa,
 ou me deixa muda, cismarenta,
 desconfiada, introvertida, olhar oblíquo...
 — Sou Negra, às vezes, em continente ensolarado,
 de ar sempre dourado...
 Autóctone da África misteriosa.
 E bem antes do tráfico genocida.
 — Jovem negra dengosa, com requebros e quebrantos,
 colares e brincos saltitantes,
 numa dança tribal...
 Ou negra velha e supersticiosa,
 búzios jogando...
 Fetiches e amuletos carregando,
 ouvidos afeitos ao ressoar dos atabaques,
 captando mensagens dos tambores na selva...
 Mística negra velha. Saravá!
 Meu Pai é OXALÁ!
 — Sou Índia pura, às vezes, nos longes de uma aldeia.
 Pássaros nos dedos, papagaio no ombro
 e palmilhando passo a passo a selva,
 pés descalços orvalhando-se na relva...
 E sempre, em escorregadio combro.
 tentando fugir do homem branco
 e de uma dor no coração, que chamam de saudade...
 — Se Branca sou, alguma vez,
 é dentro da alma, e com muita humildade.
 Também porque, talvez,
 homem branco me deu felicidade
 mas, depois, me ensinou o que é saudade!...

Flutuando

Não sei se estou dormindo ou acordada:

— vejo uma estrada . . .

Logo após, simples e rústica vereda
sobre a qual imprimimos nossos passos.

A manhã é meio adolescente, meio criança.

Lábios semi-ardentes,

eróticos, mas ainda inexperientes,

— o Sol não conseguiu sugar o orvalho
da plantação inteira . . .

Há folhas salpicadas de diamantes

das sombras no agasalho.

Muito verde, o campo acena com a esperança

e sorri, aqui e ali, em cada flor que nasce

à beira do caminho,

e canta com o gorjeio de cada passarinho . . .

. . . Estamos presos num cartão-postal,

com desenhos de nuvens e águas calmas,

líquida imensidão,

fluido cristal

a refletir a minha e a tua face . . .

— Se estou dormindo,

por favor, não me acordem. O sonho é lindo! . . .

— Se estou acordada,

é uma lembrança esplêndida, mais nada,

de uma outra vida em que fui muito amada! . . .

Zênith Feitosa

Berceuse

De leve, sobre a minha frente espalma
as tuas mãos amadas . . . mãos tão suaves
a cujo toque, materiais entaves
se desfazem . . . E aquieta-se a minha alma.

Anseio por quietude. Quero calma.
Sofrendo estou . . . Vivo momentos graves.
Seja-me a frente o ninho dessas aves
serenas — tuas mãos . . . E a dor me acalma.

Cerro as minhas pálpebras cansadas.
Rápido as sinto. Bem depressa chegas . . .
(Que importa de ondes vens? e as mãos amadas? . . .)

Em lindo canto de ninar, murmuras
carinho. E em teu amor tu me aconchegas.
-- Ah! vou dormir num leito de ternuras!

Zenith Feitosa

DADOS BIOGRÁFICOS

Maria ZÊNITH Alves FEITOSA. Nasceu em Jardim- Ceará, filha de Otaviano Alves Feitosa e Maria Clotildes Feitosa.

Professora Normalista, diplomada pelo Centro Educacional Professor Moreira de Sousa, em Juazeiro do Norte-Ceará. Exerceu o Magistério em sua terra, onde foi cofundadora do Ginásio Padre Miguel Coelho, atual Centro Educacional Padre Aldemir, e onde lecionou Português.

Bacharela em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará. Pertence à Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, à União Brasileira de Trovadores - Ceará, e à União Brasileira de Escritores - Ceará.

Livro recém-publicado: ENIGMAS DO SONHO - poesia.
Participa da coletânea TROVADORES CEARENSES, de CÂNDIDA GALENO, Fortaleza, 1987.

Endereço para correspondência:

Rua Assunção, N.º 1847

Fortaleza - Ceará

CEP: 60000

Fone: 223-69-18

Bodas de Ouro

Em homenagem a Antonio Machado e Almira, pelos 50 anos de casamento.

SIMEÃO LUNA MACHADO

Implorei àquelas musas,
Que sempre inspiram o poeta,
Que me ditassem um poema
Compatível com esta festa.

Não me quiseram atender,
Negando-me a inspiração;
E, assim, fiz este ensaio
Apenas com o coração
Para brindar o casal
Neste dia de emoção.

Cinquenta anos de luta,
Em comum, vocês venceram,
Vivendo um para o outro
Como um dia prometeram !

Cinquenta anos de vida,
Cinquent'anos de labor !
Cinquenta anos de espinhos
Com u'a mistura de flor !
Mas foram anos felizes:
Cinquenta anos de sonhos,
Cinquenta anos risonhos,
Cinquenta anos de amor !

Tiveram os filhos queridos
P'ra sua vida alegrar:
Arclébio, Antonio Luiz
E Arnóbio p'ra os amar !
Chegou, depois, Filomena;
Fez-se a vida mais amena —
Uma alegria sem par !

Para um encanto maior,
Chegaram também os netos.
São todos filhos diletos
Do fundo do coração.
É, pois, com grata emoção
Que, com os amigos certos,
E com os corações abertos,
Brindamos esta união !

Que ela ainda se estenda
Por longo tempo, afinal,
Sempre com paz e harmonia
E livre de todo o mal.
Sem pedras em seus caminhos,
Com flores, mas sem espinhos
Com lírios imperecíveis,
Com rosas imarcescíveis —
FELICIDADE TOTAL !

Crao, dezembro de 1987.

SIMEÃO LUNA MACADO, filho de Barbalha. Viveu sua infância em Crato, onde aprendeu as primeiras letras. Estudou no Seminário São José. Foi para o Sul do país, ainda jovem. Hoje, é oficial do Exército, já na Reserva. É um amigo do Crato que sempre visitou com alegria.

LANÇADO NOVO LIVRO DO PRESIDENTE DO ICC

Em solenidade ocorrida no auditório da URCA - Universidade Regional do Cariri, na noite de 21 de maio de 1988, foi lançado o livro POEMAS A 4 MÃOS, de autoria do Dr. Jéfferson de Albuquerque e Sousa, de parceria com sua neta (10 anos) Clarice Dias de Albuquerque.

Os trabalhos foram presididos pelo Pe. Gonçalo Farias'Filho, Reitor em exercício, naquele dia, da URCA, sendo a apresentação do livro feita com conceitos altamente elogiosos, pelo prof. José do Vale Arraes Feitosa. Também falou o Presidente do Rotary, Euclides Francelino de Lima.

O Dr. Jéfferson de Albuquerque e Sousa, Presidente do Instituto Cultural do Cariri, agradeceu, comovido, a presença dos amigos e historiou o que é, em suma, esse seu terceiro livro (os outros dois foram SEMPITERNA ESPERANÇA e SÁTIRAS E SONHOS).

Ao final, o Reitor da Urca teve palavras elogiosas para com o Autor, figura de indiscutível liderança na vida social cratense, com largo conceito e grande atuação em todos os segmentos da nossa sociedade.

O auditório estava lotado de amigos e familiares do Dr. Jéfferson, destacando-se seus companheiros do ICC e do Rotary.

A Profecia da Serra

Inevitavelmente,
depois da foice
e da broca
e do fogo
virá o deserto...

E a serra verde
virará cinzas e poeira
e tudo será vazio...

E não haverá mais pássaros
nem flores
nem frutos
nem animais...

Só o homem curtirá
sua solidão
e pagará pelos seus crimes...

José Huberto Tavares de Oliveira
(Bebeto)

SENAI CEARÁ PROMOVEU 1.º ENCONTRO DE INSTRUTORES DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Valorizar e desenvolver seu pessoal é uma diretriz básica do SENAI, instituição em que a eficiência e a eficácia se assentam antes de tudo no fator humano.

Realizou-se em Fortaleza, no Centro URBANO DE ALMEIDA, dias 08 e 9 de junho, abrindo as comemorações do 45.º aniversário do SENAI, o 1.º Encontro de Instrutores de Unidades Operacionais do SENAI Ceará, coordenado pela Divisão de Recursos Humanos e Divisão de Ensino e Treinamento, com o apoio logístico da Coordenadoria de Divulgação e Documentação. Essa atividade teve como objetivo principal promover uma maior integração e conscientização da categoria docente, condição indispensável para que o SENAI possa cumprir suas finalidades educacionais.

POEMAS

Rejeição

NAPOLEÃO NEVES DA LUZ

Coração transplantado já bateu
Noutro peito, sentindo outros amores;
Certamente, por outros já sofreu
Alegrias, tristezas e rancores.

Coração de alguém que já morreu
E sentiu, certamente, muitas dores
Noutro peito não vive o que viveu,
Eu rejeito de mim, não dou louvores.

Se o meu já cansado, fraquejar,
Ninguém pense, jamais em transplantar
Outro sadio, Não, eu não queria.

Não quero no meu peito um coração
Que não seja de mim — Napoleão,
Para amar esta santa que é Maria.

O Bilhar

NAPOLEÃO NEVES DA LUZ

Por sobre um pano verde de bilhar,
Sem apoio, sem paz, e loucamente,
Giram bolas aflitas sem parar,
Perseguidas que são, constantemente.

E a batê-las e sempre maltratar,
Uma caramba corre, velozmente,
Sem as deixar ao menos repousar.
Na ânsia de bater tão duramente.

Tanta gente, também, parece ser
Qual bola de bilhar sempre a correr,
Para o pão bem minguado conseguir.

Isto é certo, e ninguém jamais encobre
Que sempre atrás da vida de um pobre,
Existe uma caramba a perseguir.

Visão Superior

NAPOLEÃO NEVES DA LUZ

Quem na vida cumpriu o seu dever,
Foi bom filho, amou e foi amado,
Foi esposo exemplar e soube ser
Pai sereno, tão grande e admirado.

Quem na terra plantou o seu viver
No trabalho, na honra, ó Deus louvado !
Já viu tudo de bom que pode haver
Numa vida de homem sempre honrado.

Se dos olhos fugiu sua visão,
Mais visão tem seu nobre coração
Que as dores alheias sempre acalma

Pode os loiros colher do seu passado
Pelo bem por você sempre plantado;
Não é cego quem vê com os olhos d'alma!

Jardim, 27.09.87

(Ao tio Quincas que perdeu a visão aos 85 anos de idade.)

DOLORES

JOSÉ DE ALENCAR BEZERRA

Conheci Dolores Borges quando ainda aluno do Instituto dos Cegos do Ceará. O meu colega Augusto Abreu era parente do sr. Oscar França, casado com D. Maria Luísa Borges, tia de Dolores.

Esta família me deu muito apoio e incentivo, quando visitava suas casas. Dolores lia para mim e dava-me aulas de português. Depois Dolores tornou-se uma grande líder do laicato católico de Fortaleza, principalmente da Juventude Operária Católica.

Dolores, agora, é de outra vida. Partiu serenamente. Monsenhor Pinheiro Landim, na alocução que fez na missa de sétimo dia da minha amiga, disse que "Dolores era um grande espírito. Com ela, não teria havido a JOC em Fortaleza. A JOC é para o operário o que o escotismo é para a classe burguesa. A JOC ensina tudo, dá noções de viver, de higiene, de saúde, de civismo, de defesa do trabalho e das reivindicações dos direitos trabalhistas."

Certa vez Dolores foi convidada para pronunciar palestra sobre liderança sindical para os funcionários da RIFESA, em Fortaleza. Só então pude aquilatar o quanto ela era benquista. Em outra feita, no Rio de Janeiro, tive a incumbência de saudar Dolores, Delegada do Nordeste num Congresso da JOC, e o fiz com alegria. Era também muito minha amiga a sua irmã, a religiosa Helena, e em minha canção "Mapa sentimental de Fortaleza" homenageei as duas com esta estrofe:

"Dá vinte e quatro de Maio/Eu recordo duas flores
O sorriso de Helena/E o afeto de Dolores."

Faleceu Dolores em Dezembro de 1987, vítima de insidiosa moléstia. Não tive coragem de visitá-la. Lágrimas afloraram-se do coração. Sua partida entristeceu-me. Dolores teve uma vida bem vivida, a serviço da humanidade. Foi gozar da coroa de louros que Dues reserva para os justos.

Hercilio Peixoto & Cia.

Retífica de Motores Pe. Cícero

AV. LEÃO SAMPAIO, S/N — Km 3 — CEP : 63.180

TELEFONE: 511-0880

JUAZEIRO DO NORTE - CEARÁ

Bosch
— SERVIÇO —

VENDAS DE PEÇAS

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

ATENDIMENTO DE GARANTIA

EM CRATO:

RUA TRISTÃO GONÇALVES N.º 43

TELEFONE: 521-2421

O Cel. Nelson da Franca Alencar, Meu Avô

(Dados fornecidos por sua neta Donita)

Aos dois meses, vim do Piauí, onde nasci, para a casa do meu avô, no Lameiro, onde, com meus pais, demoramos pouco tempo.

Logo depois, embora bem modesta, no meio domato, com piso de terra batida e coberta de palha, tínhamos a nossa própria casa.

Só mais tarde é que nos transferiríamos para morada senhorial, localizada num alto. Construída para sua filha Augusta, que não quis ocupá-la, seria a residência de meus pais até quando Deus quis chamá-los, ficando de herança para sua descendência.

São coisas que muito marcaram minha vida: o Lameiro, a figura inesquecível do meu avô, sua imponente casa.

Lameiro, recanto paradisíaco, com sítios de mangueiras, goiabas, bananas, abacates e limoeiros, cajás, pitombas, etc., um verdadeiro pomar.

As do sítio do meu avô nunca foram vendidas, enquanto ele viveu. Os outros proprietários de pequenos sítios vizinhos abasteciam a cidade de Crato, distante 3 Km. Esse percurso era feito a pé ou a cavalo. O carro ainda não chegara àquela região.

Era o Lameiro o verdadeiro feudo do Cel. Nelson, meu avô.

Embora um suserano paternalista, sabia se impor, sendo muito respeitado e obedecido. Sua palavra era irrevogável. Caridoso, não gostava, todavia, de divulgar suas boas ações.

Conta-se que um amigo pedira-lhe, certa vez, um animal emprestado. Quando quis devolvê-lo, meu avô não o aceitou de volta, fazendo-lhe presente do mesmo.

Sempre bem vestido, de paletó e calças caque, camisas de peito duro, fechada com botões de ouro. Jamais o viram em mangas de camisa e chinelos.

Os sapatos, sem enfiar, eram confeccionados por um sapateiro de Crato. Meu avô encomendava muitos pares iguais de uma só vez, para guardar, de reserva.

O casarão do Cel. Nelson, de estilo colonial, tinha, na frente canos com cabeça de jacaré, para melhor escoamento das águas da chuva. Escada com degraus de tijolos aparentes (revestiam a calçada e todo o piso da casa), davam acesso à calçada, que acompanhava a frente e laterais da aprazível residência.

Na sala da frente, fileiras de cadeiras rústicas e duas de balanço, uma das quais era sempre ocupada por meu avô.

Num canto, uma mesa, onde os visitantes guardavam seus chapéus e objetos.

Em seguida, a "sala do relógio", com um quadro do Coração de Jesus, onde dois sofás de palhinha e algumas cadeiras eram reservadas às visitas de pessoas íntimas da casa.

Depois desta, outra sala com um sofá bem grande, onde as mulheres da família gostavam de conversar.

Vizinha a esta sala, outra, com uma mesa de drobadiças, que variava de tamanho, conforme o número de pessoas que sentavam ao seu redor, à hora das refeições. O horário dessas refeições era inusitado. Madrugador, meu avô almoçava às 8h da manhã, jantava às 13h, servindo-se de limas e mangas doces, à sobremesa. Se fazia alguma merenda nos intervalos nunca ví.

Contígua à sala de jantar, além de enorme guarda-louça, uma grande cantareira ostentava potes cobertos com paninhos sempre muito limpos, caracterizando esse espaço da casa como "sala dos potes".

Na cozinha existiam também potes enormes, sempre com água renovada por um preto velho, que a transportava em ancoretas, sobre lombo de burro.

No fogão de ferro, a chaleira fervia, o dia todo, para o café dos frequentes visitantes. Eles chegavam quase todos os dias, para o banho no tanque, onde a bica de água cristalina, vinda de límpida fonte através de "levada", assegurava a higiene do banho, como também a do pequeno sanitário, ao lado.

Dentro do banheiro de alvenaria, coberto com telhas, um armário com aguardente velha e copos, à disposição dos banhistas.

Depois, já na casa do coronel, era servido um café torrado em casa, considerado o melhor da terra.

Sua casa era muito frequentada, não só pelos abastados, como por pessoas pobres.

Nas idas à casa do meu avô, em companhia de minha mãe, ficava toda comportada e calada; apenas ouvia o que os adultos diziam. — "Menino não se mete em conversa de gente grande".

O Cel. Nelson não era religioso, porém mantinha relações de amizade com padres, inclusive o reitor do Seminário S. José. Os seminaristas faziam pic-nics em seu pomar.

Teve participação destacada na história social e política cratenses.

Partidário do Cel. Belém, ficou contra este, ao lado do Cel. Antonio Luís Alves Pequeno, depois que seu cunhado Horácio Jácome foi assassinado, numa serenata, por partidários do Belém, em 1904.

Em 24 de Janeiro de 1914, um grupo de 300 jagunços atacava o Crato, fortificado e guarnecido por apenas 60 praças da polícia.

Dia 25 acabava a munição dos soldados da polícia cratense, que, desarmada, procurou refúgio no Lameiro, onde foi acolhida. Muitos amigos crateses, rebelistas, encontraram refúgio em casa de meu avô. A casa passou a ser apelidada "salva-vidas".

Na grande seca de 1915, por ordem de meu avô, os portões de sua mansão foram abertos à pobreza, que tinha plena liberdade de se servir de frutas, cortar macaubeiras, a fim de aproveitar o âmago. Este, lavado em muitas águas, era utilizado para a confecção de beijus.

No engenho, contudo, não era permitida a entrada a nenhum estranho.

Casado com Sinhazinha, tinha três filhos: Aderson, Jósio e Augusta.

Com os filhos, era rígido, não cedia uma linha. Nenhum tinha a ousadia de pedir-lhe alguma coisa. Se algum deles errasse, o castigo era a enxada, e ninguém podia interferir ou ajudar o filho castigado.

Fez questão de educá-los em Fortaleza.

Aderson, Jósio e Augusta saíram de Crato, a cavalo, cada um com um baú de pregarias e as iniciais do dono, transportados em lombo de animais.

Minha avó ficou na maior tristeza pela partida dos filhos.

O Coronel simulou mandar buscá-los; o portador, de volta, disse não tê-los alcançado mais.

Em Fortaleza ficaram dois anos ininterruptos, sem férias.

Aderson e Jósio estudaram no célebre colégio do Professor Anacleto.

Augusta, no de dona Ana Bilhar.

Aderson, herdeiro da mansão do Lameiro, teve um único filho, Nelson, que abraçou a carreira militar, chegando ao posto de coronel do exército.

Jósio, casado com Sinhazinha, morreu moço, aos trinta e três anos, de diabetes. Da união, nasceram três filhos: Ana (Donita), Leonildes e Luzanira.

Augusta viveu parte considerável de sua pálida existência em verdadeira clausura, por causa de um casamento frustrado pelo pai.

Nas raras visitas ao Crato, por ocasião da festa da Padroeira e outras datas, Augusta via Alfredo, um dos frequentadores do casarão assobradado da Praça da Sé, a residência de meu avô, nessa cidade.

Moço extrovertido, palrador, bem apessoado, impressionou a menina apagada e retraída.

A troca de olhares deu origem a um romance, que ocupava os sonhos da moça, em sua reclusão do Lameiro.

Um belo dia, Augusta recebe uma carta de Alfredo, combinando uma fuga. Tudo preparado; os acompanhantes, pessoas sérias, a casa de respeitável família, onde a noiva seria depositada.

Acontece que a carta foi interceptada pelo meu avô, que ficou verdadeiramente possesso. Obriga Augusta a responder, aquiescendo com os termos da proposta de fuga. A letra trêmula, as linhas manchadas de lágrimas, ela escreve as palavras ditadas pelo pai.

À hora combinada, chega Alfredo para o desditoso encontro. É recebido a tiros. Ninguém sai ferido, pois os tiros foram disparados para cima. A or-

dem de "matar até os cavalos" fora revogada diante das súplicas de minha avó.

Alfredo leva um grande susto, enche-se de espinhos pela corrida espavorida dentro do macaúbal. Breve cicatrizará. Mas, para Augusta, ferida no mais profundo da alma, jamais haveria recuperação.

Nunca mais foi além da sala de jantar, apesar da mala apinhada dos inúmeros vestidos presenteados pelo pai.

Por obediência casou-se jurando não fazer vida com o marido, jamais.

Mas, a delicadeza, paciência e persistência dele, depois de muitos anos, conseguiram derrubar as barreiras da obstinada Augusta.

O neto anunciado era esperado com ansiedade e alegria pelo esperançaoso avô.

Infelizmente, porém, ao dar à luz, Augusta falece com o seu infeliz rehentó. . .

Meu avô ficou viúvo ainda moço, mas não quis casar outra vez.

Aos 87 anos, sentindo-se incapaz de trabalhar, pôs fim à própria vida, enforcando-se com corda tecida às escondidas, tiradas dos punhos de rede.

Ninguém pode julgá-lo por esse ato insano, conseqüência, talvez, de sua senilidade. Certamente, para Deus, pesaram suas incontáveis boas ações, seus atos de generosidade.

Fortaleza, 07 de Abril de 1988.

(Escreveu Encida Figueiredo Araripe, de acordo com anotações de Ana da Franca Alencar — Donita).

FILHOS ILUSTRES DO CRATO

Dr. Elyσιο Gomes de Figueiredo

Descendente de duas das mais tradicionais famílias da Princesa do Cariri, nasceu esse ilustre esculápio na Cidade do Crato, no dia 2 de Fevereiro de 1892. Foram seus pais o Dr. Gustavo Horácio de Figueiredo e Maria Gomes de Matos Figueiredo.

O Pai do Dr. Elisio foi, muito jovem, advogado e Juiz de Direito e teve marcante atuação na solução dos problemas fronteiriços do Ceará com o Rio Grande do Norte — a chamada Questão de Grossos, onde sua influência, como Juiz do Aracati, e conhecedor profundo das áreas dos dois Estados, teve parecer que foi aceito pelos litigantes. Morreu o Dr. Gustavo Horácio aos 33 anos, na função de Juiz de Aracati.

Dr. Elisio fez os primeiros estudos com professoras particulares em Crato e aos 12 anos seguiu para Salvador - BA, matriculando-se no Ginásio

Baiano e ali, desde 1905, fazendo seus preparatórios. Em tendo concluído esses preparatórios, ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, onde se diplomou médico no dia 16.12.1916, sendo orador da turma. Entre seus colegas havia outro cratense, Dr. Joaquim Fernandes Teles, mais tarde prefeito do Crato, deputado estadual e constituinte de 1946.

Retornando o Dr. Elisio ao Crato, fez da Medicina o seu sacerdócio diário — de 1917 a 1970. Foi, ainda, professor de Física e Química, Inspector Escolar Federal, por 35 anos, no mesmo Colégio, médico no Hospital São Francisco e fazendeiro na sua Fazenda São Gonçalves, arredores do Crato.

Em tudo isso punha em prática sua inteligência privilegiada e sua enorme capacidade de trabalho. Além do português, que falava corretíssimo, falava, ainda 5 línguas - espanhol, italiano, inglês, francês e grego. Ficou célebre uma saudação que fez ao empresário grego George Lucetti, residente em Crato, num banquete em sua homenagem, quando falou em grego!... Era orador magistral e dono de prodigiosa memória conhecendo as principais obras literárias do mundo, que citava de cor.

Casou-se o Dr. Elisio Gomes de Figueiredo, pela primeira vez em 1918, com D. Adalgisa Belém de Figueiredo, filha do cel. Antônio Belém de Figueiredo e dona Maria da Conceição de Figueiredo, sendo seu sogro irmão do famoso chefe político do Crato, o cel. José Belém. Durou pouco seu primeiro casamento, 6 meses, com a morte inesperada da primeira esposa, que lhe causou profunda mágoa. Não houve filhos. Em 1920 casou-se pela segunda vez, agora com D. Maria de Jesus Belém, irmã da primeira esposa.

Desse casamento nasceram os filhos Adalgisa, casada com Hermes Paraíba Junior; José, oficial da aeronáutica, reformado; Lêda, casada com o ex-Inspector do Ensino, crítico literário e escritor Stenio Lopes, hoje diretor do SENAI - Paraíba; Gustavo Horácio, agropecuarista, que continua dono da Fazenda S. Gonçalves, que desenvolveu de maneira admirável e onde vive com sua família; Celina, casada com Delmiro Paiva; Elisio Ney, tragicamente falecido quando venturoso lhe seria o futuro, talvez como médico; e Luis Elisio, comerciante atual em Brasília, casado com Ana Maria Figueiredo.

Crato prestou duas homenagens ao Dr. Elisio Figueiredo: uma Ala do Hospital Manoel de Abreu tem seu nome, e uma rua ostenta também seu nome, indo do Bairro Batateiras até ao Campo Alegre, passando em frente à sua antiga Casa no S. Gonçalves.

Faleceu esse emérito lidador da Medicina, em Crato, em sua residência na cidade, na Rua Dr. João Pessoa, em 17.10.1975.

Recebera, quando do cinquentenário de formatura de sua turma, em 1966, convite para ser o orador das festividades. Mas a avançada idade e os achaques não lhe permitiram ir ao Rio, para as comemorações.

Circulando mais dois Livros de Autores Caririenses

Acham-se em circulação dois novos livros de autores caririenses.

O primeiro — QUADRILÁTERO DA SECA, do escritor F. S. Nascimento, do Instituto Cultural do Cariri e da Academia Cearense de Letras.

Trata-se de rico volume, de 304 páginas, editado pela Stylus Comunicações Ltda. e é um profundo estudo analítico do Nordeste, seca, açudagem, irrigação e enfoques especiais sobre a economia agrária da região. Seguindo a mesma linha dos Estudos de Thomaz Pompeu Sobrinho e outros estudiosos da realidade nordestina. O livro de F. S. Nascimento se constitui precioso repositório de informações e de acurada análise, em que mostra que o autor consultou preciosa bibliografia, abeberando-se do assunto que expõe com seriedade, à base de ensinamentos científicos e com imenso conteúdo de conhecimentos.

O segundo livro — LAVRAS DA MANGABEIRA — UM MARCO HISTÓRICO, é de Rejane Monteiro Augusto Gonçalves. É um demorado estudo sobre aquele Município, suas tradições, costumes e conteúdo humano, com interessantíssima análise de seu povo e sua gente. O período em que Lavras é focalizada vai desde 1884 a 1984, uma centúria, quando mais se destacaram as suas principais lideranças e mais se projetou o grande Município, na história do sul do Estado.

Até as listagens de vigários, juizes, prefeitos, promotores de Direito e outras figuras que fizeram história, cronologicamente localizadas, o livro é um manancial de informes seguros, autênticos, respeitáveis e sérios, que Rejane Augusto codificou, com paciência e zelo, dando à história do sul cearense um volume de elevada importância e indispensável consulta a todos os que se interessam pela história de Lavras da Mangabeira e do Cariri. Um livro de muito valor e que demonstra a inegável capacidade pesquisadora da autora, uma das novas revelações da literatura histórica do nosso Estado.

senai 45 ANOS ANOS FORMANDO MÃO-DE-OBRA
PARA A INDÚSTRIA CEARENSE.

Faleceu o Escritor

Moacyr Gondim Lóssio

Os meios culturais do Cariri, especialmente da cidade do Crato, foram surpreendidas com o repentino falecimento do escritor Moacyr Gondim Lóssio, figura das mais destacadas das letras e da pesquisa histórica do sul do Ceará, vítima de fulminante enfarto do miocárdio.

Moacyr Gondim Lóssio pertencia a uma das mais ilustres famílias da região, sendo irmão do professor Mons. Rubens Gondim Lóssio, ex-Vigário do Crato, e do Dr. Ailton Lóssio, que pertence aos quadros da Universidade Federal do Ceará.

Era funcionário aposentado do I.B.G.E. e do manuseio dos dados estatísticos lhe veio o gosto pela literatura, tendo publicado várias obras.

DADOS BIOGRÁFICOS

Moacyr Gondim Lóssio nasceu em Vila da Barra de S. Pedro, atualmente no Município de Ouricuri, Pernambuco, em 15 de Novembro de 1.919, sendo filho de Júlio Lóssio e Eleonor Gondim Lóssio. Estudou em Jardim, em Crato e no Instituto S. Luis, de Fortaleza, onde foi aluno de Menezes Pimentel. Ingressando no IBGE, ali fez carreira funcional até se aposentar.

Um dos fundadores do Instituto Cultural do Cariri, em Crato, em 1953, publicou diversos trabalhos na revista ITAYTERA. São de sua autoria os livros ISTO É CRATO, GEOGRAFIA DO CRATO e INICIAÇÃO À HISTÓRIA DO CARIRI. Deixou pronto um novo livro, ESBOÇO HISTÓRICO DO CARIRI.

Casou-se em 19 de Outubro de 1944 com Maria Adail Rocha Gondim e teve com ela os seguintes filhos:

- Eleonor Gondim Feitosa, casada com Epaminondas Feitosa;
- Francisco Gondim Lóssio, casado com Simone Couto;
- Maria do Socorro, casada com o médico Ridalvo Rocha;
- Maria das Graças, casada com o bancário Hortêncio Oliveira;
- Julio Lóssio Neto, casado com Cacilda Parente;
- Ana Nininha, casada com Fernando de Oliveira;
- Jacinto Lóssio, casado com Joana Darc Lóssio;
- Lúcia de Fátima, casada com Reinaldo Sepúlveda de Sousa.

Moacyr Lóssio faleceu pouco depois do almoço, no dia 22 de Março de 1988, na casa anexa à sua Farmácia Nossa Sra. da Penha, em Juazeiro. Foi velado na residência do Crato, à Rua Cel. Secundo, onde, na manhã de 23, foi celebrada missa de corpo presente, tendo sido levado para Jardim, onde se criou e tem seus familiares, sendo, ali, sepultado em meio a grande comoção popular.

Era um dos mais legítimos valores intelectuais da região, que perdeu, assim, um dos seus expoentes notáveis nas letras e na pesquisa histórica.

Deixou 26 netos e uma bisneta.

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI AJUDOU ITAYTERA

Seria grave omissão, de nossa parte, se não registrássemos a ajuda valiosa que nos proporcionou, para edição do número 32 de Itaytera — a Universidade Regional do Cariri - URCA.

Desde o ano de 87, quando profundamente sensibilizado com a situação de penúria do nosso Instituto Cultural do Cariri, o Magnífico Reitor, José Teodoro Soares prometera essa ajuda. E de fato, já podendo movimentar conta própria no Orçamento de 1988, concedeu-nos essa ajuda em dinheiro, em duas prestações, cumprindo o que prometera e abrindo um espaço, uma perspectiva muito maior, para os próximos anos.

O ICC é grato à URCA e ao seu dinâmico, esclarecido e atuante Reitor, que vem realizando trabalho verdadeiramente hercúleo, na fase mais difícil de nossa instituição universitária, a da implantação e consolidação.

Padre Cícero Enfocado em Simpósio

De 17 a 20 de Abril último a Universidade Regional do Cariri reuniu, no Memorial Pe. Cícero, em Juazeiro - a nata da intelectualidade, estudiosos, sociólogos e pesquisadores internacionais sobre o Pe. Cícero, num Simpósio, de caráter internacional, sobre a figura e a obra do imortal sacerdote conterrâneo. Os trabalhos ali apresentados e discutidos foram de fundamental importância para a interpretação correta, sob novos ângulos, do Pe. Cícero e os Romeiros de Juazeiro. A URCA lavrou grande tento, contribuindo para aprofundamento do estudo que se faz, no mundo inteiro, desse fenômeno social e religioso, justamente no magnífico cenário onde se desenrola o mesmo.

Circulando dois novos Livros de Raimundo Girão

O Instituto Cultural do Cariri vem de receber, com gentil dedicatória, os dois novos livros de Raimundo Girão, consagrado Mestre da nossa história, pesquisador erudito, que já tem dado ao Ceará uma contribuição literária e histórica importantíssima, de mais de 30 títulos.

Os dois novos livros são: A MARCHA DO POVOAMENTO DO VALE DO JAGUARIBE - (1.600 a 1.700) em que o Autor faz uma peruciante investigação e análise, confrontando autores diversos e tirando suas próprias conclusões, sobre como se procedeu ao povoamento do Vale do Jaguaribe, fazendo uma análise de suas perspectivas históricas e fundamentando as origens das principais famílias do Vale.

Um precioso volume de 89 páginas, indispensável aos que queiram aprofundar, futuramente, o estudo, com esse roteiro-guia de muito valimento e significativa importância.

Uma inestimável colaboração à história do povoamento cearense.

O segundo volume é PEQUENA GALERIA MORADANOVENSE, em que o Dr. Girão exalta e afiança os valores de sua terra natal, Morada Nova, significando a importância dos principais filhos da terra, onde se incluem dois ex-governadores do Ceará, Eduardo Girão e Manoel de Castro. O esboço biográfico de cada um, o que foram, produziram ou estão produzindo, torna Morada Nova um polo de singular importância pelos filhos que deu ao Estado. As ribeiras do Banabuiú são exaustivamente estudadas, como parte da atuação de cada perfilado.

Dois livros, certamente, de grande valor para a história do Ceará, com assinatura e a chancela do nosso maior historiador, o muito sério e conspícuo Dr. Girão, o maior historiador da Terra de Iracema.

HISTÓRIA DO CARIRI

O professor José de Figueiredo Filho, de saudosa memória, deu início, em 1964, com o patrocínio da Faculdade de Filosofia do Crato, então sob a clarividente direção do professor José Newton Alves de Sousa, à publicação da "História do Cariri".

Infelizmente, o insigne mestre, a quem tanto deve a nossa cultura, notadamente no campo da História, faleceu sem ultimar a obra que planejara e começara sob tão bons auspícios.

A morte o colheu quando apenas havia dado à publicidade o 4.º volume.

Lamentando o fato, sobremodo danoso às nossas letras, esse outro brilhante e incansável estimulador da cultura regional, o eminente professor José Newton, escrevia da Bahia, em 1974, numa nota inserida no jornal cratense "A Ação", de 14 de Dezembro daquele ano, o seguinte:

"Figueiredo Filho planejava escrever, em dez volumes, a "História do Cariri", iniciativa da Faculdade de Filosofia do Crato. Chegou a publicar os quatro primeiros, a modo, ainda, de apostilas. Se mais vivesse, outros teria escrito, apesar do vulto dos seus afazeres e da carência de saúde.

Mas o que, neste particular, está feito, é uma realização que obriga e um desafio que exige resposta. Obriga a Faculdade de Filosofia do Crato como tal e obriga os professores de História, especialmente.

Não se compreende como obra de tal importância não tenha tido ainda seus continuadores, em atividade.

Figueiredo Filho fala do túmulo. Sua voz é dessas que se não calam, ainda que seladas pela morte.

É tempo de agir.

Um Dr. Raimundo de Oliveira Borges, uma Professora Edméa Arraes de Alencar, um professor Joaquim Lobo de Macedo, um Professor Alderico de Paula Damasceno, um Padre Antonio Teodósio Nunes e possivelmente outros, são nomes que podem, com dignidade e talento, responder àquele desafio.

E nem é preciso lembrar que não se deve deixar para amanhã o que se pode fazer hoje."

Figueiredo Filho era de uma tenacidade extraordinária. Não se deixava vencer quando se lhe negava de fonte oficial qualquer auxílio necessário a uma promoção em bem da terra comum. Batia reiteradamente na tecla, até conseguir a almejada contribuição, menos para proveito próprio do que para benefício da coletividade a que serviu com todas as forças do seu idealismo.

Raros, porém, os que dispõem dessa fortaleza admirável de ânimo para convencer as naturezas empedernidas de nosso oficialismo tacanho.

Anos atrás propus-me, como velho militante do fôro nestes rincões cearenses, preparar e publicar uma pequena, mas certamente proveitosa, sobretudo para as Escolas, História da Comarca do Crato, a exemplo da História Judiciária do Ceará (convênio do Instituto do Ceará com o Tribunal de Justiça).

Para esse fim, já havia feito copiosa coleta de dados, a partir da jurisdição do 1.º Ouvidor José Raimundo do Paço de Porbém Barbosa.

Procurei então o chefe da comuna e, expondo-lhe as minhas intenções, solicitei o auxílio financeiro necessário, que relativamente era pequeno, com a declaração expressa de que os meus serviços, neste tocante, seriam inteiramente grátis.

Negativa absoluta, com o chavão muito em prática para as obras meri-tórias, que não sirvam para apadrinhamento ou satisfação de interesses pessoais imediatos, da falta de verba.

Assim, sem que se veja nisto qualquer laivo de pessimismo ou de maledicência, também no setor cultural está faltando ao Crato homem de visão ao leme...

Raimundo de Oliveira Borges

16-03-1988

ANTONIO MARTINS FILHO: Dez Enfoques Sobre Augusto dos Anjos

Joaryvar Macedo

Raríssimo os homes de letras deste país que mereceram tão vasta bibliografia crítica — livros, teses, monografias, ensaios e artigos — como o poeta paraibano Augusto dos Anjos.

É bem verdade que uma parcela dessa bibliografia procura denegrir-lhe, a produção. Esse fato, entretanto, não deixa de ser normal. É o que só acontece a quantos mais se projetam, não só no campo das letras, senão também nas diversas áreas da atividade humana.

A esse respeito, dentre tantos outros exemplos frisantes, citemos um apenas. Quantos opositores não teve José de Alencar? Na verdade, o maior romancista brasileiro, o irrecusável e fecundo criador da literatura nacional, se, por um lado teve uma considerável quantidade de comentaristas favoráveis, a exaltarem sua obra, de outro ângulo, não lhe faltaram os cáusticos e iníquos julgadores, a minimizarem e até a achincalharem sua tão apreciada e tão aplaudida produção. E isto não apenas no Brasil, porém ainda em Portugal.

Idêntica sorte tiveram outros fulgurantes nomes da nossa literatura, sorte a que não escapou o genial, o extraordinário poeta Augusto dos Anjos, sobretudo logo após a publicação do seu primeiro e único livro. *Eu*, quando, minguadas e restritivas, muitas delas até mesmo deletérias, se apresentaram as manifestações críticas acerca da obra.

O tempo, contudo, haveria de resgatar, como de fato resgatou, a opulência da produção do bizarro poeta, paraibano pelo nascimento, e brasileiro pela projeção da sua obra na contextura das letras nacionais. Tanto assim que se sucedem as edições do *Eu*, e a fortuna crítica de Augusto dos Anjos já sobrepuxa aos quinhentos títulos.

A essa fortuna crítica, realmente de chamar a atenção, junta-se, agora, a contribuição de Antônio Martins Filho, *Reflexões sobre Augusto dos Anjos*, contendo nada menos de dez enfoques, da mais alta valia, a respeito do poeta que *trocou a sua forma de homem pela imortalidade das idéias*. Livro, aliás, bem planejado, cujos segmentos pode ser lidos isoladamente.

Em nota introdutória esclarecedora, Martins Filho apresenta as razões que o induziram à feitura da obra, vinculadas elas, ainda à sua juventude no Crato. À época, no ano de 1922, nesta cidade, um grupo de jovens fundara uma agremiação literária, com o nome de Academia dos Infantes, da qual foi ele o primeiro e único presidente, e onde teve como patrono Augusto dos Anjos.

Tecendo comentários acerca de boa parte da crítica a respeito do poeta, e dela haurindo sempre curiosas conclusões, inicia o trabalho enfocando como se lhe ensejou contactar com as primeiras produções de Augusto dos Anjos, o que se dera no já culto ambiente cratense, ao final do quartel inicial do vigente século. Da leitura dessas produções adveio-lhe a admiração pelo vate, *cujo coração tinha catedrais imensas*. Admiração que cresceu, ao perflustrar um estudo de Mário Linhares sobre o autor do *Eu*, obra única, entretanto suficiente para imortalizá-lo, como realmente o imortalizou, e viria a ser a mais reeditada e mais discutida da literatura em terras brasileiras.

O citado estudo de Mário Linhares, objeto da apreciação de Martins Filho, entre outros aspectos da personalidade do poeta, ressaltava-lhe a esquisitez do temperamento, o mórbido sentimento da morte ressumado pelos seus versos, a obsessão na abordagem de coisas repugnantes, o emprego excessivo de termos científicos, e outras excentricidades, que, no seu entender, deficiam o *Eu*. Nada obstante, Mário Linhares, enaltecia Augusto dos Anjos como “rara e robusta organização de pensador, destinada a atingir as culminâncias da Arte”, em face da sua vigorosa cerebração, destacando, inclusive, sua originalidade.

Do arrazoado de Mário Linhares conclui Martins Filho que a mensagem poética do *Eu*, para os mais esclarecidos, e ansiosos por inovações na área das letras e das artes, particularmente para os jovens, em termos de libertação do sentimento artístico, expressava, em verdade, algo de original.

Nos dados biográficos expostos, o autor das *Reflexões* põe em relevo a vasta cultura do genitor de Augusto dos Anjos, que impingiu ao filho um regime de trabalho sobremaneira rigoroso, do que resultou a sólida cultura assimilada pelo poeta. Esse regime de trabalho, imposto pelo pai, de envolta com o desequilíbrio mental da genitora, eis os dois fatores preponderantes, a influenciarem, decisivamente, na personalidade intelectual e no psiquismo do menino do Engenho Pau d'Arco, o primeiro positivamente, o segundo negativamente.

No mencionado segmento da obra, encontram-se registrados, outrossim, a experiência de Augusto dos Anjos no magistério, a amarga decepção sofrida em sua própria terra, causada por uma desairosa atitude do então governante paraibano, a publicação de sua obra única, bem assim outros elementos essenciais da sua biografia.

Detendo-se, em seguida, na análise crítica de Antônio Torres, um dos mais antigos comentaristas de Augusto dos Anjos, Martins Filho endossa, inteiramente, através de judicioso tratamento, a opinião do referido intelectual. Para este, Augusto dos Anjos constituíra um caso singular em nossa literatura, sendo como poeta, irrecusavelmente, um verdadeiro artista, havendo, na sua obra, belezas extraordinárias, a despeito das imperfeições com que ela se apresenta, das quais, lamentavelmente, falecendo muito moço, não teve ele tempo de escoimá-la.

Discorrendo sobre o *Eu*, Martins Filho aborda dificuldades encontradas pelo poeta. Não apenas a falta de interesse na edição do seu livro, mas também e sobretudo a decepção bem maior que lhe motivou a crítica, "parcimoniosa e reservada", com raras exceções, o que de muito lhe chocou a sensibilidade. O pior, todavia, foram as críticas contudentes, de que não se safou sequer a escolha do título da obra.

É bem verdade que algumas vozes se ergueram no destacar o valor da obra de Augusto dos Anjos, a sua superior inspiração, a cultura, o brilho, a independência de idéias, a originalidade. Para a maioria, entretanto, o poeta, pobre de sentimentos, empanturrado de cientificismo, não passava de um desequilibrado mental, um estapafúrdio, um louco mesmo.

O tempo, no entanto, se encarregaria de, aos poucos destruir essa onda de hostilidades e restrições a Augusto dos Anjos. Tal mudança de atitude, segundo o autor das *Reflexões*, surgiria a partir da reedição do *Eu*, acrescida de diversos poemas, com alentada introdução do seu contemporâneo, conterrâneo e amigo Orris Soares. Esse estudo, como acentua Martins Filho, embora também de caráter afetivo, revestiu-se de alta relevância para um mais eficiente conhecimento de Augusto dos Anjos e ampla divulgação da sua obra.

Quanto à tendência de Augusto dos Anjos, no referente a escolas literárias, detém-se o autor em opiniões e conceituações de escritores que estudaram, com profundidade, a singular personalidade de Augusto dos Anjos. Expondo-os, com clareza e objetividade, conclui sua argumentação, observando ser quase impossível vincular o poeta a essa ou àquela corrente.

Sendo Augusto dos Anjos um artista original ou um poeta *sui generis*, em quem se manifestou, efetivamente, a genialidade, Martins Filho discorda da opinião do crítico Álvaro de Carvalho, para quem o vate "não formou escola" nem "abriu caminho para a poesia do futuro". Então, afirma que ele "pode e deve ser considerado um pré-modernista pela mensagem de libertação que emana de grande parte de seus poemas".

Tratando das razões da angústia de Augusto dos Anjos, novamente o autor das *Reflexões* se demora em curiosas análises. Desta feita, examinando os estudos do conceituoso intelectual Horácio de Almeida, acerca do genial poeta, traz à tona o caso da flagrante inquietação da sua personalidade, a tão conhecida desordem do seu sistema nervoso, cujas raízes se chantam no profundo abalo sofrido por sua mãe, quando ele se achava ainda em gestação. A isso deve-se acrescer o rigorismo do pai, homem culto, forrado de profundos conhecimentos humanísticos e filosóficos, na formação intelectual do filho.

Fundamentado no sobredito autor, Martins Filho faz vir à baila, além desses fatores altamente influenciadores, outro de muito maior peso. Trata-se de tragédia passional em que se envolvera Augusto dos Anjos, para inferir pela procedência das interpretações de Horácio de Almeida, nessa questão controvertida da vida do poeta, que continua um enigma.

A propósito, ocupa-se Martins Filho do ensaio do escritor paraibano J. Flóscolo da Nóbrega, ressaltando-lhe o indiscutível valor da contribuição. Nesta, ou mais precisamente nos tópicos destacados e analisados por ele, repontam importantes considerações em torno do enigmático poeta, marcado pelo destino, de vida sofrida, como a de tantas outras genialidades desventuradas da história. Poeta enigmático e de "acentuado cerebralismo". Poeta senhor de uma arte, de uma "poesia mais cérebro que coração", isto é, com predomínio do cientificismo de um homem "refugiado em si mesmo". Conforme evidencia o trecho, nem por isso, deixou Augusto dos Anjos de ser um grande vate, notadamente nos sonetos, havendo, entre os muitos que produziu, algumas verdadeiras obras-primas. Nem mesmo deixou de ser um artífice incomparável do verso, em que pese a certos defeitos contidos na sua produção.

Malgrado enigmático, cerebral, angustiado, tímido, introvertido, bem outro era "o homem comum Augusto dos Anjos", o Augusto dos Anjos na intimidade dos familiares e amigos.

Estribado em três pertinentes fontes de informação, ou seja, a tradição oral e estudos da autoria de dois intelectuais, Ademar Vidal e Humberto Nóbrega, neste em especial, Martins Filho perscruta esse ângulo da vida do poeta. Eis que assim, no texto das *Reflexões*, vamos encontrar, na pessoa do extravagante, atormentado e introspectivo Augusto dos Anjos, contraditoriamente, um homem bem diverso: alegre, trocista, faceto, galanteador, lírico. Um poeta bem diferente, publicando poemas jocosos num jornalzinho de humor da capital paraibana, e compondo humorísticos anúncios comerciais em versos.

E, de fato, surpreende esta faceta, tão pouco conhecida, da personalidade do vate paraibano, que chegou a ser cognominado *Poeta da Morte*, faceta competentemente focalizada nas *Reflexões*.

No tocante à doença que acompanhou e vitimou, tão moço, o desventuroso poeta, Martins Filho aprecia um leque de pareceres mais ou menos profundos, emitidos por intelectuais de relevo, mostrando, pelas citações, como a maioria deles se pronunciou pela tuberculose pulmonar, na qual o próprio Augusto dos Anjos se julgava acometido. Concentra-se, porém, em dois trabalhos de cunho científico, um do cearense João Felipe de Sabóia Ribeiro, outro do paraibano Humberto Nóbrega, ambos médicos. Analizando-os, externa o autor das *Reflexões* a sua opinião, segundo a qual, se trata de “um belo caso médico”, onde o diagnóstico da moléstia do desinquieto vate, constitui uma questão polêmica e, ao mesmo tempo, insolúvel.

A atualidade de Augusto dos Anjos é o fecho da obra. Trabalhando o palpitante tema, além de outras considerações, Martins Filho comenta passos do ensaio de José I ins do Rego sobre o poeta, donde afloram curiosos e dolorosos episódios envolvendo-o e a seus familiares. Tece, outrossim, comentários a propósito da tese elaborada pela professora Lucia Helena, a respeito do que ela chama a *cosmo-agonia de Augusto dos Anjos*. E o faz o autor para realçar a excelência do estudo, original e abrangente, apesar de conter “algumas afirmações bastante categóricas e que poderiam ser reexaminadas”.

Em ligeiros traços, eis aí, uma indicação do que oferece ao leitor a indiscutível capacidade de análise e síntese de Antônio Martins Filho, nas páginas de *Reflexões sobre Augusto dos Anjos*, fruto opimo de suas leituras e lucubrções, ao longo do tempo, em torno do vate da sua predileção, do genial, desajustado e atribulado poeta que, um dia, *no desespero dos iconoclasta/ quebrou a imagem dos seus próprios sonhos*. A obra, em verdade, constitui-se em contribuição de peso, em testemunho imprescindível aos operários das letras, que se voltam para o estudo deste singularíssimo poeta, glória inquestionável da literatura nacional.

JOARYMAR MACEDO, na apresentação do livro REFLEXÕES SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS, de Antônio Martins Filho. Lançamento em Crato na noite de 27.03.1988, no Salão de Artes da Reitoria da Universidade Regional do Cariri - URCA)

O SENAI - Ceará, entidade mantida e administrada pela CNI — Confederação Nacional da Indústria, nos seus 45 anos de fundação, se faz presente ao 32.º número da circulação ininterrupta da Revista Cultural do Cariri - ITAYTERA.

PLANTE

Planejamento e Assistência Técnica Agropecuária Ltda.

OS MELHORES PROJETOS AGROPECUÁRIOS
PARA HABILITAR VOCÊ
ÀS DIFERENTES LINHAS DE CRÉDITOS.
LARGA EXPERIÊNCIA NO RAMO.

PROCURE-NOS !

Av. Duque de Caxias, 714 - Ed. Cícero Araripe - sala 212
Telefones - (085) 521-24.82 e 521-30.68
63.100 - CRATO - CEARÁ

"Se teus projetos são para um ano — semeia o grão;
Se são para dez anos — planta uma árvore;
Se são para cem anos — instrui o povo.

Semeando uma vez o grão colherás uma vez.
Plantando uma árvore, colherás dez vezes.
Instruindo o povo, colherás cem vezes."

(Do juramento do engenheiro-agrônomo)

A fama, da Caatinga a Wollywood

Zé do Crato pertenceu ao Correio Aéreo.

Hoje, quase não sai de sua fazenda.

Lampião, Padre Cícero, o beato José Lourenço, Walter Pigeon, Robert Taylor e os brigadeiros Eduardo Gomes e Nelson Lavanere Wanderley têm afinal alguma coisa em comum porque fizeram parte da vida de um personagem de carne e osso, militar brasileiro e relíquia viva da Força Aérea Brasileira, além de último remanescente do Correio Aéreo Nacional: o major-brigadeiro José Sampaio de Macedo, mais conhecido na FAB e no seu Ceará de nascimento como "Zé do Crato".

No dinâmico filme de aventuras que é sua vida, o nome pelo qual é conhecido evoca audácia, coragem e macheza. Para a jovem oficialidade da FAB, a menção de seu nome traz à tona episódios fantásticos em que se associam atrevimento e senso do dever, improviso e disciplina. Ora "Zé do Crato" é lembrado no encaço de Lampião no maior deserto brasileiro, o Raso da Catarina, ora na solidão de uma rota aérea ainda não desbravada, como a do rio São Francisco dos anos 30. Também é lembrado no comando de uma esquadilha de fortalezas voadoras em plena Segunda Guerra Mundial ou, melhor ainda, entre os glamourosos astros e estrelas de Hollywood, nos sets de filmagem da Metro-Goldwn-Meyer, onde circulou muito tempo.

A trajetória de "Zé do Crato" atravessou todos esses lugares diferentes, e ele é hoje, aos 80 anos, o sertanejo rijo e vigoroso de sempre, dono das condecorações mais importantes da carreira militar brasileira, que não renuncia à direção de sua grande fazenda no coração do Crato. Ali, José Sampaio de Macedo fabrica a mais famosa e fina aguardente do Cariri - a cachaça "Brigadeiro" - considerada na região "lambada" obrigatória após uma mordida na rapadura e antes do cigarrinho e do dedo de prosa. E é muito cedo que "Zé do Crato" levanta, para cavalgar por suas terras que se perdem no horizonte, quando não caminha a pé toda a manhã, mantendo um costume que conserva da infância, desde que fazia 70 quilômetros num dia "para conhecer o mundo". Na época, ainda como hoje, sai em trajes tão comuns na região quanto estranhos para um oficial da FAB: chapéu de couro, roupas rústicas, sandália de rabicho.

“Zé do Crato” sorri vincando o rosto quando lembra das muitas vezes em que passou a tropa em revista após longas horas de vôo vestido desse modo, surpreendendo os soldados pela mistura que fazia com o uniforme de piloto. Divertia-se com o espanto geral e ficava esperando as perguntas para aumentar, com comentários pitorescos, a dúvida dos subordinados. Foi com esse traje que ele lidou sempre com o gado e a terra, matando a sede em lugares secos com um corte certo no piqui ou no croatá, plantas do cariri e fontes de proteínas na paisagem agreste. Sua aparência robusta, enxuta, cenho franzido mas um ar geral bonachão indicam o andarilho inacreditável, que ninguém sabe se caminha ainda hoje os 70 quilômetros da juventude ou se afirma isso para estudar, divertido, a reação do seu ouvinte.

Filho de família grande e tradicional do sertão cearense, “Zé do Crato” vem de um tempo em que seus conterrâneos faziam o sinal da cruz e gritavam alto “*vade retro, Satanás*” toda a vez que a “besta-fera” (na verdade, um simples trem a vapor) chegava em alguma pequena vila ou arraial do interior cearense. Por contraste, logo que entrou na escola militar de Fortaleza, na segunda década do século, foi logo escolhendo a mais “moderna” das armas, a recém-criada aviação militar. Em 1927 fazia parte dela, após cursar a Escola Militar do Realengo, no Rio, onde foi contemporâneo de todos os militares que se destacaram na vida política brasileira do último meio século. Brevetado em três meses e com uma trajetória na vida aeronáutica que faria inveja a alguns heróis legendários da aviação, “Zé do Crato” passou por todos os episódios político-militares das últimas décadas como observador privilegiado.

Mesmo hoje, afastado voluntariamente desse tipo de acontecimento, o major-brigadeiro Macedo nada tem que ver com o ancião sossegado que alguns desejam que ele seja, para tranqüilidade da família e dos amigos. De fato ele é mentor de toda a vida produtiva da fazenda, e entre seus companheiros da FAB faz questão de ser uma espécie de “memória viva” da corporação, o contador de casos que nada omite nem esquece, distribuindo detalhes, apelidos e notas pitorescas que fazem rebentar gargalhadas ou põem lágrimas nos olhos dos mais velhos. “Sou um elo perdido — costuma dizer — entre o Sertão do começo do século e esta modernidade de agora, difícil de assimilar mas bem gostosa.

— A primeira vez que vi um avião na vida foi no cais do porto do Rio de Janeiro — recorda o major-brigadeiro José Sampaio de Macedo. — Eu chegava à cidade a bordo de um vapor e seguia para a Escola Militar do Realengo, quando vi aquela coisa extraordinária a uma certa distância. O aparelho era frágil, com motor e hélice acionável à mão, mas eu fiquei apaixonado pela engenhoca.

Na mesma época, Macedo entrava de cabeça em qualquer movimento político-militar que revelasse discordância e ousadia, de modo que deu seu apoio incondicional à Coluna Prestes, que percorria o interior do País. Mas, quando o dirigente da Coluna abraçou o comunismo e levou consigo o dinheiro que lhe fora dado para fazer a revolução contra a Velha República, "Zé do Crato" se sentiu traído e começou a desconfiar dos políticos.

O sucesso das viagens pioneiras do Correio-Sul Francês e a saga de pilotos célebres, como Jean Mermoz e Saint-Exupéry, inspiraram Macedo em suas decisões. O dia em que viu de perto o autor de *O Pequeno Príncipe* (naquele tempo ainda não escrito), "Zé do Crato" sentiu que devia dedicar sua vida à aviação. O Correio Aéreo Nacional ganhou corpo com o idealismo de Eduardo Gomes e Lavanere Wanderley, e com o auxílio determinado do jovem oficial Macedo, a quem coube a integração da rota do São Francisco, um trabalho que batizou definitivamente o rio como o da "integração nacional". O velho militar sente orgulho especial por esse feito. "Para as populações esparsas da área, o Correio Aéreo foi o único contato com a civilização, por muitos anos. O País era redescoberto por nós, e aos poucos descobríamos que somente por milagre ele havia conservado sua unidade antes dessa unificação de fato." A admiração e o respeito pelo brigadeiro Eduardo Gomes nasceram nessa época e mantiveram-se os mesmos até a morte do grande militar.

"Zé do Crato" teimava sempre em conseguir de Eduardo Gomes opiniões que o brigadeiro recusava dar, devido a uma reserva natural que mantinha os amigos a uma certa distância da sua vida particular. A persistência do tenente Macedo, no entanto, fazia o então candidato à Presidência da República sorrir. Uma vez, aproveitando uma aterrissagem forçada de que ambos participaram, "Zé do Crato" abordou o brigadeiro com a pergunta que o País se fazia: por que não se casara jamais, aquele homem que era tão admirado pelas mulheres por sua elegância viril? A resposta foi imediata: "Tenho uma família, minha mãe e minhas irmãs, e não pretendo casar-me de novo". Em outra ocasião, "Zé do Crato" puxou assunto sobre a Proclamação da República, e Eduardo Gomes observou: "A República veio antes do tempo, mas D. Pedro II chamou Silveira Martins para formar um novo gabinete e Deodoro deixou de cumprir sua promessa aos republicanos de que só os apoiaria após a morte do imperador". O brigadeiro fez uma pausa e concluiu: "Deodoro tinha uma pendência com Silveira Martins por causa de mulher". Esse segredo de alcaeva pré-republicana fora revelado a Eduardo Gomes pelo tio-avô, senador César Vergueiro. "Zé do Crato" afirma que o brigadeiro chegou a dizer que a partir desse início a República não podia nunca ir bem.

A "mesmice" da aviação militar após a Revolução Constitucionalista levou o irrequieto José Sampaio de Macedo para o seu cenário predileto, o sertão, e para desafios que jamais desprezava — como a perseguição a Lampião

e a cangaceiros em geral. O interventor na Bahia, Juraci Magalhães, nomeou "Zé do Crato" chefe de volante, como ele próprio muito desejava. Foi nessa condição que singrou os sertões nordestinos vestido a caráter. "Só não podíamos usar chapéu para não sermos confundidos com os bandidos e não levarmos balas dos colegas". Em 1934, tendo sob o comando 54 homens dispostos e corajosos, marchou 12 léguas por dia levando como carga um fuzil, 200 cartuchos, rapadura, farinha e dois facões, e com esse arsenal todo se defrontou com o bando de Lampião. Deu muito tiro e levou muito tiro, sangrou e quase foi sangrado. "Zé do Crato" levou um balaço no tornozelo (mostra a cicatriz na perna esquerda), e desse encontro recorda as ameaças que ouviu do próprio Virgulino Ferreira, que atrás de um rochedo fazia ecoar sua voz para dizer que o encontro seria o último da vida do tenente Macedo.

Mas ninguém impressionou mais "Zé do Crato", naquele tempo, do que o padre Cícero Romão Batista. Essa impressão não foi boa. "O padre era tolo, tinha mania de grandeza e mais parecia um débil mental." O que se dizia dele no sertão não combinava com a realidade. O padre Cícero escrevia cartas ao *kaiser* com a familiaridade com que escreveria a um parente próximo. Também a Hitler o padre escreveu, e naturalmente não recebeu resposta nenhuma. Mas a gente que seguia o padre Cícero era boa e amistosa. Quando "Zé do Crato" deixou o sertão, levado por contingências da vida militar, sentiu saudade daquele povo generoso no Nordeste. Suas missões "cosmopolitas" começaram em 1939, quando viajou para o Rio e ali ficou até o ano seguinte.

Estando na Califórnia, recebeu a missão de trazer (via Chile) um grupo de seis B-17. Antes de embarcar, no entanto, passou algum tempo frequentando os estúdios cinematográficos, na companhia de amigos de Los Angeles. Durante uns dias deu assessoramento a diretores que filmavam cenas de batalha, como na película "Bataam", em que trabalhavam Robert Taylor e Walter Pigeon. Observou pessoalmente todas as tomadas exteriores de "Mrs. Minniver", aceitando convites para jantar com produtores que discutiam problemas de gastos em tomadas de cenas com tema militar.

De volta ao Brasil, lembra o major-brigadeiro Macedo, constatou que o banditismo e a violência haviam sido transferidos para as cidades — e ali ele não gostaria de combatê-los como sempre fez, porque seu lugar era no Interior. Hoje é um dos maiores fazendeiros do Crato e sente-se feliz por não precisar mais ir às grandes cidades "nem a passeio". Seu único plano concreto para o futuro é continuar peregrinando por sua propriedade e poder ensinar ao netos o jeito seguro de domar o agreste, sua especialidade. "Faz muito tempo — repete sempre 'Zé do Crato' — que descobri que eu e essa terra somos uma coisa só."

LUIS CARLOS LISBOA

A Obra Geométrica de Sérvulo Esmeraldo

Um artista verdadeiramente maior. Um cearense, cidadão do mundo. Com o domínio pleno do seu ofício, Sérvulo Esmeraldo, um dos nomes de destaque que formam a pequena galeria da escultura brasileira moderna, tem percorrido um fascinante caminho desde que começou a trabalhar artisticamente, como gravador, ainda no Crato, onde nasceu. Hoje, aos 56 anos de idade, Sérvulo Esmeraldo ostenta uma vasta biografia assinalando a maturidade da sua obra escultória, com evidência assentada na contemporaneidade das formas geométricas. Isso o fez, inclusive, reconhecido com a conquista recente do Prêmio Banco do Nordeste de Artes Plásticas pelo que vem desenvolvendo nos últimos tempos.

Alcançar o nível artístico de valor com a rigorosa geometria, despojada, internacional, exigente sob todos os aspectos foi, sempre, uma diretiva marcante na vida de Sérvulo. "Vocação definida na vida, é rara", diz com relação às pessoas indecisas. "Sorte a minha em saber o que queria, desde menino no Crato, quando meu pai sonhava em me ver diplomata", afirma, recordando que na infância, enquanto os outros meninos brincavam durante as férias, ele — além de participar das brincadeiras — preferia desenhar e fazer escultura com farto material de pintura.

INFLUÊNCIAS

Testemunha da realidade cultural do Cariri, Sérvulo Esmeraldo teve influências da xilogravura, manifestação artística que procurou resgatar com a publicação, em Paris, de um ensaio sobre gravura popular brasileira, focalizando a "Via Sacra", de Mestre Noza. Esta vivência fez com que, posteriormente, atuasse como editor de livros, atividade atuante através da Editora Xisto Colonna. Em 1950, conquistou o primeiro prêmio da carreira: menção honrosa no VI Salão de Abril, em Fortaleza. No ano seguinte, em São Paulo, ele trilhava o caminho inverso ao da maioria dos artistas, ganhando prêmio no Salão Paulista de Arte Moderna, sucesso de crítica e venda.

Porém, jovem ainda, aos 26 anos, Sérvulo embarcou para a França com uma bolsa de estudos do governo francês e acabou ficando em Paris durante 25 anos. Na Europa, desenvolveu uma carreira em função de uma produção

gráfica segura e de sóbria tendência construtiva. Inquieto e curioso como todo artista, ele derivou seus trabalhos para outras linguagens em meados da década de 60, e desabrochou para a escultura. Partiu, então, para novas experiências, como têmperas, afrescos e, até mesmo, as mais ousadas pesquisas no campo das artes plásticas, experimentando metais, plásticos, acrílicos e outros materiais.

GRANDES MONUMENTOS

Quando em 1975, Sérvulo volta a Fortaleza, planeja uma temporada mais prolongada, apesar de gostar da França e "ser grato por tudo que recebi da cultura e hospitalidade francesas", reconhece. Este ano, expirava o prazo de permanência na cidade, porque tinha convites para morar em São Paulo, Estados Unidos e Canadá. Mas acabou optando por Fortaleza, "que é muito agradável de se viver". Sem contar que durante esse tempo a cidade ganhou 28 grandes obras monumentais como a marca inconfundível do construtivista geométrico, que segundo o crítico de artes Olívio Tavares de Araújo, "trabalha com a cabeça, dentro do conceito de Leonardo da Vinci que vê a arte como 'cosa mentale', inteligentemente concebida e executada".

Entre as obras de Sérvulo espalhadas por Fortaleza, destacam-se o relevo do Hotel Esplanada, o painel do grupo J. Macêdo, outro na Assembléia Legislativa, as escalas no Banco do Nordeste, o emissário submarino, do Dnocs e outras. Isto prova que em nenhuma cidade brasileira a população convive com tantas obras de um único artista. Sérvulo, que o mundo passou a admirar em exposições na Europa, Japão e América do Norte e Central e nas Galerias Skultura e Ignez Fiúza, onde participou da coletiva comemorativa dos dez anos da galeria. Para outubro próximo, prepara em seu atelier trabalhos para expôr em São Paulo, na mostra paralela à Bienal, denominada "Destaque da Arte Contemporânea Brasileira", no Museu de Artes Moderna.

Miguel Macêdo

Fortaleza-Ce.

**45 ANOS ANOS FORMANDO MÃO-DE-OBRA
senal PARA A INDÚSTRIA CEARENSE.**

Raymundo do Monte Arraes

NOTAS BIOGRÁFICAS

Nascimento: 03 de julho de 1888. Na Fazenda "Várzea Nova", município de Saboeiro, Inhamus, Ceará.

Falecimento: 03 de outubro de 1965. No Rio de Janeiro.

Filiação: Nicolau de Albuquerque Arraes e Maria Brasilina Arraes.

Casado com Alice Medeiros Arraes.

Filhas: Luiza Alice Arraes Moreira, casada com João da Rocha Moreira.

Luizita Arraes de Alencar, casada com Miguel Alfredo Arraes de Alencar.

Autodidata, jornalista, advogado, político, parlamentar, jurista e constitucionalista, sociólogo, pensador, escritor.

- Presidente da Comissão Central da "Alinça Liberal", movimento que desencadeou a Revolução de 1930.
- Presidiu a Federação das Academias de Letras do Brasil, 1941.
- Deputado Estadual pelo Ceará.
- Deputado Federal pelo Ceará em 1934.
- Foi Relator permanente da Comissão de Educação e Cultura, das Organizações das Caixas Econômicas, do Plano de Educação Nacional, dos Estatutos da Mulher e Simplificação Ortográfica.
- Doutor em "Honoris Causa" pela Universidade do Distrito Federal, título conferido durante o seu desempenho parlamentar.
- Consultor Jurídico do Estado do Rio Grande do Sul (durante o governo de Borges de Medeiros).
- Redator e Diretor do "Diário do Estado", em Fortaleza.
- Fundador e Diretor do "Jornal do Comércio", em Fortaleza.
- Diretor e Proprietário da "A Razão, em Fortaleza.
- Colaborador e um dos Fundadores da "Manhã", no Rio de Janeiro.

BIBLIOGRAFIA (Desfalcada de muitos trabalhos)

- Ação da Força Nova Turbativa — 1917
- O Habeas-Corpus — 1918
- Autonomia Municipal
- José de Alencar e o Romance Brasileiro — 1954.
- José de Alencar — Sua Vida Gloriosa
- O Espírito Inventivo e as Tendências Imitativas do Povo Brasileiro
- Alexandre Arraes — Cidadão Exemplar

ALGUNS ESTUDOS E TRABALHOS PARLAMENTARES

- Ante - Projeto de Lei de Terras para o Estado do Ceará — 1929.
- Ante - Projeto de Código dos Trabalhadores nos Centros Esportivos Brasileiros — 1932.
- Liberdade de Ensino.
- O Exercício do Veto pelo Presidente da República.
- A Inconstitucionalidade das Taxas de Ensino Secundário.
- Os Programas de Ensino nos Cursos Secundários e Complementares.
- A Intervenção Supletiva da União no Domínio do Ensino Estadual.
- A Federação das Caixas Econômicas e o seu Caráter Autárquico em face da Constituição.
- A Extensão da Competência das Comissões Permanentes da Câmara dos Deputados.
- A Aplicação da Cota de Educação do Ensino Civil e Militar, na Forma da Constituição de 1934.
- Normas de Interpretação do Direito Adquirido.

TRABALHOS DE QUE FOI CORRELATOR NAS

COMISSÕES DA CÂMARA FEDERAL

- Reforma do Ministério da Educação e Cultura.
- Lei de Organização da Universidade do Brasil.
- Leis Instituidoras das Faculdades de Filosofia e Letras e de Ciências Políticas e Econômicas.
- Lei de Reajustamento dos Funcionários Públicos, na Parte Relativa ao Ministério do Trabalho.
- A Extensão da Competência das Comissões Permanentes da Câmara dos Deputados.

LIVROS PUBLICADOS:

- Rio Grande do Sul e suas Instituições Governamentais — 1925
- Do Poder do Estado e dos Órgãos Governativos — 1935
(Livro clássico, ainda consultado nas Faculdades de Direito).
- O Brasil e os Regimes Ocidentais — 1937.
- O Estado Novo e suas Diretrizes
- Terra Redimida — Decadência e Redenção do Nordeste
- Cidadão de Dois Mundos — Rui Barbosa numa síntese interpretativa — 1952.

LIVRO NÃO PUBLICADO:

- Estudos sobre o Pe. Cícero.

Filha e Netos de Raymundo de Monte Arraes e Alice Medeiros Arraes

Luiza Alice Medeiros Arraes, casada com João da Rocha Moreira (falecido em 27 de janeiro de 1985), tomando o nome de Luiza Alice Arraes Moreira.

Filhos do casal (netos de Monte Arraes)

1.º — Francisco Sérgio Arraes Moreira — solteiro.

2.º — Vânia Arraes Moreira, casada com Paulo de Matos Ferreira Diniz. Tomou nome de Vânia Moreira Diniz. Do casal nasceram duas filhas: Claudia Moreira Diniz e Mônica Moreira Diniz.

3.º — João da Rocha Moreira Filho, casado com Margarida Meirelles Moreira.

4.º — Nelson Arraes Moreira, casado com Derly de Souza Moreira. Do casal nasceram dois filhos: Adriano de Souza Moreira (falecido) e Rodrigo de Souza Moreira.

5.º — Raimundo Arraes Moreira, casado com Maria Cristina Cavalcanti Arraes Moreira. Do casal nasceu uma filha: Paola Cavalcanti Arraes Moreira.

6.º — Claudio Arraes Moreira (falecido).

7.º — Maria Cristina Arraes Moreira, casada com Assad Jorge Safadi, tomando o nome de Maria Cristina Moreira Safadi.

8.º — Mônica Arraes Moreira, casada com Marcos Andrade Vaz de Melo. Tomou o nome de Mônica Arraes Moreira Vaz de Melo. Do casal nasceram duas filhas: Natália Moreira Vaz de Melo e Tamara Moreira Vaz de Melo.

Filha e netos de Raymundo de Monte Arraes e Alice Medeiros Arraes

Luizita Medeiros Arraes, casada com Miguel Alfredo Arraes de Alencar, tomando o nome de Luizita Arraes de Alencar.

Filhos do casal (netos de Monte Arraes)

1.º — Maria Alice Arraes de Alencar. Casada em primeiras núpcias com Eduardo Fernandes. Do casal nasceu um filho: Diego Arraes de Alencar Fernandes. Do segundo casamento com Paulo Roberto Ribeiro Barbosa nasceu uma filha: Mariana Arraes de Alencar Barbosa.

2.º — Roberto Arraes de Alencar, gêmeo de Ricardo. Casado com Monique de Almeida Chaves. Do casal nasceu uma filha: Roberta de Almeida Chaves e Arraes de Alencar.

3.º — Ricardo Arraes de Alencar, gêmeo de Roberto. Casado com Helena Maria Seidl Fonseca. Do casal nasceu um filho: Marcelo Fonseca Arraes de Alencar.

Mundo Cultural celebra Centenário de Monte Arraes

Neste 3 de Julho de 1988 transcorre o centenário de Raimundo de Monte Arraes, uma das glórias das letras cearenses, homem de privilegiada inteligência e profunda cultura humanística, que, por férrea força de vontade, autodidata, venceu e se impôs, chegando, inclusive, a ser Secretário de Estado, Deputado Federal, jornalista emérito e escritor de nomeada.

No dizer do seu mais recente biógrafo, J. Alves de Paula, "foi jornalista vigoroso, advogado festejado e doutrinador político. Fundou e dirigiu jornais, escreveu ensaios, pronunciou conferências, publicou mais de 10 livros".

DADOS BIOGRÁFICOS

Monte Arraes nasceu em 3 de Julho de 1888, na fazenda Várzea Nova, Município de Assaré. Era filho de Nicolau de Albuquerque Arraes e de sua segunda esposa, Maria Brasilina Arraes. Aos 5 anos aprendeu as primeiras letras com o prof. Rogério de Vasconcelos. Em 1901 foi seu pai tocado e morto, por intrigas políticas, quando o filho tinha 13 anos. Em 1906 foi procurar nova vida em Fortaleza. Residiu ainda em Alto Purus, Amazonas, mas retornou ao Ceará e começou a fazer jornalismo com Solon Pinheiro e Matos Ibiapina: estreou no Unitário, de João Brígido, em 25 de Maio de 1912.

Casou-se em 25 de Outubro de 1913 com Alice Medeiros. O casal residiu em Iguatu, onde Monte Arraes teve um Colégio, depois foi residir em Aracati, contratado pela Prefeitura local e dirigindo, ali, um Colégio, ficando naquela cidade até 1917. De 1925 a 28 foi deputado estadual. Vitoriosa a revolução de 30, foi nomeado Chefe de Censura no Rio. Em 1935 elegeu-se deputado federal pelo Ceará. Em 1944 foi nomeado escrivão da Vara Cível no Rio, cargo de onde viria a se aposentar em 1958. Faleceu em 3 de Outubro de 1965, no Rio. Seus restos mortais estão ao lado da esposa, no Jardim da Saudade, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro.

Monte Arraes escreveu em Unitário, O Tempo, Diário do Estado, Jornal do Comércio, A Federação, O País, A Manhã, Cultura Política.

Entre seus livros e ensaios, figuram: Terra Redimida, O Estado Novo e suas Diretrizes, O Brasil e os Regimes Ocidentais, Idéias e sentimentos de Viriato Vargas, Cidadão de 2 Mundos, O Espírito Inventivo e as tendências do povo brasileiro, Decadência e Redenção do Nordeste e O Rio Grande do Sul e suas instituições Governamentais, seu maior livro.

Faleceu Tomé Cabral

Após inenarráveis sofrimentos, vitimado por uma perniciosa doença que, por um ano, o prendeu ao leito, semi-vivo, quase vegetando, e depois de atrociíssimos sofrimentos que suportou com resignação e estoicismo, faleceu em Crato, na residência onde morava, Rua João Bacurau, o escritor Thomé Cabral dos Santos, titular da Cadeira n.º 10, do Instituto Cultural do Cariri, que tem como Patrono o Pe. Leite Cabral (Emílio). Seu falecimento se deu às 7:30 h da manhã do dia 15.06.88.

O seu falecimento enche de luto e de consternação o mundo literário do Ceará, do qual era dos mais luminosos participantes, pela obra produzida e por ser, sobretudo, um cidadão de bem e de uma prestimosidade inimitável.

O Instituto Cultural do Cariri declarou vaga a sua Cadeira e lamenta, profundamente, essa perda incalculável para a cultura regional.

Dados biográficos

Thomé Cabral dos Santos nasceu na Fazenda Riachão, Município de Barro, (então pertencente a Milagres) no Ceará, em 7 de Julho de 1907, filho de Thomé Cariolano Gomes dos Santos e Rita Cabral dos Santos. No dia 12.12.1912 chegava ao Crato com a sua família, para residir na princesa do Cariri. Foram seus primeiros professores seu Biliu, zelador do Seminário, seu Zé Mendes e a professora Antonina Teixeira Mendes.

Viveu, na infância, acompanhando o pai comerciante, em Assaré, Quincucá, Farias Brito, Quixelô, Jucás e novamente Assaré, por pequenos períodos. Pe. Joviniano Barreto o empregou no recém-criado Banco do Cariri, onde trabalhou a partir de 14 de Fevereiro de 1925, com 16 anos de idade. Fez o curso ginasial no antigo Ginásio do Crato de 1926 a 1931. No Banco do Cariri chegou a ser Gerente. Por concurso, ingressou no Banco do Brasil, servindo em Cajazeiras, Aracaju, Crato, Fortaleza, Manaus, Iguatu. No BB serviu 15 anos sendo depois requisitado para servir na antiga SUMOC — Superintendência da Moeda e do Crédito, hoje Banco Central.

Aposentado em 1964 foi servir no Banco do Estado do Ceará, onde foi Supervisor Geral, Diretor Executivo e Diretor. Sempre esteve ligado a todos e os acontecimentos literários e esportivos do Crato.

Publicou: "OS 19", retratando sua turma do Diocesano do Crato; "A Europa é bem ali", impressões de viagem; "Seu Méu", em homenagem ao seu Pai; "Pe. Emilio Cabral", seu trabalho de ingresso no ICC; e "Dicionário de Termos e Expressões Populares" e "Família Lima Verde". Também publicou "Patuá de Recordações" (memórias).

Deixou viúva D. Salma Lima Verde Cabral e do casal nasceram Maria Neile, José Márcio, Naile-Anne, Paulo, Maria Noélia, Rômulo, Roberto e Guilherme. Deixou 27 netos. Membro de diversas sociedades literárias e artísticas de todo o país, residiu alguns anos em Campinas, São Paulo. Por último viera ao Crato para o seu derradeiro ano de vida. Antes de morrer, doou sua Biblioteca ao Instituto Cultural do Cariri.

Cidadão Juazeirense

J. Lindemberg de Aquino

Transborda meu coração de incontido entusiasmo, minha alma se sente transportada em júbilo, nesta noite, certamente memorável, em que a Colenda Câmara Municipal de Juazeiro, lídima representante do nobre povo desta terra, me confere o título de Cidadão Juazeirense.

Acodem-me emoções as mais distintas, quando me torno filho oficial de Juazeiro do Norte, terra que sempre amei, sempre frequentei, que sempre estimei e onde fiz amizades preciosas, no passado e no presente.

Revejo-me, ainda menino, quando comecei a frequentar Juazeiro, e num caleidoscópio só possível com as lembranças, desfilam à minha frente amizades inesquecíveis, de vultos que já partiram para um mundo melhor, todos eles encarnando personagens marcantes da vida desta cidade, todos eles meus amigos.

Revejo José Viana, José Geraldo da Cruz, José Bezerra de Menezes, Dr. Newton Gomes, Dr. Manoel Belém de Figueiredo, Dr. Possidônio Bem, o casal Severino Alves - Mariêta, Manoel Alencar, Odilon Gomes, Aurino Mendonça, José Fausto Guimarães, Iva Gondim, Odilio Figueiredo, Lauro Pereira de Matos. . .

Revejo, no passado, atuando em Juazeiro, e o faço com muitas saudades, o industrial Manoel Gonçalves, Felipe Nery, Gregório Callou, Coelho Alves, Monsenhor Lima, Pe. Nestor Sampaio, Dr. Geneffides Matos, Anselmo da empresa de ônibus, cel. Antônio Pereira, professora Maria Gonçalves, a im-poluta Amália Xavier de Oliveira, Antonio Fernandes Coimbra. Revejo o dinamismo de José Feijó de Sá, a bondade do Dr. Mário Malzone.

Revejo Plácido Castelo, saído Juiz de Juazeiro e já deputado estadual.

Juazeiro sempre frequentou minha vida, como eu sempre frequentei a vida, as emoções, os grandes momentos desta terra. Aqui estive presente em dias memoráveis de alegria, como no da instalação do Comitê Pró-Eletrificação do Cariri, com o Dr. Hildegardo Belém à frente, as festas do Clube dos

Doze, o futebol no antigo campo da LDJ, a posse do Pe. Murilo de Sá Barreto na Paróquia, a inauguração da AABB, a inauguração do primeiro poste de Paulo Afonso em frente à Cariri Industrial de Óleos, na fundação do Lions, na criação do Rotary, na inauguração do Banco do Brasil.

Também me fiz presente na inauguração do Mercado Central, na inauguração da Estação Rodoviária, na do Pronto Socorro, na do Estádio Romeirão e nas inaugurações da Rádio Iracema, Rádio Progresso e Rádio Vale, do Hotel Panorama e da estátua do Pe. Cícero.

Surpreendi Juazeiro em tarde/noite molhado de lágrimas do seu povo ante o triste lance da morte de Monsenhor Joviniano e na manhã triste em que levamos o corpo inanimado de Amália Xavier à sua última morada.

Juazeiro amigo, onde tenho amizades sólidas, cativas no meu coração, entre as quais enumero Walter, João e Geraldo Menezes Barbosa, Adail Mendonça e Maria Edenir, Nonato Medeiros e Yolanda, Severino e Antonio Duarte, Aécio Sabiá, Ailton Gomes, Francisco Alberto Bezerra, Abinadab Pereira, Arnaldo Alencar e José Roberto Celestino, Dário Maia Coimbra e Dr. Mozart Cardoso, Raimundo Ferreira, José Machado, todos os Irmãos Bezerra, todos os senhores vereadores, Diva Pinheiro, Alberto Morais e Zuila, Antônio Correia Celestino e Doro Germano, Mauro Sampaio, Manoel Salviano, Antonio Gondim Sampaio, Gilberto Sobreira, Antônio Patu, Dr. Conserva Feitosa. Impossível citar todos !

Juazeiro que me acolheu no seu Instituto Cultural, onde tenho assento na amável companhia dos valores culturais da terra, onde enumero Renato Dantas, Renato Casemiro, Daniel Walker, Pedro Bandeira, Assunção Gonçalves, Raimundo Araújo, Lindalva Machado, Jucier Lima.

Instituto que me traz doces recordações de Senharinha Granja, Enéas Duarte e Dr. Francisco Augusto Tavares - Dr. Ney.

Senhor Presidente, Senhores Vereadores:

Por esta pequena amostragem tendes a radiografia das minhas ligações afetivas com Juazeiro, cidade que sempre acompanhei, sempre divulguei, sempre prestigiei e sempre exaltei.

Imaginais, pois, a minha emoção em passar, a partir desta noite, a integrar a lista gloriosa dos seus filhos !

Quanta emoção se apodera de mim — e quanto amor transborda em meu coração, ante tamanha generosidade, tornada possível com o projeto do nobre Vereador Agnaldo Carlos e com o apoio total desta Casa.

Agradeço, profundamente penhorado, tamanha distinção.

Ser Cidadão de Juazeiro, implica doravante, para mim, em assumir uma nova responsabilidade para com os problemas que afetam esta cidade e dinamizar a luta pela busca de soluções — a ajudar meus conterrâneos, a acudir, com mais presteza aos mais pobres e desassistidos da sorte, os desvalidos e oprimidos !

Ser Cidadão do Juazeiro implica em incorporar-me à legião das lideranças daqui, em todos os setores vivos da comunidade, irmanando-se às mais legítimas aspirações de sua brava gente.

Ser Cidadão do Juazeiro implica em ser, duas vezes, conterrâneo do Pe. Cícero, nascido em Crato, como eu, e adotado em Juazeiro, como agora o sou.

Ser Cidadão do Juazeiro implica, enfim, numa responsabilidade maior, co-participando das lutas desta cidade heróica, em prol do seu destino e do seu progresso.

Se este compromisso já era selado espontaneamente por mim, em meu coração, agora é ponto de honra depois deste título que generosamente me concedeis.

Trago, ao final das minhas palavras, a expressão “mais” generosa dos meus agradecimentos, a todos os que contribuíram para a beleza e a esplêndida realidade desta noite memorável.

Noite que ficará indelevelmente gravada em minha retina e em minha memória. Sou, doravante, um dos vossos. Isso me eleva, me engrandece e me orgulha.

Maior satisfação não poderia experimentar, quando a mocidade da vida já não mais me sorri e quando a maturidade espiritual já cimentou a realidade das desilusões, sem contudo, apagar o fogo da esperança.

Sou muito grato a vós. A vós todos entrego o meu coração !

(Discurso pronunciado na Câmara Municipal de Juazeiro do Norte, na noite de 23.03.88, quando do recebimento do título de Cidadão Juazeirense).

**O SENAI - CEARÁ, NOS SEUS 45 ANOS, SE FAZ PRESENTE
NO 32.º ANIVERSÁRIO DA REVISTA ITAYTERA.**

O Cearense

Miguel Arraes

JOSÉ CLÁUDIO DE OLIVEIRA

Prefeito do Recife. Governador de Pernambuco, Deputado Estadual e Federal, Secretário da Fazenda de Pernambuco. Funcionário do IAA. Exilado na Argélia. Líder nacional das esquerdas moderadas. A Frente de Recife.

1. O CIDADÃO

O Deputado Miguel Arrais de Alencar nasceu em Araripe - Ceará, no dia 15 de dezembro de 1916. Seu pai era o comerciante e agricultor José Almino de Alencar e sua mãe, D. Maria Benigna Arrais de Alencar.

Dos seus ascendentes, destacam-se o Pe. José Martiniano de Alencar, Senador e Presidente da Província, líder das Revoluções de 1817 e 1824 (Confederação do Equador) e o romancista José Martiniano de Alencar, Deputado, Senador e Ministro da Justiça do Império. Entre os seus parentes, figura o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, primeiro Presidente da República após a Revolução de 1964.

1.1. A FAMÍLIA

Miguel Arrais de Alencar casou-se com D. Célia Sousa Leão Alencar, da sociedade pernambucana, com quem teve oito filhos. Com a morte desta em 1961, contraiu um segundo matrimônio com D. Maria Madalena Fiúza Arrais de Alencar, cearense, com quem teve dois filhos.

2. ATIVIDADES PROFISSIONAIS

Miguel Arrais de Alencar fez o curso primário em sua cidade natal, Araripe, no Cariri cearense. O secundário fez no Ginásio do Crato, concluindo-o em 1932. Nesse ano seguiu para o Rio de Janeiro, passando a residir com o seu tio materno, José Arrais de Aguiar. Em 1933 ingressou na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil. Diante da dificuldade de emprego, veio para o Recife, onde conseguiu modesto cargo no Instituto do Açúcar e do Alcool — IAA, matriculando-se na Faculdade de Direito do Recife. Bacharelou-se em Dezembro de 1937.

No IAA, participou da elaboração do Estatuto da Lavoura Canavieira. Em 1934, tornou-se Delegado desse Instituto, até o ano de 1947. Em 1948, tendo sido eleito Governador de Pernambuco o escritor Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho, convidou-o para seu Secretário da Fazenda, cargo que exerceu até 1950.

3. O POLÍTICO

Iniciando-se nas lides políticas como Secretário da Fazenda, desincompatibilizou-se em 1950 para concorrer pelo PSD a uma cadeira na Assembléia Legislativa de Pernambuco, obtendo a primeira suplência. Em 1954 voltou a candidatar-se e elegeu-se Deputado Estadual na legenda do Partido Social Trabalhista — PST, tendo participado, ativamente em favor da candidatura de João Cleofas de Oliveira, da UDN e apoiado pelas esquerdas. Nesse pleito venceu o General Oswaldo Cordeiro de Farias, candidato do PSD.

Em 1955, ao assumir o mandato de Deputado, Arrais alinhou-se à oposição ao governo de Cordeiro de Farias, participando da Frente de Recife, constituída por comunistas, socialistas e trabalhistas. Em 1955 a Frente de Recife indicou Pelópidas Silveira para Prefeito, sendo folgada a vitória.

Nas eleições de 3 de outubro de 1958, foi candidato pelas Oposições Unidas de Pernambuco, constituída da UDN, PSB, PTB, PTN e PSP, o industrial Cid Sampaio, descendente de tradicional família da Barbalha dos verdes canaviais farfalhantes. Miguel Arrais era concunhado de Cid Sampaio e o apoiou com todo entusiasmo, a tal ponto de se descuidar de sua própria reeleição à Assembléia, tendo sido derrotado. Cid Sampaio venceu Jarbas Maranhão. Arrais foi, então, nomeado Secretário da Fazenda, cargo por ele já ocupado no governo Barbosa Lima Sobrinho.

Em 1959, quando da sucessão de Pelópidas Silveira, o nome de Miguel Arrais foi lançado para a Prefeitura do Recife pelo seu partido o PST, coligado com o PTN e o PRP — Partido de Representação Popular (antigos integralistas) que se uniram aos comunistas e socialistas na Frente de Recife. Eleito com consagrada votação, Arrais assumiu, em janeiro de 1960, a Prefeitura da Capital pernambucana, onde realizou profícua administração.

Registre-se nessa eleição a união dos radicais da direita e da esquerda em prol de Arrais.

Arrais procedeu à ampliação do sistema de abastecimento de água e de energia elétrica, da rede de esgotos visando, sobretudo, a melhoria das condições de vida da população pobre dos mocambos; urbanizou o bairro litorâneo de Boa Viagem, pavimentou e iluminou um grande número de ruas e avenidas e inaugurou a rede de ônibus elétricos, até hoje servindo, com eficiência, a população recifense, com baixos custos e grande produtividade.

Uma de suas grandes realizações como Prefeito do Recife foi a Criação do Movimento de Cultura Popular, instituído em colaboração com estudantes, artistas e intelectuais.

Na sucessão de Juscelino, em 1960, em outubro, apresentaram-se Jânio Quadros, General Henrique Teixeira Lott, e Adhemar de Barros. Miguel Arrais apoiou o General Lott e Cid Sampaio, Jânio Quadros, eleito numa fase emocional da vida brasileira. Deu-se, então, o rompimento entre os concunhados Cid Sampaio e Miguel Arrais. Hoje estão juntos novamente, no PMDB, aquele como Senador e este na qualidade de Deputado Federal.

Quando Jânio renunciou a 25 de agosto de 1961, Arrais se bateu ardentemente pela posse do Vice-presidente João Goulart.

Em 1961, na sucessão de Cid Sampaio, foi lançado o nome de Miguel Arrais para Governador de Pernambuco, indicado pelo PST, com o apoio do PTB e da Frente de Recife, mais o PSD, que indicou o Deputado estadual Paulo Guerra para Vive-Governador. Concorreram com Arrais, Armando Monteiro Filho, pelo PSP e PRT e João Cleofas, pela UDN. Lembre-se que este já havia sido candidato ao governo com apoio de Arrais, agora duelando em busca do Palácio das Princesas. O IBAD teria canalizado dinheiro americano para a campanha de Cleofas, objetivando derrotar Arrais, candidato apoiado pelas esquerdas. Já na campanha eleitoral, Miguel Arrais lançou a idéia de se antecipar a realização do plebiscito para se decidir se continuaríamos nesse parlamentarismo híbrido ou voltaríamos ao presidencialismo, na forma da Emenda Constitucional N.º 4/65. O Congresso posteriormente apoiou a idéia de Arrais e o plebiscito foi antecipado para o dia 6 de janeiro de 1963, restaurando-se o presidencialismo. O ideal seria o parlamentarismo, menos nas condições adversas e híbridas, como se verificou.

O governo Arrais foi cheio de acontecimentos inusitados. Se por um lado tinha a oposição das classes conservadoras, por outro havia a desconfiança do governo Goulart que não via com bons olhos a ascensão do líder nordestino. E Brizola, já pensando na Presidência da República, procurou obstacular a marcha ascensional de Arrais. Não obstante, Arrais atendeu em várias ocasiões pedidos de João Goulart, para acalmar grevistas e insurrectos.

Miguel Arrais teve 264.499 votos contra 251.146 dados a Cleofas. A divisão, com o terceiro candidato, Armando Monteiro Filho, ensejou a vitória de Miguel Arrais.

Arrais idealizou a formação de uma frente Única dos Governadores da Região, com o apoio de João de Seixas Dória, de Sergipe, Antônio Lomanto Júnior, da Bahia, Petrônio Portela, do Piauí, Pedro Gondim, da Paraíba e de Aluísio Alves, do Rio Grande do Norte. Essa iniciativa, contudo, não chegou a se concretizar.

Em 1963, Arrais apoiou Pelópidas Silveira que voltou à Prefeitura do Recife, derrotando Lael Sampaio por pequena margem de votos.

Nesse ano, Arrais foi convocado por Goulart para conter os ímpetos de setores da esquerda, sobretudo da CGT, que exigiam a substituição imediata do General Pery Constant Beviláquia, do Comando do II Exército. A missão Arrais cobriu-se de êxito, contornando a situação.

Veio a crise do Estado de Sítio através da Mensagem de Goulart de 4 de outubro de 1963 ao Congresso, tentando reprimir o radicalismo da direita e da esquerda. Dizia-se que o objetivo era a intervenção federal na Guanabara, governada por Carlos Lacerda e a segunda etapa, seria a intervenção federal em Pernambuco, governado por Arrais. No dia 7 de outubro o pedido foi retirado, diante da tremenda oposição de todos os setores da vida nacional.

A situação de Pernambuco era muito tensa, verificando-se um desentendimento entre o Governador e o General Justino Alves Bastos. A 6 de outubro, Justino Bastos fez sua tropa (IV Exército) ocupar as proximidades do quartel-geral, onde se realizaria comício reivindicatório de camponeses. Goulart deu o maior apoio ao General Justino, impedindo, assim, o movimento. Veio nova crise e a classe patronal pernambucana ameaçou paralisar todas as atividades econômicas do Estado em represália à greve deflagrada por trezentos mil trabalhadores rurais. O governo Federal pensou intervir em Pernambuco e Miguel Arrais contornou a crise, convencendo os grevistas a retornarem às suas atividades. Daí por diante foi uma sucessão de crises.

Com a Revolução de 31 de março de 1964, o Comandante do III DN, Almirante Augusto Roque Dias Fernandes tentou convencer Arrais a renunciar. Este negou-se e foi preso e deposto às 15 horas do dia 1.º de abril, pelo Coronel João Dutra de Castilho e o Tenente Coronel Ivã Rui Andrade de Oliveira. Conduzido ao 1.º RI foi em seguida removido para a ilha de Fernando de Noronha. No dia 9 de abril de 1964, o Comando Supremo da Revolução editou um Ato Institucional (não tinha número e foi o primeiro de uma série) que permitiu as cassações. Arrais foi incluído na primeira lista de cassações. A 15 de abril, assumiu a Presidência da República o seu parente Humberto de Alencar Castelo Branco. Em dezembro Arrais foi removido para a Companhia de Guardas em Recife, até abril de 1965, quando foi transferido para a fortaleza de Santa Cruz, na baía da Guanabara.

No dia 21 de abril de 1965, graças a um habeas-corpus, Miguel Arrais foi libertado e a 15 de junho, asilado na Embaixada da Argélia, seguiu para Argel. De Argel, com a extinção dos partidos pelo AI-2 (27/10/65), proclamou-se simpático ao MDB.

Quando Lacerda formou a Frente Ampla com João Goulart e Juscelino Kubitschek, Miguel Arrais manifestou-se contra. Essa Frente seria extinta em abril de 1968, por determinação do Ministro Gama e Silva, da Justiça.

No seu longo exílio viajou a Paris e a Lisboa, tendo na capital portuguesa conferenciado com Leonel de Moura Brizola, no exílio, também.

Com a Anistia sancionada a 28 de agosto de 1979, Arrais conseguiu a suspensão da pena que lhe fora imposta, retornando ao Brasil a 15 de setembro de 1979. Foi festivamente recebido no Galeão e no mesmo dia tomou um avião rumo ao Crato para visitar sua mãe, dona Maria Benigna, sendo calorosamente saudado pelos seus conterrâneos do Cariri. No dia seguinte viajou para Recife onde compareceu a uma concentração popular em sua homenagem. Filiou-se ao MDB em 5 de outubro desse ano e em janeiro de 1980 deu início à tarefa de organizar o PMDB.

No dia 2 de julho de 1980, o Ministro João Camilo Penna, através de Portaria, aposentou Miguel Arrais, servidor do IAA. Por interferência de Ulisses Guimarães, Arrais foi eleito 2.º Vice-presidente do Diretório Nacional do PMDB.

Nas eleições de 15 de novembro de 1982, Miguel Arrais foi eleito Deputado Federal pelo PMDB. Embora sendo um dos seus líderes mais evidentes, Arrais não apoia o candidato oficial do seu partido à Prefeitura do Recife, mas o Deputado Jarbas Vasconcelos, derrotado na Convenção peemedebista e candidato do Partido Socialista Brasileiro, é eleito.

O Deputado Miguel Arrais de Alencar é primo carnal do ex-Deputado Almino Loiola de Alencar, pai do Deputado Marconi Alencar. É cearense e seu nome está inserido na História do Brasil, como líder da esquerda moderada.

N. R. — Em 15 de Novembro de 1986 foi, por estrondosa maioria, novamente eleito Governador do Estado de Pernambuco e seu nome figura na lista dos prováveis candidatos à Presidência da República.

Estórias que fizeram a História — "Tribuna do Ceará", 31.8.85.

J. Lindemberg de Aquino

TRISTÃO GONÇALVES

O culto às nossas tradições históricas e o respeito aos nossos vultos maiores do passado, é uma das características do Rotary, que sendo clube de serviços, é, também, célula cívica onde pontificam os maiores nomes da comunidade, suas indiscutíveis lideranças, a quem compete manter viva a imagem das nossas melhores tradições.

Dito isto, não é de se estranhar a homenagem que hoje se presta a TRISTÃO GONÇALVES que foi figura notável na vida desta terra e, pelo seu porte, sua obra e sua atuação, marcou presença na história do Ceará e do Nordeste. Rotary está, pois, dentro da linha de exaltação aos verdadeiros valores da comunidade onde atua.

Homenagear os mortos não é passadismo - mas filosofia viva de manter perene a lembrança daqueles que se imolaram pelos seus ideais, sobretudo, no caso de Tristão Gonçalves, pelos ideais de nacionalidade e civismo de sua gente.

Hoje estamos a 2 anos em que Tristão Gonçalves completará 200 anos. Nascido às margens do brejo do Salamanca, no então povoado de Barbalha, ainda pertencente ao Crato, naquela época, aos 17 de setembro de 1789, era filho do casal José Gonçalves dos Santos e da heroína Bárbara Pereira de Alencar.

São os Alencares uma família antiquíssima, vinda de Portugal, da vila de Alenquer, e que penetraram pelos sertões do Nordeste entre 1650 e 1680, acompanhando as bandeiras de Garcia D'Ávila da Casa da Torre e de Domingos Jorge Velho.

D. Bárbara nasceu na Fazenda Caiçara, hoje Exu, e dali só saiu aos 20 anos para se casar com José Gonçalves dos Santos, comerciante na vila do Crato, português emigrado, natural da Vila de São Marinho de Tropejo, cidade de Aroma, bispado de Lamêgo.

Prósperos comerciantes e fazendeiros, amealharam fortuna e tiveram seus filhos nascidos nesta bela região - com destaque especial para José Martiniano de Alencar, sacerdote, senador e Presidente do Ceará duas vezes, Pe. Carlos, também revolucionário, e Tristão, que se casou na vila do Crato com Ana Porcina de Lima, nascida em 16 de Fevereiro de 1789 e falecida em 15 de Outubro de 1874, 50 anos depois do trucidamento e morte do seu bravo esposo. Nesse meio século de viuvez viveu sempre de preto e dedicada às obras de benemerência, com uma infinita tristeza na face, tanto que vieram a chamá-la de Dona Ana Triste.

Família de ideais nacionalistas, os Alencares, pela sua liderança natural na região, foram os primeiros a se incorporarem às lutas pela Independência, que então agitavam boa parte do Brasil, sofrendo os desmandos de Portugal.

De Olinda, onde estudava, veio como enviado especial dos revolucionários o diácono José Martiniano, que aqui arrematou a família, e a 3 de Maio de 1817, subiu ao púlpito da matriz do Crato, revestido de batina e roquete, e proclamou a nossa Independência, depondo, em seguida, as autoridades portuguesas da vila e iniciando no Ceará a Revolução de 1817. Ao seu lado, o irmão Tristão, a mãe Bárbara, e muitos amigos, que perseguidos pela contra-revolução, foram presos e desterrados da terra natal, ficando nas cadeias do Recife e Salvador até 1820, quando alcançou o perdão real.

Tristão voltaria ao Cariri com os seus, já com 31 anos.

Proclamada a Independência em 1822, ficaram o Piauí e o Maranhão fieis a Portugal, e coube-lhe, com Pereira Filgueiras, armar um exército e

marchar sobre essas duas províncias, impondo a elas a nova autoridade, evitando o desdobraimento do Brasil e contribuindo para a Unidade Nacional.

Participaria ainda da Revolução de 1823, e em 1824 seu nome estaria na frente, na derradeira revolta — a Confederação do Equador, quando chegou a ser aclamado e empossado Presidente da Província do Ceará.

Feroz perseguição lhe moveram seus inimigos — de 17, 22, 23 e 24, e na sua luta para controlar os focos de rebelião que tentavam desestabilizar o império, percorreu diversos pontos da Província, até o combate mortal e traiçoeiro onde tombou sem vida, em Jaguaribara, a 31 de Outubro de 1824.

Muito já se tem estudado da história, da vida gloriosa e dos lances dramáticos do herói Tristão, a quem o povo idolatrou e cercou do maior respeito, pela sua fortaleza de caráter, sua coragem e valentia, ao lado daquela que, qual guerreira espartana, lhe seguia os passos — dona Ana Triste.

Brevemente essa vida cheia de lances épicos será levada ao cinema, contando, certamente, os fatos mais pungentes, como aquele em que, na prisão da Bahia, escreve um bilhete à própria mãe com seu sangue, sobre planos de fuga.

A sua descendência foi numerosíssima e ilustrada.

Contam-se dentre eles os filhos Xilderico, Neutel, Aderaldo, Maria Dorigival, Carolina Clarence, Pedro Jaime e Delacardiense, Tristão.

Tristão Filho foi Presidente das Províncias do Pará e do Rio Grande do Sul. Magistrado, chegando ao Supremo Tribunal, Primeiro Ministro da Fazenda na República, no governo Deodoro.

Carolina Clarence, professora pública em Crato, foi casada com Antônio Ferreira Lima Sucupira. Foram eles os pais do bravo Major Carolino Sucupira.

De outro filho de Tristão, Pedro Jaime, nasceu Otaviano, avô, também do Jósio.

Neto do herói Tristão foi também Araripe Júnior considerado o maior crítico literário brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras.

A esse ramo da família Alencar, acrescido do nome Araripe, em homenagem ao paredão que divide o Ceará de Pernambuco, e por sentimentos nativistas se vincularam, por casamentos diversos dos seus descendentes, algumas das principais famílias brasileiras.

E são netos e bisnetos e trinetos do herói Tristão, por exemplo: os ministros do Superior Tribunal Militar: Marechal Tristão Araripe e Mário Cardoso de Castro; os desembargadores Arnaldo de Alencar, que foi Presidente do Tribunal de Minas Gerais, Percival de Oliveira, Presidente do Tribunal de S. Paulo e Aderson Antão de Carvalho, Presidente do Tribunal de Pernambuco, os deputados federais Antonio Araripe, Ossian Araripe e José Rui Lino

da Silveira, os marechais Cláudio da Rocha Lima e Carlos Lima Campos, os generais Manoel de Araripe Farias, Álvaro Prati de Aguiar, José Joaquim Pires Coelho, Tomé Cordeiro e Mário Vilasco, os coronéis Tristão Sucupira e Lins Araripe - o primeiro, morto nas batalhas de Canudos, os almirantes Zilmar Araripe Macedo, e Alfredo Pinto de Vasconcelos e o ex-Ministro Joeldir Campos Araripe Macedo, da Aeronáutica.

De tão nobre descendência oferecida ao País, avulta ainda na personalidade de Tristão Gonçalves o fato do seu espírito altamente nacionalista, que o fez enveredar na Revolução de 1817, ao lado da mãe Bárbara e dos irmãos.

Que foi essa revolução? No Ceará "foi a obra de uma família" no dizer do Barão de Studart; "Uma antecipação fracassada do 7 de Setembro de 1822, decorridos 5 anos", diz o Pe. Gomes.

Revolução que mereceu os estudos Históricos de Francisco Muniz Tavares, Joaquim Dias Martins, Guilherme Studart, Herculano Teixeira, Helio Viana, Jônatas Serrano, João Ribeiro, João Brígido, Livino de Alencar, Luis Teixeira de Barros, Oliveira Lima, Pedro Calmon, Pandiá Calógeras, Ver-nhagen, Pereira da Costa, Rocha Pombo, Barão do Rio Branco e J. de Figueiredo Filho.

Em todos esses estudiosos está gravada, de modo indelével, a figura imortal de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe.

Meus Senhores:

Dentro de 2 anos comemoraremos o centenário do nosso herói. Que esta homenagem que o Rotary hoje lhe está prestando, pelas minhas descoloridas palavras, seja o início de amplas comemorações para exaltação de sua figura de patriota e líder nacionalista, levando o seu nome às gerações atuais e às gerações do futuro, às escolas, centros cívicos e academias.

Seu exemplo deve servir às gerações jovens, que jamais poderão crescer desconhecendo o valor extraordinário desse vulto, que tanto enriqueceu com a sua personalidade, o fulgor de sua inteligência, sua bravura, seu patriotismo, o valor de sua luta e o sacrifício maior de sua vida — os fatos das nossas lutas libertárias.

Rotary está de parabéns por homenagear Tristão Gonçalves de Alencar Araripe. Que se faça sempre isso com os vultos de notória expressão da história regional.

Estará, dessa maneira, cumprindo a sua missão de resguardar os nossos valores espirituais, que plantaram os alicerces desta Nação da qual tanto nos orgulhamos !

(PALESTRA, preferida pelo jornalista J. LINDEMBERG DE AQUINO, na ORDEM DO DIA do Rotary Club do Crato, em 17.09.1987)

Falece o Dr. COLOMBO DE SOUSA

Na capital federal, onde viveu os últimos anos de sua vida, faleceu o Dr. José Colombo de Sousa, antigo político cearense, que foi Prefeito interino do Crato. Vejamos dois pronunciamentos a respeito de sua personalidade, publicados na imprensa:

MAURO LAMENTA O DESAPARECIMENTO DO DESEMBARGADOR COLOMBO DE SOUSA

O senador Mauro Benevides em pronunciamento na Assembléia Nacional Constituinte, registrou e lamentou o falecimento em Brasília, do desembargador e ex-deputado federal José Colombo de Sousa. O vice-presidente da Assembléia Nacional Constituinte fez o necrológio do ilustre extinto, destacando as elevadas posições que o ex-parlamentar ocupou.

Eis na íntegra o discurso do senador Mauro Benevides:

"Depois de quase 30 dias de hospitalização, vítima de acidente vascular-cerebral, faleceu, no dia 30.08.87, em Brasília, o desembargador José Colombo de Sousa, cearense dos mais ilustres, com relevantes serviços prestados ao nosso Estado, no nordeste e ao país.

Como parlamentar em duas legislaturas, o eminente homem público teve destacada atuação na Câmara dos Deputados, pontificando no plenário e nas comissões, graças à sua competência e inextinguível espírito público.

A temática relacionada com a defesa do chamado Polígono das Secas esteve sempre presente em seus lúcidos pronunciamentos, sendo considerado, por isso, como um dos mais profundos conhecedores da região nordestina.

Vários de seus livros focalizam, com riqueza de dados, as gritantes disparidades entre as nossas várias áreas geográficas, valendo como uma advertência ao poder central para que ponha termo a tão injusta discriminação, ainda hoje perdurando no Brasil.

Afastando-se das refregas político-parlamentares, integrante que foi do extinto Partido Social Progressista, Colombo de Sousa foi nomeado por Juscelino Kubistchek para compor o Tribunal de Justiça do Distrito Federal, chegando à sua presidência, em razão do prestígio que desfrutava entre os seus dignos pares.

Homem de cultura polimorfa, manteve, durante algum tempo, coluna periódica no "Correio Brasiliense", abordando assuntos de palpitante atualidade, dentro de um estilo fascinante, que embevecia a milhares de leitores.

Recentemente, numa comemoração imponente e tocante, festejou, durante missa gratulatória, as suas bodas de ouro com D. Yolanda Gurgel de Sousa, na presença de centenas de convidados, que transmitiam ao casal e aos seus filhos, genros, noras e netos, as congratulações por aquele magno evento.

À noite de ontem, no Campo da Esperança, além de sua inconsolável viúva, estavam Maria Fernanda, José Colombo, José Jerônimo, Paulo Maurício, Carmem Inês, Marcos Vinicius, Paulo Afonso e Luiz Roberto recebendo as sentidas condolências pelo desaparecimento de seu preclaro genitor, que sempre soube se impor à admiração e ao respeito da sociedade brasileira.

Como seu amigo pessoal, votava-lhe especial deferência, buscando, muitas vezes no seu tirocínio e experiência notáveis, valiosa colaboração para situar-me diante de questões vinculadas ao nordeste, inclusive, agora, na formulação de emendas à nova Carta Magna Brasileira.

O desaparecimento de José Colombo de Sousa empcionou a representação política do Ceará na Assembléia Nacional Constituinte, da qual me faço intérprete, neste instante, homenageando a sua memória imperecível e levando à família enlutada o testemunho de nossa solidariedade.

PAES DESTACA MEMÓRIA DE COLOMBO DE SOUZA NA CÂMARA

O deputado federal Paes de Andrade, do PMDB cearense, em pronunciamento na Câmara dos Deputados, afirmou que o Ceará e o Nordeste estão de luto com o falecimento em Brasília do professor Colombo de Souza. "Cearense dos mais ilustres, ele teve atuação marcante no magistério, na magistratura, na política e nas letras".

Paes de Andrade fez um retrospecto da vida de Colombo de Souza, "ex-deputado federal por três legislaturas consecutivas, representando o Ceará, ele deixou nos anais desta Casa, importantes trabalhos, sobretudo na defesa do Nordeste. Denunciou sempre com competência e bravura cívica as políticas discriminatórias e todo o processo de espoliação que se abateram sobre o Nordeste.

SOLUÇÕES

Continuando, o deputado ressaltou que Colombo de Souza lutou na tribuna da Câmara e na imprensa para que a política da regionalidade se voltasse para atacar os problemas da área martirizada, buscando para eles, soluções permanentes e definitivas, os seus legítimos donos, destinatários das suas riquezas e potencialidades, foi sempre a preocupação permanente do escritor, do parlamentar, do historiador, que foi esse extraordinário homem público. "Pela ação e pelo pensamento, Colombo de Souza honrou as tradições de cultura e civismo da nossa terra", concluiu ele.

N. R. — O desembargador José Colombo de Souza nasceu em 03.03.1913, em Itapipoca, Ceará, sendo filho de Joaquim Jerônimo de Sousa e Maria Lia Madeira de Sousa. Diplomou-se pela Faculdade de Direito do Ceará, turma de 1937 (o orador foi Dr. Raimundo de Oliveira Borges). Desembargador do Tribunal de Justiça de Brasília, após ser deputado federal, faleceu em Brasília em 30.08.1987.

— L O J Ã O —

N. S. APARECIDA

— O Gigante do Crato —

DE : VALDEMIR CORREIA DE SOUZA



UMA GALERIA INTEIRA DE NOVIDADES...
ARTIGOS PARA O LAR, VIDROS, CRISTAIS,
PRATARIA, GELADEIRAS E MÓVEIS DE TODOS
OS ESTILOS

Rua Dr. João Pessoa, 246 à Rua Santos Dumont, 39

TELEFONE: 521-1413

CRATO

—

CEARÁ

AGORA COM FILIAIS EM JUAZEIRO DO NORTE,
IGUATU E FORTALEZA

Os Franca Alencar

Antônio de Alencar Araripe

Entre os componentes da progênie da família Alencar avultam os que adotam os sobrenomes acima expressos. Constituiu-se a ramificação do clã em apreço por força do casamento de D. Inácia Pereira de Alencar (filha de Joaquim Pereira de Alencar e Teodora Rodrigues da Conceição, irmã da heroína D. Bárbara, e desposada, em primeiras núpcias pelo primo João Pereira de Carvalho) — com Antonio Lião da Franca, rebento da chamada “Família do Pau Seco” de que tratamos em trabalho inserto na “Itaytera” vol. VI, p. 190/196.

Dos primeiros esponsais acima aludidos provém os filhos: 1) Maria, casada com Nicomedio de tal; 2) João Pereira Filho casado com Ana Maria; e 3) Arcanja, casada com Pedro Rodrigues de Melo (O Labatut), com quem teve, entre os filhos: a) Alexandrino de Melo Alencar, bravo do Paraguai, genitor do almirante Alexandrino Faria de Alencar, figura eminente da Marinha Nacional, à frente de cujos destinos esteve, com muito destaque, em vários períodos administrativos; b) Ana Amélia Pereira de Alencar, casada com Tristão Antunes de Alencar, de cujo consórcio provém Adelaide ascendente do Presidente marechal Humberto, e Georgina, esposa do general Francisco Cabral da Silveira.

Do primeiro enlace de D. Inácia com Antônio Lião nasceram: 1) Antônio da Franca Alencar; 2) Francisco Lião da Franca Alencar; 3/4) Padres Antônio e Joaquim Pereira de Alencar, aquele deputado provincial, vereador, professor do Liceu; 5) Reynero da Franca Alencar, pai de Ana Antunes do Monte, tratada por Naninha esposa de Fenelon Bomilcar da Cunha; 6) Luíza Jaste e, 7) Sinphorosa. Do consórcio do “velho Franco”, assim chamado, em família, ao atingir a maturidade, o primeiro rebento do supra-indicada tronco de família, com Praxedes Felismina de Alencar, nasceram: Maria, Leonel, Nila, Meton, Elisa, José Antônio, Adelaide, Ana Elisa, Urbano e Edmundo.

Nessa linhagem dos Franca Alencar ocorreu a circunstâncias de três dos seus componentes — pai, filho e neto — terem tido o mesmo nome (**Meton**) e adotado igual profissão (médico). O primeiro dos tais três médicos enunciados nascido a 7-9-43 e falecido a 22-2-83 foi, ao seu tempo, luminar de ciência, com projecção invulgar no seio de sua classe. Incorporando-se ao número dos voluntários da guerra do Paraguai, prestou, então, ao Corpo de Saúde do Exército, mormente no campo da cirurgia geral e especializada, inestimáveis serviços, dali voltando com as honras de capitão e a Medalha Come-

morativa da Campanha. Atribuem-se-lhe os primeiros ensaios, no Ceará, quicá, na América do Sul, a respeito da transfusão de sangue. Fez parte de várias instituições científicas e representou o Ceará no parlamento nacional. Casado com D. Clotildes Alves de Alencar, deixou os seguintes filhos: Francisco, Diva, Meton, Edmundo, Júlia, Clotildes, Antônio, Telina, Clovis, Stela e Maria.

A Meton, o velho, reportam-se as "Efemérides" de "O Estado de São Paulo", de 21.02.1976, com base no trabalho "Galeria Nacional — Vultos Preeminentes da História Brasileira", onde se salienta "sem nunca ter recorrido à prática nos grandes hospitais estrangeiros, só com livros e com sua habilidade imanente resolvia os mais difíceis casos."

O Dr. Meton, o "moço", chefiou, no Rio, a clínica do grande oculista Dr. Moura Brasil e, exercendo a profissão em Fortaleza e em Juiz de Fora, em Minas, celebrizou-se como exímio e humanitário oftalmologista, de quem guardam imperecível memória quantos participaram de seu convívio.

Ao se dar o trágico passamento do mesmo, como ao ocorrer a data da passagem do centenário de seu nascimento, o registro feito, em tal sentido pela imprensa ("Gazeta de Notícias" de 6.2.1932 e O POVO de 21 e 22/75) evidencia o alto grau da reputação por ele auferida.

Do casal Meton/Hortência procedem: Meton, Aluísio, Leilah, Murilo, Hortência e Naide. O médico Dr. Meton Alencar Neto, filho do precedente, integrante do corpo clínico da Beneficente Portuguesa, no Rio, e diretor do respectivo Serviço de Assistência a Menores, perdeu, em circunstâncias trágicas a 19/3/1944, seu único filho, o estudante Meton, que viria a ser, não fosse outro o destino, o quarto discípulo de Hipócrates da ramificação familiar de que procedia.

Sobre os netos de Antônio da Franca, filhos do famoso cirurgião Meton, o velho, observa-se: a) Diva, casada com o capitão Antonio Eugênio Gadelha, deputado estadual, pais de Meton, Lair, Dery e Mario; b) Edmundo, casado com Samirames Leonel de Alencar. Filhos: Helena, Praxedes e Ana; c) Júlia, nascida a 15/11/1881 e casada, em 1897, com o major Júlio Pinto do Carmo. Filhos: Meton, Carlos, Renato, Fernando (recém falecido), Júlio, Benjamim, Aluísio e Danilo (dados do engenheiro João Nogueira). Telina, casada a 9 de junho de 1902 com o Dr. José Pompeu Pinto Acioly. Filha única: Iolanda.

Francisco Lião da Franca Alencar, Capitão da Guarda Nacional e senhor de engenho, em Lameiro, Crato, o segundo rebento do primeiro enlace de D. Inácia, casou-se com a piauiense Maria Leopoldina do Monte e faleceu, em Crato a 12.6.1881, quando, em dias de setembro, se iniciou o respectivo inventário, em que figuram, além da viúva inventariante, os filhos: 1) Sócrates, falecido, representado pelos netos: Adília e Alzira; 2) Néelson

da Franca Alencar nascido a 11.8.1845 e falecido a 13.9.1933, em seu tradicional solar do Lameiro, onde tanto resplandeceu durante dezenas de anos, o halo de sua irrefutável honorabilidade; 3) Bárbara Leopoldina de Lima, casada com Ernesto Amâncio de Lima ascendente do conhecido empresário desta e de outras praças do país, J. Aquino Alencar; 4) Abdon e Sinem, gêmeos, aquele, pai do médico e deputado estadual, no R. G. do Norte, Dr. Raul da Franca Alencar, e a irmã genitora do ex-prefeito de Crato, José Horácio Pequeno; 5) Hortalan, casada com Felismino Peixoto, pais, entre outros, do Pe. Joaquim de Alencar Peixoto, homem de letras de muita projeção no Cariri.

Aqui ficam, por hoje, os presentes apontamentos sobre a descendência de D. Inácia Pereira de Alencar (irmã da heroína Bárbara, e como ela, uma das figuras centrais do tronco da família Alencar) na qual estão compreendidos um Presidente da República, marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, um Ministro de Estado e Senador Federal, almirante Alexandrino Faria de Alencar e dois destacados empresários cearenses: Fernando de Alencar Pinto e J. Aquino de Alencar.

Documentos para a história de Missão Velha

JOÃO BOSCO ANDRÉ

ESCRITURA PARTICULAR DE COMPRA E VENDA DE PARTES DO SÍTIO MISSÃO VELHA, a qual é do teor seguinte: "Dizemos nós abaixo assignados que entre os mais bens que possuímos mansa e pacificamente livres e desembargados que os temos comunicado em nosso casal he bem assim uma porção de terras de plantar he criar junta a esta Matriz de Missão Velha desnominado "SÍTIO MISSÃO VELHA", termo da Vila do Crato, que as ouvemos por compra que fizemos aos herdeiros do fallecido João Bernardes Pereira da Silva he de sua mulher dona Anna Francisca Xavier, bem como aos herdeiros do fallecido Vitoriano Pereira de Lira, nos mesmos limites de dito sítio cujas terras assim compradas he comunicadas em nosso casal, vendemos como de facto vendidas temos ao Senhor Antonio Correia Lima, por preço e quantia de trezentos he cinquenta e cinco mil reis (355\$000) que recebemos ao passar desta em moeda corrente incluindo no mesmo valor (41 1/2 braças) uma porçõesinha de terras na ilharga no mesmo sítio da parte do poente cuja terrinha ouvemos por compra aos mencionados herdeiros

as quais traspassamos ao mesmo Senhor e da mesma sorte vendemos todas as lavouras, benfeitorias que se acham em dito sítio, casa de engenho, de farinha com todos os seus acessórios que se acham e são mister para ditos tráfeos, entrando ainda em dita venda seis bois mansos e na mesma conformidade duas moradas de casa, três ou mais dentro desta Povoação de Missão Velha, as quais são de taipa he muito arruinadas e tudo isto por preço e quantia de hum conto oitocentos, quarenta e cinco mil reis (1:845\$000) que também recebemos cujas terras com meia légua em quadro confrontando pela parte do Nascente com terras de Joaquim Pereira na Cruz de Almas; para o Poente com terras dos herdeiros do finado João Bernardes Pereira da Silva, ou para melhor dizer, com terras de nós vendedores por termos comprado maior parte a ditos herdeiros citados nesta mesma escritura retro, da parte do Sul com esta Povoação de Missão Velha, do março que acha pela cerca de força he para parte do Norte pelo Rio Salgado, cujas terras assim confrontadas e demarcadas, poderá o Senhor Antonio Correia Lima, lograr e possuí-las com o mais que se tem declarado como suas que são he ficam sendo para sempre he delas tomar posse em Juízo he fora dele sem que nós ou nossos herderios lhe possamos pedir mais ditas terras ou o seu valor antes nos obrigamos fazer-lhe a todo tempo dita venda boa, firme he valiosa he dar-lhe quitação de paga por escritura pública quando nos for pedida para o que nos desaforamos de todas as leis e privilégios que a nosso favor possam haver he assim pedimos e rogamos as Justiças de S.M.I. tenham e mantenham a dita venda advertindo em tempo que no quadro de meia légua de terras declarados na presente escritura se acham dois herdeiros Senhores e possuidores do que contar de suas legítimas paterna e materna, portanto excluidas desta venda; he para todo tempo contar a verdade pedimos ao Senhor Manoel José de Lavor, esta por nós passasse he a vendedora por não saber ler nem escrever pede a seu irmão João Pereira da Luz, por ela assinasse na qual assina o vendedor, sendo por testemunhas o nosso filho João Pereira de Mendonça he o Senhor José Thomaz de Aquino. Missão Velha, trinta (30) de julho de mil oitocentos e trinta e seis (1836). ass.) Joaquim Aleixo de Mendonça. Assino a rogo de minha irmã Maria Caitana, João Pereira da Luz. Como testemunha que esta fiz Manoel José de Lavor. Como testemunha João Pereira de Mendonça. Como testemunha José Thomaz de Aquino. Declaramos mais que o sítio assim vendido goza de lei a tudo independente por ser feito dentro da mesma terra que vendemos. Dia supra. Joaquim Aleixo de Mendonça. Assino a rogo de minha irmã Maria Caitana João Pereira da Luz." (E adiante achava-se anotado ter pago a cisa da quantia de trinta mil e quinhentos reis — Nota do Tabelião José Jácome de Carvalho).

Do arquivo de: João Bosco André

Missão Velha - CE.

Um Cavaleiro da Tradição

NERTAN MACEDO

Meu irmão, José Denizard Macedo de Alcântara, o mais velho de todos, foi a mais forte influência espiritual ao longo da minha vida. Ele morreu relativamente moço, aos 63 anos, de fulminante colapso cardíaco, nas proximidades da Fortaleza de Nossa Senhora d'Assunção, numa madrugada de novembro. Era afilhado de Nossa Senhora da Penha, padroeira do Crato, e a cidade de Fortaleza foi a paisagem e a paixão urbanas da sua vida.

Figura inesquecível, a desse bom irmão, pela ternura que escondia n'alma, sempre fazendo questão de mostrar um cenho carregado, de ilusório, aparente autoritarismo, que aos incautos parecia o retrato "fechado" da sua maneira peculiar de pensar e agir, em política, em casa ou no magistério. Não era, porém, no fundo, nada disso. Foi com ele que aprendi uma lição que me tem servido bastante pelo tempo afora: não acreditar em ideologias radicais como "Molduras perfeitas, acabadas" de certos espíritos julgados, condenados ou exaltados, erradamente, como de *Esquerda, Centro ou Direita*. Pois o que não falta na vida pública brasileira são certas figurinhas torpes que se dizem liberais e não passam de tremendos farsantes, com esconsa vocação para a crueldade e a ditadura, adoradoras que são do mando incontrastável e do poder totalitário. Daí o sábio provérbio: "Se queres conhecer o vilão, entregue-lhe o bastão" . . .

Há os que se proclamam de Esquerda, quando não passam, geralmente, de sentimentais, recalçados ou incapazes de compreender quão rude e braba é a existência humana; crêem, ou fingem, num mundo de completa justiça e igualitarismo, não se conformando com o nosso planeta, como realmente foi feito. E chegam, inclusive, a sacrifícios extremados para consertá-lo ou aprimorá-lo, dependendo do grau de alucinação ideológica a que se submetem. Querem, assim, a todo custo melhorar, com instrumentos terrenos, a obra de Deus, a quem combatem ou negam, com insistência e raiva.

Vários, são apenas cínicos. Outros, realmente idealistas e decentes.

Meu irmão era uma figura singular. Tinha soberano desprezo por todo indivíduo que não era carne nem peixe, não cheirava nem fedia. E vomitava-os à maneira paulina, ou de quantos outros lutadores deram testemunho nesta vida. Por isso mesmo, sofreu, desde jovem, quando aderiu ao movimento integralista, por *suas* idéias "facistas e reacionárias" que, simplesmente, ele não

as possuía. Era, na verdade, um tipo que chamaríamos de raro entre os produtos da formação ou da consciência do seu tempo. Enfim, um homem apaixonadamente rendido aos encantos da História, da Tradição, do Sonho Cristão e de um vago Autoritarismo, assim mesmo, tudo isso com letra maiúscula! Entretanto, mais próximo do paternalismo alargado do “familiar” ao “nacional”, do “clânico” ao “pátrio”, do ‘individual’ ao ‘comunitário’. Sua concepção política era a de lareira, a da enorme mesa familiar da refeição em comum, das redes no alpendre em deliciosos rangeres nos seus armadores e das infundáveis tagarelices, louvando o amor à Pátria e aos seus Maiores. No melhor estilo Ant. Sardinha. Com a liturgia dos mortos à *Barrés*. E muito Fernando Pessoa, sem o revolucionarismo do poeta e o seu lado meteco, cosmopolita e gay. Algo, pois, um tanto complexo e difícil de entender, notadamente para quem não conhece as forças da espiritualidade latente, na História e na Religiosidade dos povos ou nações. Meu querido irmão era, naturalmente, fiel ao passado. E como toda personagem do seu feitio, sempre desligado das coisas do presente, mas, principalmente, do futuro.

José Denizard vivia o passado de forma muito intensa, quase sobrenatural e mítica. Ou, ainda, mística. Poderia — ou deveria — ter sido poeta. Mas preferiu viver a própria poesia, na forma de uma História idealista, demasiada talvez. Como a de todos os autênticos visionários e videntes.

Nasceu, ele certamente para juntar-se ao Quixote e ao Sancho, formando com estes um trio inseparável, nas suas andanças em busca de aventuras, sonhos e conquistas. Era, definitivamente, um deles. Capaz, acredite quem quiser, de conversar a sós, numa boca de noite, em sua cadeira de balanço, com o Infante Dom Henrique, e entrar, matrugada a dentro, a trocar impressões e figurinhas com o Marquês de Caxias, ou o General Osório, a respeito de fatos pouco conhecidos da campanha do Paraguai.

E nada tinha nisso de insensato. Apenas de passional, enamorado como era da História do Brasil, a qual amava e perdidamente nela acreditava, entregando-se, tanto quanto o nosso querido primo, Luís Teixeira de Barros, monarquista ferrenho e liberal de berço, a intermináveis diálogos sobre Luiz XVI, em Versalhes, ou Bonaparte a caminho das Pirâmides. Tudo quanto lhe surgia dos velhos compêndios e das lições ministradas pelos padres e professores do Ginásio Diocesano do Crato e depois no tradicional Liceu do Ceará, em Fortaleza.

Meu irmão era, parodiano o romancista de *Dona Guidinha do Poço*, Manoel de Oliveira Paiva, uma pessoa que acreditava na palavra da História como se ela “de Deus viera”. História feita e escrita pela mão dos homens, é preciso não esquecer. . .

Também era, por natureza, um temperamento sonhador e solitário, tenaz, introspectivo, caladão, campo fértil às idéias de um surdo extraordinário, como Maurras; ou de um polêmico e atrevido como Daudet; tanto quanto o era para os paradoxos e as cambalhotas do Chesterton. Todavia, amigo do bom senso e, de cambulha, para tudo quanto dissesse respeito à sua terra e gente, fielmente representadas nas figuras idealistas, rudes e até mesmo boçais de caudilhos provincianos, mas que souberam adentrar à História. Do tipo de Filgueiras, Pinto Madeira ou do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, três gigantes do “reacionarismo” ligado ao Partido do Trono e do Altar. Isso sem esquecer as honestas figuras de venerados cronistas como o Barão de Studart, Paulino Nogueira, João Brígido, Théberge e outros do mesmo naipe.

Afinal, meu irmão tinha que detestar, pois não poucos da sua geração foram educados para tanto, o *liberalismo avoengo*, no que se confundiam, aliás, a *Esquerda* e a *Direita*. Pois somente os carreiristas é que, naqueles dias das décadas de 30/40, cheios de inquietações e reformismos sociais, seriam os únicos capazes de abrigarem-se à sombra de contumazes exploradores do povo. Os tais liberais nascidos com a Revolução Francesa, que ele tanto odiava por achá-la a grande responsável pela *segunda queda* das nações cristãs e dos povos tementes a Deus. A plebe rude, a massa ignara, a patuléia de suburras — e os padres forjavam muito bem essa mentalidade nos seus dias de adolescente no Crato — teriam, mais cedo ou mais tarde, na concepção desses mesmos senhores reverendos, tão antimaçons quão antiprotestantes, de voltar aos antigos bons termos da chamada “idade de ouro” da Cristandade, a Idade Média, tempo onde havia lugar reservado e seguro para todas as hierarquias sociais, para todos e para cada um de per si, dos mestres de obras nas belas igrejas e catedrais aos camponeses brutos, enfeudados e disciplinados nos campos e burgos à sombra dos castelos.

Meu irmão acreditava, piamente, na harmonia intrínseca dessa ordem velha, dentro da sua sincera e pura imaginação de moço sertanejo, irredutível cultor de tantos séculos evanescidos, de inumeráveis desaparecidos cavaleiros cristãos, de navegadores de Sagres, de soldados das Espanhas de Carlos V e Felipe II, de incontáveis súditos de Sua majestade Fidelíssima da França e da Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana e, por cima, não deixando de atribuir todas as desgraças e infelicidades humanas aos *falsos sábios* e iluministas do Século XVIII. Bem menos do que o ódio, meu irmão nutria acentuado desamor e uma desconfiança contínua por todos os *reformadores* da História. Em particular aos que prometiam maiores doses de progresso e felicidade para os povos, através dos anunciados poderes miraculosos da ciência e da técnica, elaborando paraísos sociais artificiais — as famosas utopias — e, paradoxalmente, gerando o cesarismo democrático encarnado num Napoleão e outros ditadores. Toda essa vasta “empulhação” tricolorizada — Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Só o tempo, modelador de almas e de idéias, corregedor sem par de temperamentos tenazes, silenciosos e tristonhos como os que vicejam no Crato, seria capaz de modificar estrutura tão entranhadamente “poética”, em meio a essas águas revoltadas do pouco asseado e calmo “oceano da História”. Como era, certamente, o do Denizard, no íntimo e em verdade um ser compassivo; amigo dos pobres, ele próprio um professor de província, cordato, inteligente e culto, que amava, como poucos, seus discípulos e a profissão, mas gostava de posar de *durão* e era um menino-grande quando se punha, na base de uma boa cervejinha matinal, a falar numa mesa de boteco dos seus sonhos recônditos, feitos de epopéias e devaneios, do rapazinho cativo — desde os dias da juventude, no Vale do Cariri — das suas coleções históricas e amarelcidas, sorvidos de um gole entre as não menos influenciáveis hemerotecas veneráveis das bibliotecas públicas da terra natal.

Era meu irmão muito parecido com o *chefe nacional*, Plínio Salgado, que eu conheceria mais tarde na intimidade e que sempre me pareceu muito mais propenso ao mestrado cívico e ao “semore alerta” do escotismo do que à dureza brutal das pancadarias e conflitos de ruas ou guerras-relâmpagos de um Adolf Hitler e dos seus violentos SS e hábeis generais. Assim, meu irmão estava mais para “falangista” da Legião de um Primo de Rivera, que acabou por abrir caminho ao General Franco, tanto quanto para o “ideário monárquico” (à moda realista, pragmática, porém jamais esquiva como a de um Oliveira Salazar) do que tendente à militância numa juventude “negra” ou “parda”, do tipo alemão ou italiano. Seu nacionalismo, no final das contas, era tecido de regionalismo — o que não o impedia de, fortemente, influenciado pelos jesuítas de Fortaleza e do Recife — proclamar uma antipatia obviamente injustificada pelo que pensava ou escrevia o mestre Gilberto Freyre. Viveu ele, porém, o suficiente para amadurecer a sua natureza — naturalmente liberal — no sentido de quanto isso contém — ou retém — de compreensão e respeito pelo próximo, pelas idéias alheias, pela liberdade de agir e criar, tanto no mundo físico quanto no espiritual. Quando morreu, já estava por demais reconciliado com os antigos desafetos, adversários de sua agitada mocidade ideológica, muitos dos quais adorava frequentar e, ao lado deles, afetosamente prosseguir na quixotesca disputa que o acompanharia, nobre e cavalheirescamente, ao túmulo. Não mais desejava convencer ninguém, muito menos também queria ser convencido. Ideologicamente falando, parara no tempo e no espaço. Suas idéias políticas, de ordem eminentemente *sentimentais*, como que se haviam cristalizado, não apenas como postura, fisionomia moral ou elegância verbal, mas num acentuado e recatado ceticismo diante de novas propostas surgidas ao final de sua existência. Entretanto, o mundo que ela havia conhecido e *pensado* desde os dias de menino, no Crato, ou de estudante pobre, em Fortaleza, continuava inalterado em sua alma:

era ainda o mesmo do velho professor remediado e de vida bem estruturada e metódica, embora amando a boêmia noturna e as rodas de cerveja e boa pinga nos bares da amada Fortaleza.

Curiosamente, quando o telefone da minha casa tocou, no Rio de Janeiro, na madrugada de sua morte súbita, um pensamento logo assaltou-me, antes mesmo que eu atendesse a chamada — o de que fora ele quem acabara de falecer. E ainda agora, com a imutável e extremosa afeição passada, posso confessar, de olhos marejados, que é ainda assim que leio e transcrevo aqui este trecho destacado do seu testemunho particular, da cópia que dele possui: “Declaro que nasci e desejo morrer no seio da Santa Igreja Católica, Apostólica e Romana, cujo chefe visível é Sua Santidade o Papa que está em Roma, a cujas verdades eternas e imutáveis sempre aderi com toda a força da minha inteligência e do meu coração, na forma com que foram ensinadas nos séculos passados, apesar dos meus incontáveis defeitos, pecados e omissões, para os quais espero Misericórdia da Divina Justiça, quando comparecer perante meu Deus, meu Criador e meu Supremo Juiz, para o que rogo a intercessão do seu Filho Unigênito, Jesus Cristo, meu salvador, de Sua Mãe Santíssima e de todos os Santos Anjos da Corte Celeste, especialmente meu Anjo da Guarda e do Glorioso Arcanjo Miguel, padroeiro de todos os soldados cristãos. Quero reafirmar solenemente o orgulho e a honra das posições políticas que assumi na vida, quer como integralista que envergou sua bela e dignificante “camisa verde”, como miliciano inscrito na Ação Integralista Brasileira, o maior movimento cívico e patriótico da nossa Pátria, só igualado pela repulsa às invasões holandesas e à Guerra do Paraguai. Reitero por igual minha condição de monarquista fiel, única forma de governo inteligente e adequada para ser aceita por um bom brasileiro. Protesto mais uma vez meu integral repúdio às errôneas e maléficas doutrinas liberais ou demoliberais, socialistas, comunistas e as chamadas “católico-progressistas”, que ensandeceram o mundo a partir da Reforma Protestante e da Revolução Francesa, e que ora estão conduzindo o mundo, o homem e a humanidade, ao caos, à escravidão, a abismos insondáveis, que só a Fé em Deus Todo Poderoso podem evitar pela sua Infinita Bondade. Lamento não dispor de uma “camisa-verde” para me amortilhar, mas quero que, sendo possível, meu esquite seja coberto com a bandeira do *Sigma* e pela bandeira do Império, que se encontra em meu gabinete doméstico”. (Datado de Fortaleza, Ceará, dia 23 de setembro de 1979).

Só firmá-lo vinte e dois dias antes, meu irmão havia completado 58 anos, pois nasceu a 1.º de setembro de 1921, filho legítimo de Júlio Teixeira de Alcântara e Corina Macedo de Alcântara.

Ainda hoje, ao recordar José Denizard, sinto que existe o que se pode defenir, sem exagero, como uma concepção “romântica” — totalmente *romântica* — da História. Nos dias que correm, em meio a toda sofisticação tecno-

lógica do Universo, que ora empolga gregos e troianos, dos capitalistas aos seus antípodas comunistas, pode-se ainda apontar exemplos de estadistas e intelectuais que nunca abdicaram dessa visão sonhadora e amorosa ao se debruçarem sobre o passado da sua gente — e o General De Gaulle é o primeiro dentre eles. Confessa o general, em suas “Memórias”, que a imagem da França, para ele, o teórico dos modernos blindados, o cultor do progresso crescente, baseado na riqueza industrial, que haveria de colocar a França do pós-guerra novamente entre as potências do mundo, era apenas uma princesinha dos contos de fada . . .

É que se, de um lado, historiadores e sociólogos marxistas insistem, cada vez mais e totalmente, em raspar do cérebro humano a “memória da História” sob a promessa abstrusa e absurda de começar tudo de novo, existem, por outro, muitos personagens ilustres que não detestam o passado, não odeiam seus precursores na terra. Muito pelo contrário, guardam deles até uma visão de saudade e respeito, bela e comovida, como rico legado de exemplos e lições ser seguido e usado. Porque, para o “tradicionalista”, de formação ou conteúdo passionalmente “histórico” (e a História, como a poesia e a música, significa para esses sensitivos uma das mais ricas formas de expressão espiritual ou de humanismo cultural) o sonho de redescobrir e coexistir, simultaneamente com o passado, é qualquer coisa de verdadeiramente impressionante. Recorde-se outra vez Gilberto Freyre, que, exemplo raro no Brasil, possuía, em escala notável, essa capacidade extraordinária que chamaríamos, aqui, sem desdouro, de “mediúnica”, ou seja, “de viver” intensa e naturalmente tudo quanto ele próprio descrevia da nossa sociedade patriarcal, como se nela houvesse co-habitado — e, dessa maneira, construir uma obra sólida e duradoura, servida pela luz de conceitos os mais modernos e científicos, dos sociológicos aos da psicologia da antropologia. E umas das figuras interessantes dessa “família” espiritual que produziu, indistintamente, um De Maistre, D’Aureville, um Barrés ou um Maurras (para mencionar apenas quatro dos grandes prosadores e pensadores da ilustre “direita” francesa), seria, somente a título de exemplo, e bem à maneira anglo-saxônica, o criador de Sherlock Holmes, *sir* Coman Doyle, também autor de numerosos enredos históricos e até de uma “História do Espiritismo”, seita a que acabou aderindo após a morte de um filho, segundo consta.

Não seria demasiado excluir desse mesmo clã espiritual, a figura, paradoxalmente moderna e antiga ao mesmo tempo, de um Chesterton, democrata, todavia religiosamente ortodoxo, que fez de um simples padre de paróquia, o padre Brown, um dos mais sutis e vivos detetives policiais de todos os tempos.

Denizard foi, desde menino, por razões diversas, das deformações intelectuais às de temperamento, um tradicionalista destemeroso, capaz de rejei-

tar a mais convincente forma de pensar “racional” pela mais obscura e instintiva *devoção* aos misteriosos cultos dos antepassados, aos fatos e lendas da História do Brasil. Também a todo o *histórico* ou *legendário* da chamada Civilização Católica, mais do que apenas Cristã, que ele tanto amava e rememorava, com seus santos e heróis, os seus nobres escudeiros e cavaleiros andantes, “nós, os feudais” . . . — como ele, sincera e ingenuamente, de lança em punho em plena era dos aviões a jato, escreveu, certa feita, no jornal integralista de Raimundo Padilha, *A Idade Nova*.

Não sei se no fim da sua existência, a meu ver tão curta, para quem a amava com tanto calor e intensidade, suas arraigadíssimas convicções a respeito de certas instituições tradicionais (o Exército, por exemplo, que durante mais de 20 anos sustentou uma ditadura suja, manipulada por generais e civis ambiciosos) ainda seriam as mesmas, as de um crente aferrado a esses valores desde a mocidade, aprendidos e assimilados na cristalina fonte do integralismo. Ou teria restado apenas o velho turrão, teimoso, surdo, às lições hauridas ao longo de uma vida sofrida, do homem que gostava de se fazer passar por “antigo” e inadaptado a fim de poder melhor posar de “reacionário” para divertir-se, simplesmente às custas de moços dos quais tanto gostava mas não cortejava.

Meu irmão foi, antes de tudo, um sentimental da História. A crônica brasileira, esta então, ele a via como o já mencionado general francês, um sucedâneo ou continuação dos contos de fada da infância, passada à sombra de reminiscências e velharias da sua adorada província, o Ceará, que ele só trocava pelos feitos mais altos e assinalados dos reis de Portugal, seus soldados e bandeirantes coloniais; ou pelos feitos das grandes figuras políticas e militares do Império, além dos clãs endogâmicos que povoaram o sertão e, também, alguns focos da reação antirepublicana, como o de Antônio Conselheiro, em Canudos; enfim, tudo quanto consagrasse a tese da volta ao pretérito, ao culto barresiano dos ancestrais, à organização social, emírica e construtiva, segundo o método maurrasiano, e partir de ligações e exemplos bebidos no outrora; Sardinha, Salazar e Franco, os mestres da ordem e da tradição ibérica; tudo desembocado no “mais belo movimento” já havia no Brasil, o fundado por Plínio Salgado, uma esplêndida figura humana, frustrada vocação de comandante de escoteiros, carismático, sincero, brasileiríssimo, mas de uma ingenuidade de fazer dó, num País marcado a ferro e fogo por malandros lúdicos, carreiristas, fisiológicos e facetos.

Quando relembro, agora, o temor que alguns indivíduos tinham do meu inofensivo irmão, habitualmente apontado como perigoso agente do “niponazismo-fascismo-franco-salazarismo” (na habitual linguagem comunista usada durante a Segunda Guerra Mundial), do fingido medo desses comunistas caboclos, sempre ridículo e dementados pelo fanatismo do “pecado social”

substituto do "pecado original" (no qual Denizard tanto acreditava) tenho vontade de achar graça, sozinho, sem mágoa mas apiedado de tanta tolice da estupidez desses marxistas e dos seus aliados "liberais" da Praça do Ferreira e adjacências.

Pois meu irmão, queiram ou não os seus velhos contendores ideológicos, era, mesmo sem dizer, talvez sem querer, um *liberal autêntico*, embora inconfessado. Antes pelo contrário, ruborizado e, estou certo, profundamente ferido e logrado pela natureza infame de muitos dos seus semelhantes, dos homens em geral, únicos autores da grandeza mas, essencialmente, da mesquizez da História.

O General De Gaulle tinha lá suas razões: *le grand Charles* era um ator e não um mero e obscuro participante sonhados da corrente dos tempos. Já meu bravo, solitário e inesquecível irmão era tão-somente um humilde espectador, crendo em tudo quanto se dizia (ou se fazia) dentro desse palco no qual se representa, a meu ver, a vasta comédia escatológica, entremeada de grandes e pequeninos dramas ou tragédias. Em que se misturam, de fato, santos verdadeiros e heróis de araque, homens de bem e, também, os mais expeditos e desembaraçados falsários e canalhas de todas as procedências e matizes.

Só lamento, hoje, que meu irmão não haja morrido tão feliz como costuma acontecer à maioria dos visionários idealistas. Algo me segreda ao ouvido — ou à alma, quem sabe? — que ele, há muito, andava bastante decepcionado com não raros dos seus heróis e cavaleiros andantes. Terminou seus dias de vida convencido — estou certo — de que a última palavra; neste mundo, fica quase sempre mais à mercê da boca mole e flácida dos Sanchos panças — e que a voz ardente dos Quixotes só tem vez quando tais personagens, lazarinós e combatentes, por razões as mais estranhas, as mais inusitadas, conseguem tirar o termômetro de debaixo do sovaco e verificar, com surpresa que, afinal também podem ser ouvidos, apesar dos 40 graus de febre . . . a voz em brasa, rouca, delirante, com que tentaram falar um pouco mais alto, um dia.

Enfim, é a vida. Mas é preciso sonhar. Nem que seja uma única vez. E a vida acontece uma só vez para cada um. Já que todos os mortais não podem navegar, seguindo o conselho tão antigo.

("O POVO" — 1.º/11/87).

**O SENAI - CEARÁ, NOS SEUS 45 ANOS, SE FAZ PRESENTE
NO 32.º ANIVERSÁRIO DA REVISTA ITAYTERA.**

UM TEATRO PARA O CARIRI

SALVIANO SARAIVA

Já vai longe o tempo em que começamos a insistir no mesmo assunto, em todos os espaços disponíveis: é terrível e angustiante a falta de teatros para a apresentação de espetáculos no interior do Estado. Conheci e vivi essas dificuldades integrando o "Grupo Teatral de Amadores" que ajudei a fundar e construir ao lado de Waldemar Garcia, João Ramos, José Correia e tantos outros. Este conjunto venceu todas as dificuldades para se manter vivo e atuante, se constituindo num exemplo edificante. Entretanto, muitos espetáculos importantes deixaram de ser montados por falta de um bom palco, e hoje, praticamente, não tem onde se exhibir razoavelmente. O que dizer, então, das companhias teatrais que não dispõem das mínimas condições de mostrarem sua arte no Cariri. Por incrível que possa parecer, não existe um só teatro em toda a vasta região do Cariri. Cidades do nordeste, com atividade cultural bem menos intensa que a do Crato, se orgulham em prosseguir o seu teatro municipal. Portanto, um bom teatro nesta cidade atenderá plenamente às cidades vizinhas, aí repousando a sua maior significação.

Recentemente, a Prefeitura Municipal adquiriu o imóvel do Cine-Moderno, no coração da cidade. Com uma boa reforma seria transformado em teatro e cinema municipais, o que foi o objeto de entendimentos entre o Sr. Prefeito, técnicos da Edilidade e outros interessados, mais precisamente, os responsáveis pelo "Grupo de Amadores do Crato".

Estranhamente, em lugar da preservação do local histórico do primeiro cinema sonoro do interior do Estado, em cujo palco se apresentaram os mais renomados atores nacionais, o vimos alugado para super-mercado e até transformado em salão de forró.

Tudo isto acontece, enquanto, ao que nos informaram, existe arquivado na Câmara Municipal projeto de lei (aprovado) para a construção do Teatro Municipal do Crato. É o poder público, maior responsável por essa lacuna existente em nossa cidade, dando o primeiro passo da omissão, da retirada da luta antes mesmo de iniciada a batalha.

Mas, esse Teatro tem que ser construído. Esta luta envolve toda a sociedade do Crato, do mais humilde ao privilegiado. Mobilizem-se todas as camadas da população e, conjugados os esforços, será realidade esta aspiração maior.

É sempre bom lembrar às nossas autoridades: o Teatro Municipal é, sobretudo, obra que se perpetua, não se vende, não se derruba, mas se projeta no futuro com a indelével assinatura dos seus realizadores.

Padre Antonio Vieira

“O Jagunço de Deus”

EU, um “dos outros”, do “OS OUTROS E EU”, tomei a liberdade de escrever a respeito do Padre Antônio Vieira, face tratar-se de uma personalidade realmente invulgar e de grande significação nos quadros volutivos das letras e da cultura nacionais.

Conheci o autor de “SERTÃO BRABO”, aqui em Juazeiro do Norte, quando do lançamento do seu livro “O JUMENTO, NOSSO IRMÃO”, no recuado ano de 1964. Decorrem, portanto, 24 anos que vi, pela primeira vez, esse preclaro filho de Várzea Alegre.

Antes, porém, já era seu admirador. Seu primeiro livro, “100 CORTES SEM RECORTES”, que li, reli e ainda hoje leio, é o responsável maior pela grande admiração que conservo, até esta data, ao talentoso e escritor varzea-legrense.

Para mim, lê o Vieira da “terra do arroz”, tornou-se um “hobby”. Este hábito vem de priscas datas. Desde o “Caderno de Cultura”, do Jornal O Povo, da seção, “Canto do Vigário”, da coluna, “Cortes e Recortes”, até à coluna, “Bom-Dia, meu Irmão”, do pseudo — Antônio Teixeira.

Tenho todas as suas obras. De tanto lê-lo, de tanto admirá-lo, de tanto divulgar seus livros, de vendê-los e de declinar seu nome aos quatro ventos, nos aproximamos, já mantivemos, em diversas oportunidades, vários contatos, já nos conhecemos, enfim, somos amigos. Como admiro esse Antônio Silvino do Bem !

Do ponto de vista intelectual, não tenho palavras para classificá-lo. Apenas acrescentar: é um escritor de méritos incontestáveis. De muitos dotes. Homem de vasta e sólida cultura. De uma versatilidade incrível ! Original, sutil, penetrante, irônico, intuitivo e, acima de tudo, um exímio escafandrista de almas. Como jornalista, é brilhante. Como parlamentar, foi tremendamente combativo. Tribuno eloquente e grande estudioso da nossa problemática.

Na Literatura, teve a primasia de lançar o célebre livro, “O JUMENTO, NOSSO IRMÃO”, tão célebre — diga-se de passagem — que a BBC de Londres, considerou o livro mais completo até hoje publicado no “COSMOS” a respeito do jerico.

Afora as citadas, escreveu obras da estatura de “MENSAGEM DE FÉ PARA QUEM NÃO TEM FÉ”, ‘PENSO, LOGO DESISTO’, ‘A FAMÍLIA’, ‘BOM-DIA, IRMÃO LEITOR’, ‘PORQUE FUI CASSADO’, ‘GRAMÁTICA DO ABSURDO’, ‘A IGREJA, O ESTADO E A QUESTÃO SOCIAL’, ‘PAI

NOSSO'; e por último, 'EU E OS OUTROS'. Como se não bastasse, brevemente serão publicados: 'EU SOU A MÃE DO BELO AMOR' 'ROTEIRO LÍRICO E MÍSTICO DE JUAZEIRO DO NORTE', 'PROBLEMAS FILOSÓFICOS, JURÍDICOS, POLÍTICOS E ECONÔMICOS', 'DEUS, O MATEMÁTICO' e 'HISTÓRIA ABSURDA DO BRASIL'.

Certa feita, disse-me o Padre Vieira, em casa do seu primo, Raimundo Vieira, "que o avô dele fez 23 filhos, e que ele iria fazer 23 livros". É ou não é verdade, Padre Vieira? E está perto. A não ser que as gráficas façam "LI- GAÇÃO" . . . Seria o fim !

Não se pode negar o amor que o Padre Antônio Vieira tem ao sertão, já demonstrado em o "SERTÃO BRABO". É um amor sincero, desinteressado e autêntico. Sua obra vasta e variada, precisa ser melhor analisada, em todos os seus ângulos, para melhor compreensão do seu pensamento e da sua personalidade, não digo de "escol", (porque ele é um homem do povão) mas, sem jaça, isto sim !

Entre mim e o Padre Antônio Vieira, existe uma afinidade de ordem sentimental e psíquica bastante acentuada. Haja vista suas atitudes, sua independência espiritual, seu caráter, seu inconformismo, seus posicionamentos diante dos poderosos, sua coragem espartana, etc., etc. Tudo nele, se assemelha ao meu "modus vivendi".

Para falar da sua conduta em defesa dos "pequenos" e dos injustiçados, ninguém melhor do que o jornalista J. C. de Alencar Araripe: "A conduta do Padre Antônio Vieira — acentuei então — é digna, realmente, de calorosos elogios. No flagelo climático de 58, enquanto a roubalheira, campeava ao seu redor, chefes políticos e elementos do DNOCS, explorando, miseravelmente, a indústria da seca, o Padre Antônio Vieira, ao mesmo tempo que denunciava os escândalos, desenvolvia um grande movimento assistencial, em parte iniciado dois anos anteriores.

Pôs em funcionamento um centro social, compreendendo ambulatório, farmácia, lactários, escolas de iniciação doméstica para moças pobres, quatro escolas de alfabetização para crianças, clubes das mães e uma organização de voluntárias para preparação de enxovais. Durante 58, os lactários forneceram leite a mais de duas mil crianças e 800 lactantes e gestantes. A farmácia, com remédio para vender pelo preço de custo, fez a entrega, gratuita, até à época em que lá (Ic6) estive, de mais de seis mil medicamentos. Foram distribuídos: mais de três mil quilos de gêneros alimentícios; 120 roupas feitas; 611 calçados, e 40 mil cruzeiros com auxílio em dinheiro.

Em dois anos, houve doação de mais cinco mil livros escolares.

Como amealhou recursos para tanta coisa? E eu mesmo respondia à indagação. Padre Vieira desdobrou-se, agitou-se, pediu, veio a Fortaleza e foi ao Rio, bateu em todas as portas, apelou para a generosidade de gregos e troianos.

Sem descurar das funções do culto, tanto que reformara igreja e capelas, havia se lançado ainda à construção de um ginásio, que já recebia os primeiros alunos. A politicalha tentou embargar-lhe os passos, chegou a circundar de arame a área onde surgia a edificação. Mas o Padre Antônio Vieira pôs a cerca abaixo e prosseguiu na sua marcha, sem esmorecer diante de intimidações.

Ressaltanado o êxito do apostolado do Padre Antônio Vieira, pondo em relevo a multiplicidade das atividades que exercia, indagava a mim mesmo: como, em meio a tantas e tão assoberbantes preocupações, ainda sobrava tempo ao ilustre sacerdote para incursionar nos domínios da literatura e escrever as primorosas crônicas com que abrilhantava as páginas de "O Povo"?

Eis, aí, portanto, parcialmente dissecada, a personalidade do grande cearense de Várzea Alegre. Do destemido sertanejo da terra de São Raimundo Nonato. Do nordestino "valiente", que "prefere morrer de pé a sobreviver de joelhos ou acororado diante dos poderosos".

"FUI CASSADO POLITICAMENTE. MAS NÃO FUI CASTRADO MORALMENTE".

Estas palavras de fogo, pronunciadas no patamar da intrepidez pelo sacerdote em foco, irão com ele ao túmulo e, certamente, servirão de exemplo aos nossos pósteros, se é que os nossos pósteros queiram seguir a esteira de homens impávidos e arrojados como o Padre Antônio Vieira, o cognominado "Cangaceiro do Céu", feliz expressão do ex-Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, o eminente jurista, Dr. J. Bernardo Cabral.

RAIMUNDO ARAÚJO

(Membro do Instituto Cultural do Vale Ciririense)

Juazeiro do Norte - Ceará

senai . 45 ANOS ANOS FORMANDO MÃO-DE-OBRA
PARA A INDÚSTRIA CEARENSE.

Um Quixote,

Itaytera e o I C C

BARROS ALVES

Com lisonjeira dedicatória, mandou-me há algum tempo o prezadíssimo confrade J. Lindemberg de Aquino, o mais recente exemplar da indispensável e aplaudida Revista Itaytera, publicação cujo fôlego é bem a mostra da grandeza intelectual dos que a fazem. Correspondente ao ano em curso, este n.º 31 da revista do Instituto Cultural do Cariri, entidade mui apropriadamente dirigida por Lindemberg de Aquino, além de importantíssimas colaborações em prosa e verso, destaca homenagem póstuma ao farmacêutico e historiador Pedro Gomes de Matos, membro daquele sodalício caririense, nascido na cidade de Crato, mas Maranguapense de coração, posto ter se instalado ainda moço na Terra de Capistrano e ali vivido até o fim dos seus dias.

Outro grande nome da ilustrada família Gomes de Matos é lembrado através das páginas de Itaytera. Trata-se do mestre, professor Raimundo Gomes de Matos, um dos luminares do Direito em nosso Estado, cujo centenário de nascimento se comemorou em outubro de 1986.

Arrostando obstáculos, grandes óbices, diga-se de passagem, sempre presente, aliás, à frente dos que se aventuram a promover a cultura em nosso Estado, este Quixote caririense, este jornalista que preside com proficiência e lucidez o ICC é, acima de tudo, um intrépido caminhante que não tergiversa e não queda ante a insensibilidade que nos ronda nestes tempos empedernidos em que as coisas do espírito são tidas como algo perfeitamente dispensável. Pelos néscios, é claro. Embora doa-nos saber que no mais das vezes são exatamente os incautos e incultos que detém o Poder e o mando, inclusive sobre assuntos de cultura. Lutar é preciso (navegar é preciso, para lembrar Fernando Pessoa). Não deixar que os sábios ocupem os espaços que devem ser dos sábios é um dos objetivos de Lindemberg de Aquino, homem cujo nome já está escrito com destaque na galeria dos benfeitores da cultura em nosso combalido Estado que é o retrato de um Nordeste mais maldito ainda, onde o social e o espiritual (não no sentido piegas imprimido pelas religiões) não passam do discurso demagógico de uma meia dúzia, de desnaturados.

Salve, pois, a excelente Itaytera; Salve o Instituto Cultural do Cariri; Salve o trabalho hercúleo e desprendido de J. Lindemberg de Aquino.

(“Tribuna da Ceará”, 3/10/87)

Ainda vive a Ação Social do Padre Ibiapina

MONS. RAIMUNDO AUGUSTO

A boa semente plantada em terra boa dá fruto cem por um e não morre (S. Mat. 13,8). Se o semeador não visa ao seu próprio interesse mas à glória de Deus, este se encarrega de irrigá-la e o seu fruto é perene. Assim foi o trabalho evangélico do Pe. Ibiapina no Nordeste brasileiro.

Cearense de sobral, ordenou-se sacerdote, em 1853, em Recife onde exerceu o magistério no velho e afamado Seminário de Olinda, e foi Vigário Geral e Provisor da Diocese. Renunciando a estas honrarias, consagrou-se, de corpo e alma, ao serviço missionário e à pregação da palavra de Deus entre as pobres gentes humildes e sofredoras do Nordeste.

Construiu escolas, capelas, hospitais e cemitérios; fez no sertão adusto, açudes em que via uma solução acertada para a agricultura e pecuária nas terras áridas do polígono das secas, através do armazenamento das águas pluviais e pela irrigação. Usava na execução destas obras, o regime de mutirão em que trabalham todos por um e um por todos.

Seu maior mérito, porém, está na construção das Casas de Caridade disseminadas pelo interior do Nordeste e que foram pioneiras no ensino das letras, de trabalhos manuais, arranjo e administração doméstica.

O trabalho assistencial do Pe. Ibiapina visava primordialmente à formação integral da mulher: aprendizado da leitura, catequese, formação social, trabalhos domésticos, enfim, o aperfeiçoamento da família como célula máter da sociedade.

O sociológico Gilberto Freire disse que "o Pe. Ibiapina, do ponto de vista do catolicismo ou cristianismo social, pode ser considerado a maior figura da Igreja do Brasil".

Ele tinha, realmente, uma intuição profunda dos problemas sociais e econômicos do seu povo. E o amor aos irmãos que ardia no seu coração sacerdotal, animava-o a dar-lhes as soluções adequadas.

Este grande ideal não feneceu. Encontrou quem o levasse avante. Teve continuidade.

Por uma providencial inspiração de Deus, Dom Francisco de Assis Pires deu novo alento às suas obras de assistência social, com a construção do Patronato Padre Ibiapina, em terreno da antiga Casa de Caridade, e que funcionou sob a direção das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado. Transferi-

ram-se estas, depois, para Juazeiro do Norte, e Dom Vicente de Paulo Araújo Matos, conseqüentemente, dando prosseguimento à feliz iniciativa de Dom Francisco, utilizou o prédio do Patronato para fazer funcionar ali a Fundação Padre Ibiapina que assumiu e continuou a mesma obra educacional e de assistência social com o Patronato, o Colégio Madre Ana Couto, a Escola Pequeno Príncipe em outro local, e enfrentou um belo e frutuoso programa de ação pastoral que ressuscitou e vitalizou a obra assistencial já executada de forma embrionária e humilde, pelo santo missionário que tinha em mira a transformação do *modus vivendi* da sociedade rudimentar e atrasada daquela época, para dar à família e à comunidade o verdadeiro espírito do cristianismo.

A influência da ação missionária e educativa do Padre Ibiapina se prolonga atualmente pela dinâmica da Fundação Padre Ibiapina desenvolvida não só em Crato, mas também em todas as paróquias da Diocese, por meio de cursos de formação religiosa, sanitária, educacional e de assistência social, ministrados no Centro de Expansão Educacional no Grangeiro, além do MEB e CEBs e de outras atividades postas em práticas no âmbito de todas as outras paróquias.

A Fundação engloba, hoje, o Hospital São Francisco de Assis, a Maternidade do Crato, o Colégio Diocesano, a Empresa Gráfica Ltda., a Rádio Educadora do Cariri e a Faculdade de Filosofia do Crato, obra de porporções gigantescas que estende a sua ação à toda região sul do Ceará e de Estados vizinhos, formando professores gabaritados para o desempenho do munus do ensino em seus vários graus, atualmente integrada na URCA — Universidade Regional do Cariri.

Crato, 1987

Lenda Não é História

MONS. RAIMUNDO AUGUSTO

Não é patriótico nem recomendável permitir a circulação de lendas que venham desfigurar a imagem positiva da cultura do nosso povo.

Em nossas escolas primárias que fizeram o lastro da instrução de nossa gente, pelo estudo da História do Brasil, as crianças aprenderam que os nossos índios não tinham escrita, isto é, não tinham alfabeto. Seu linguajar era simplesmente fonético, ou seja, falado. Nada havia de escrito. Os missionários e alguns colonizadores mais instruídos ouviam-nos e grafavam os seus sons em nosso alfabeto, o alfabeto latino usado na Europa. Organizaram os glossários tupi-guarani e das línguas de outras nações indígenas e compuse-

ram a gramática pelo estudo comparativo com as gramáticas dos povos civilizados. Redigiram textos em tupi-guarani para o ensino nas escolas e para a catequese.

Seria, então, infantil dizer que eles deixaram inscrições em pedras ou onde quer que seja. É o caso da *pedra do letreiro* em uma serra a leste de Mauriti, na qual se distinguem riscos desordenados que o vulgo chama de letreiro.

Tratar-se-ia de uma inscrição rupestre ou fenômeno natural? A segunda hipótese parece mais certa. O que, na realidade, ali existe são veias coloridas de formação natural que emergem de dentro da rocha, traçando garatujas que dão a impressão de letras de um alfabeto desconhecido. Ao que fui informado, elas resistem à ação da raspagem com instrumento de metal duro.

No entanto, alguém quis impingir ter copiado e obtido uma tradução que teria gerado a lenda da guerra dos tupiniquins, no final do século XVII, com os índios cariris estabelecidos na região sul do Ceará confinante com a Paraíba e o Pernambuco.

Os beligerantes teriam firmado um tratado de paz de nove luas — 252 dias. E depois? . . . Nada mais a declarar.

A lenda é irrisória. É inadmissível. Não tem fundamento. Os tupiniquins habitaram do sul da Bahia para o Espírito Santo e Rio de Janeiro. Não há, além disto, nenhum vestígio do seu deslocamento aqui para o Nordeste. Nem tão pouco constam, nas crônicas da ocupação da ribeira do Rio dos Porcos, o desenrolar desta guerra tupiniquim versus cariris.

Houve, de fato, luta armada contra os índios que, acossados do lado do Rio Grande do Norte, da Paraíba e do Pernambuco, vieram se concentrar no recanto sul-cearense limítrofe com estas duas últimas capitanias. Mais luta empreendida pelos brancos conquistadores.

Na década de 1680 se registrou um movimento paramilitar promovido pelas autoridades das três capitanias para conter as agitações dos aborígenes revoltados com a ocupação dos seus domínios.

Pernambuco foi governado naquele tempo pelo Arcebispo D. Frei Manuel da Purificação e por D. João de Lencastro. Por ordem deles é que se fez a reação contra os indígenas insubmissos.

André Pinto Correia e Pedro de Aratanha Pacheco socorreram a Capitania do Rio Grande do Norte e o Comandante das Entradas Paulistas, Domingos Jorge Velho, o célebre Bandeirante do Nordeste.

Enquanto isto, Manuel Araújo de Carvalho que residia às margens do Rio São Francisco, foi nomeado para dar combate aos índios turbulentos encantonados nesta parte do Ceará.

No final do século XVII, com 150 homens armados à sua custa, demandou a região do Pajeú fronteiriça com a Paraíba e o Ceará. Ali estacionou um ano, dirigindo a ação bélica contra a indiana insurrecta. Auxiliou o Capitão Mor Teodoro de Oliveira Ledo nos sertões do Piranhas e fez a conquista do Piancó e do Rio do Peixe, na Paraíba.

Confira o historiador Joaquim Alves in "O Vale do Cariri" — Revista do Ceará — Ano LIX (1945).

Manuel Araújo de Carvalho parece ter simpatizado com a Ribeira do Rio dos Porcos por sua beleza e fertilidade, e requereu mais tarde, uma data de sesmaria na zona de operações onde atuou com bons resultados. Ou talvez lhe tenha sido concedida em recompensa pelos seus bons serviços prestados na pacificação dos habitantes daquela ribeira. Foi a data de sesmaria do riacho Maraguaia. (Arquivo Público do Estado do Ceará — Ano I — 1933 — Eusébio de Sousa). Ali assim se lê: — Registro da data de sesmaria do Capitão Mor Manuel Araújo de Carvalho, de uma sorte de terra de três léguas no riacho Maraguaia, concedida pelo Capitão Mor Leonel de Abreu de Lima em 20.08.1734 — (N.º 114, vol. 12, p. 172).

Naquele recanto aprazível surgiu a vila de Santa Cruz alcandorada em uma considerável altitude de clima ameno, no cimo de uma serra divisória com a Paraíba — Bonito e Santa Fé — a qual se chamou, certo tempo, Vera Cruz e, finalmente, o IBGE denominou-a *Maraguá*, topônimo derivado, naturalmente, do sesmaria do riacho Maraguaia concedida a Manuel Araújo de Carvalho que apazigou os pobres índios esbulhados das suas terras.

A luta foi uma realidade, mas a tradução do leteiro foi um fantasia e um ardil com o objetivo de criar a lenda que serviria de ópio para o povo.

Se a lenda fosse História, o povo a aceitaria. Mas lenda não é História.

Crato, 1987.

Canoa Quebrada ou Coroa Quebrada?

HÉLIO IDEBURQUE CARNEIRO LEAL

Sempre nos pareceu estranha a denominação dessa famosa Vila litorânea do município de Aracati. Por que Canoa Quebrada? Qual a razão de ser desse topônimo?

Teria a pequena localidade a sua existência "assinalada" pela simples presença de uma canoa na vastidão, na imensidade da praia infinda? A fragilidade dessa diminuta embarcação logo lembra o reduzido tempo de duração de sua vida útil, ainda que se não leve em linha de conta a "inclemência das condições metereológicas ou climatológicas" a que estaria sujeita à beira mar.

Já se disse que “a toponímia do século XVI no Ceará limitou-se à costa” e que vários nautas se inspiravam na geografia, embora em certa fase motivos de caráter religioso tenham superado aquele outro na designação dos lugares visitados.

De um modo geral, porém, a denominação escolhida recorda ou espelha, quase sempre, uma evidência geográfica; aos navegadores essa toponímia era mui naturalmente ditada pela fisiografia costeira.

Álvaro Gurgel de Alencar, em seu *Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Estado do Ceará*, editado em 1903 registra à pág. 78:

“CANOA QUEBRADA — Porto a leste do Aracati, em que podem se abrigar pequenos navios, é um arraial de pescadores na costa. Demora a 4 quilômetros da cidade de Aracati. Mais propriamente se o pode chamar um golfo pequeno.”

E Renato Braga, em seu *Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará*, publicado em 1967 (letras B e C), informa à pág. 261:

“CANOA QUEBRADA — Pov., no litoral sobre as dunas, a 4 quilômetros a L da cidade de Aracati, com ancoradouro que dá entrada a barcaças. Possui mais de 40 habitações e é sede de uma colônia de pescadores (Z-30). São afamadas suas rendas e trabalhos de tartaruga. A capelinha tem por patrono São Sebastião. Nos tempos coloniais, em data imprecisa, foi construído nesse sítio do litoral aracatiense um fortim, armado de quatro bocas de fogo, conhecido por Reduto de Canoa Quebrada. Em 1829 ainda era relacionado entre as nossas obras de defesa”.

Em “Fortificações Portuguesas no Nordeste do Brasil” (Séculos XVI a XVIII), publicado em 1986, José Luiz Mota Menezes e Maria do Rosário Rosa Rodrigues apontam as mais importantes fortificações do litoral cearense, a saber:

- “1603 — Fortim de São Lourenço
- 1604 — Fortim de São Tiago da Nova Lisboa
- 1611 — Forte de São Sebastião
- 1613 — Forte de Nossa Senhora do Rosário
- 1613 — Forte de Camocim
- 1654 — Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção
- 1655 — Forte da Ponta de Jericoaquara
- 1695 — Forte Real de São Francisco Xavier
- 1799 — Forte de São Luiz (ou de São Bernardo do Governador” (Págs. 57 a 62)

A seguir, completam estas informações: “Para além fortificações já referidas, encontramos outras construídas no Ceará” e relacionam:

- “1659 — Forte do Rio da Cruz, construída por Vidal de Negreiros
- 17. . — Fortim Aracati
- Bateria do Retiro Grande
- Reduto da Coroa Quebrada
- Reduto da Barra (Pág. 62)

Mencionados autores esclarecem que estes form construídos no início do século XVIII; “situavam-se no baixio do Rio Jaguaribe” e “não restam vestígios seus”, acrescentando que “foram encontrados muito poucos elementos sobre estas obras de defesa”.

Carlos Studart Filho, também, registra que “nos albores do século XIX” . . . “havia, guarnecendo pontos estratégicos da marinha da então província do Ceará, várias fortificações permanentes, a respeito das quais reina a maior obscuridade” . . . “Suas ruínas desapareceram por completo e a tradição popular não conserva reminiscência alguma de sua existência. Mudos são igualmente, no tocante a elas, os nossos historiadores, ainda os mais especializados em assuntos militares”. (Notas para a História das Fortificações no Ceará, pág. 220).

Carlos Studart Filho registra, ademais, que na “Relação dos Fortes”, extraída do Arquivo da Diretoria de Engenharia do Ministério da Guerra, publicada na Revista Militar Brasileira (Vol. XVI, n.º 2), pelo Cel. Jonatas da Costa Rego Monteiro, figuram os nomes de fortificações bem como o número de peças que as defendiam. E, depois de enumerar essas fortificações permanentes, diz que “visavam essas fortificações menos a proteção dos moradores de nossas lindes oceânicas contra os agravos partidos de barcos inimigos do que impedir a ação dos contrabandistas, sempre altamente lesiva aos interesses da Fazenda Real.” (Ob. cit. pág. 221).

Já Barão de Studart, em “Datas e Fatos pra a História do Ceará”, trabalho publicado em 1914, na Revista da Academia Cearense, Vol. XIX, página 18, referindo-se a um Edital de 10 de setembro de 1712, do Capitão Homem de Magalhães, nomeado comandante de presídios em Iguape, Uruhá, Barra do Jaguaribe, Retiro Grande e Retiro Pequeno, assinala que esses presídios foram construídos “como meio de evitar tentativas de alguma nação européia contra as costas da Capitania”.

Ao que parece, mesmo que esta tivesse sido a finalidade precípua desses redutos, presídios ou baterias, posteriormente, passaram eles a se preocupar de um modo especial com a vigilância do movimento marítimo nessas localidades, dando de tudo conhecimento a seus comandantes.

É, aliás, o que se depreende de Instruções enviadas pelo Governador Manuel Inácio Sampaio ao Coronel Pedro V. da Costa, em 1.º de junho de 1812. Reportando-se ao Presídio do Morro do Maçaió, determinam aquelas instruções, "será em tudo considerado como se estivesse situado na embocadura do Rio Jaguaribe" . . . , acrescentando, "pode o comandante da Vila de Aracati ser também o comandante deste presídio a fim de melhor dirigir a policia do porto". . . "Além destas providências deverá o comandante ou chefe dar aquelas ordens que as circunstâncias locais exigirem e que lhe parecerem necessárias a bem do serviço dos mesmos presídios, tendo em vista que os dois principais fins do estabelecimento destes presídios são o preservar a costa de qualquer insulto inimigo e embaraçar o desembarque de fazendas fora da alfândega, vindo por esta forma evitar-se os extravios tão prejudiciais ao Estado, à Real Fazenda e a favorecer os negociantes honrados que fazem comércio legal" (Carlos Studart Filho, ob. cit., pág. 224).

Aludimos a essas Instruções por tratar-se de documento insuspeito e incontestável que vem secundar a assertiva dos autores de "Fortificações Portuguesas no Nordeste do Brasil", quanto ao topônimo de Corôa Quebrada.

Diz o documento em apreço:

"O Oficial escolhido pelo Senhor Coronel Pedro V. da Costa para servir interinamente no lugar de Comandante em Chefe dos Presídios da Costa do Termo da Vila de Aracati, deverá passar a examinar toda a dita costa desde a barra do Jaguaribe até a barra do Moçoró e nela estabelecerá os presídios a saber:

- O 1.º no morro de Maçaió
- O 2.º na Coroa Quebrada
- O 3.º na Ponta Grossa
- O 4.º no morro do Tibau
- O 5.º na barra de Moçoró (Pág. 222)

Nesse mesmo documento se lê: "O Presídio do morro de Maçaió, posto que existente no termo da Vila de Aquirás, ficará debaixo das ordens do mesmo comandante em chefe dos presídios da costa do termo de Aracati por isso que ele é que domina a barra do rio Jaguaribe por onde se faz todo o comércio da Vila de Aracati, para cujo fim agora expeço as ordens competentes ao Capitão-Mor do Aquirás e ao Capitão Comandante dele Manuel Roiz d'Assunção". (Ob. cit. pág. 222).

Na enumeração constante do livro de José Luiz Mota Menezes e Maria do Rosário Rosa Rodrigues "Fortificações Portuguesas no Nordeste do Brasil", figura o reduto de Coroa Quebrada, assim como na relação integrante do documento retro citado a que alude Carlos Studart Filho (Ob. cit. pág. 222).

Em ambas as citações prevalece a toponímia calcada na descrição topográfica da costa do município de Arcati.

Os redutos enunciados em primeiro e quarto lugares têm como sinal distintivo um monte de pequena elevação; o indicado em terceiro lugar é o da Ponta Grossa, cuja característica é uma evidência costeira, um cabo ou promontório; o quinto relacionado tem como designativo diferencial a foz de um rio ou a entrada estreita de um porto; e o segundo dos redutos arrolados é o da Coroa Quebrada.

Em todos, porém, uma predominância — a do acidente geográfico permanente assinalando, caracterizando o presídio, o reduto, a bateria, o arraial, cada um nomeado à maneira de sinal indelével, que o tempo não destrói ou dissipa.

No caso do reduto de Coroa Quebrada há inteira consonância total correspondência com a realidade fisiográfica do litoral da região.

Evidentemente, não se trata de uma “coroa de loiro”, de uma coroa de flores, nem de uma coroa imperial, símbolo do poder ou da dignidade real, mas sim, de uma “coroa de areia de uma aglomeração de areias, acima do nível das águas; cimo, cocuruto, cume” (Caldas Aulete). E mais precisamente de uma Coroa Quebrada.

Bem elucidativo é Aurélio Buarque de Holanda Ferreira ao esclarecer que “Coroa” tem o significado de “medão de areia, monte de areia ao longo da costa”.

Fotos de hoje retratam exatamente essa realidade geográfica. Aliás, circunstância semelhante caracteriza a serra Grande, na divisa oeste do Ceará, na linha que o separa do Estado do Piauí.

Os próprios indígenas apontaram-na, chamando-a de Ibiapaba — serra talhada, a pique. Trata-se de uma evidência que por si dispensa uma argumentação mais vigorosa.

O SENAI - Ceará, entidade mantida e administrada pela CNI — Confederação Nacional da Indústria, nos seus 45 anos de fundação, se faz presente ao 32.º número da circulação ininterrupta da Revista Cultural do Cariri - ITAYTERA.

2 POEMAS

Sol, Chuva do Nordeste

Sou nordestino
Desta estrada farta
De muito sol, muito verão.

A minha roça
Minha enxada mágica,
Os meus amigos, os calos da mão.

Se chove muito o açude chia,
Se chove pouco
Faço oração.

Saio de casa
Com a cabaça cheia,
Seja de água
Ou de ilusão.

No almoço como rapadura
E se tiver como feijão,
Seja com furo ou com farinha
É meu bife sem contestação.

Passo na venda tomo uma cachaça,
Meu Whisky de exportação,
Chego em casa encontro Maria
Primeira Dama do meu coração.

Jarro de Barro

Na janela vejo
A rosa amarela
Que um dia foi semente
Plantada neste chão.

Vejo você com
Sorriso tão premente,
O lhar tão inocente
De menina sem paixão.

O tempo passa,
Debruçada na janela,
Olha a rosa, olha Ela
Que grande inspiração.

Jarro de barro
É feito o seu abrigo,
Mesmo sem sorriso
Lhe dar toda paixão.

Fortaleza, 13 de maio de 1988.

RAIMUNDO FERNANDES DE OLIVEIRA

Instrutor de Área de Refrigeração do SENAI - Ceará

(Dedicado a Patativa do Assaré)

Farmácia e Drogaria

Justo Cavalcante

UM COMPLETO SORTIMENTO DE MEDICAMENTOS

E PERFUMARIA PELOS MENORES PREÇOS



ABERTA DIARIAMENTE

Bárbara de Alencar, 782

FONE: 521-25.51

CRATO

—

CEARÁ

Padre Inácio Rolim

PADRE ANTONIO VIEIRA

Padre Inácio de Souza Rolim foi homem de invulgar cultura humanista e de profundos e largos conhecimentos científicos, exímio e dedicado mestre, ensinou o Nordeste a ler, enquanto o padre Ibiapina ensinou o sertão a trabalhar e o padre Cícero Romão ensinou o sertão a rezar. Três gigantes. Os três maiores missionários do Nordeste, cada um no seu estilo e com as suas características individualizantes.

Pioneiro da educação no sertão, a fama do Colégio Padre Rolim, de Cajazeiras, (Paraíba) se estendeu muito além das limitadas fronteiras nordestinas.

Nascido em 1800, faleceu em 1899, com quase 100 anos de intensa e ininterrupta atividade educacional. Ordenado sacerdote em 1825, já era possuidor de vastos conhecimentos, sendo designado, de logo, para reitor do Seminário de Olinda, lecionando ao mesmo tempo grego e certamente outras disciplinas escolares, dada a sua versatilidade cultural, seja no conhecimento das línguas como das ciências e da teologia. Tivesse continuado as atividades educacionais na capital, certamente teria alcançado destaque e renome no mundo das letras, da cultura humanística e das ciências, das atividades religiosas e pastorais.

Mas seu coração ardia de amor pelo seu sertão, por sua gente, por toda a região tão escassa de assistência escolar, social e humana. E assim, em 1829 resolveu voltar aos pagos queridos, instalando-se na fazenda de sua família, onde Mãe Aninha, havia construído, em 1825, uma capela, para que nela o filho padre celebrasse a sua primeira missa.

Assumindo a posse e gerência da fazenda, imediatamente, alforriou todos os escravos, e começou a lecionar, na própria casa onde residia, que se ia alargando à proporção, que começavam a chegar alunos dos mais longes do sertão, a ponto de ser obrigado a construir um Colégio em 1843, porque a fama de educador eficiente já ultrapassara os limites do Estado.

O Colégio do padre Rolim foi o primeiro estabelecimento de ensino secundário do interior nordestino, portanto antes mesmo da fundação do Seminário da Prainha em 1861 e do Seminário do Crato em 1875. Frequentaram o seu Colégio figuras exponenciais da política, da Igreja, da literatura, das ciências como D. Joaquim Arcoverde, primeiro Cardeal da América Latina, Capistrano de Abreu, o maior historiador do Brasil, Irineu Joffily, padre Missero Linhares, padre Alencar Peixoto, o professor José Marrocos, o padre Cícero Romão Batista, estes três últimos tiveram grande influência na região cariense, sobretudo em Juazeiro, e tantos outros personagens de vulto no cenário nacional.

Do Crato, vieram muitos outros alunos, criando uma vinculação muito grande entre o padre Rolim e a região caririense, onde chegou a comprar um sítio no Lameiro, e construiu uma capela, onde passava temporadas, não apenas fruindo a beleza panorâmica das fraldas da Chapada do Araripe e dos vales caririenses, como usufruindo a doçura do clima e o sabor das grutas gostosas e opimas. Mas padre Rolim não era apenas um espírito contemplativo e lírico, mas sobretudo um cientista e pesquisador, aproveitando o tempo, que aí repousava, para fazer experiência da cultura de trigo e de outras variedades agrícolas, chegando a descobrir fibras têxteis, que podiam substituir perfeitamente o linho, como realizou ainda interessantes estudos de geologia e colheita de material para estudos no seu Colégio.

O que há de singular na vida deste missionário do saber e desbravador do sertão, exímio conhecedor do latim, grego, sânscrito, todas as línguas neolatinas, alemão e inglês, autor de uma gramática grega (que teve a oportunidade de conhecê-la quando lecionava grego no Seminário do Crato) e um volumoso compêndio de História Natural, é a sua humildade, a ponto de haver recusado os mais insinuantes convites para ensinar nos melhores educandários das grandes capitais, como também os incentivos e estímulos para promoções na sua carreira sacerdotal.

Consagrou-se total e exclusivamente à educação no sertão, vivendo como autêntico anacoreta, dentro de espírito e de uma rígida disciplina monástica, alongando as suas noites, em estudos ou reflexões ascéticas, ao clarão bruxoleante de um bico de luz, alimentando-se parcamente apenas de legumes, verduras, frutas e cereais, abstendo-se de qualquer tipo de carne, dormindo sobre tábuas, tendo como travesseiro um dicionário.

Recusou-se formalmente também a militar na política, apesar das alvisareiras e tentadoras ofertas, porque a sua vocação, a sua paixão, era do humanista, do educador, do cientista, do pesquisador, do cultor das belas letras para transmitir tudo isto aos alunos, que ele amava e por eles se dedicava como se fossem filhos.

Desperta curiosidade, a circunstância de homem tão mirrado de carne, de reservas energéticas e orgânicas, sem um momento sequer para se refazer das fatigantes tarefas da rotina e ramerrão do magistério, tenha alcançado à longevidade, 99 anos, em plena juventude do espírito, sem um sinal de decrepitude, de cansaço, de alienação. Dele se pode dizer que houve uma inversão biológica e psíquica: ao invés de o corpo servir de suporte ao espírito, à alma, eram estes que sustentavam a fragilidade do corpo, podendo-se aplicar-se a ele o que São Paulo escreveu na 2.^a Carta aos Coríntios: "quando sou fraco, então é que me torno forte".

Na reduzida dimensão geográfica da sua anatomia, do seu corpo, ele guardava a riqueza valiosa do diamante precioso da personalidade de um gigante, pela extensão e profundidade dos seus conhecimentos, pela irradiação fulgurante e mágica da sua inteligência brilhante, que recusou a moldura e o engaste dos grandes centros culturais do país para ser apenas lume, uma simples candeia nos adustos sertões nordestinos.

Sob estes ângulos e dentro destes parâmetros, é que podemos avaliar e medir o porte do gigante que foi o padre Rolim, o maior educador do Brasil, depois de Anchieta, o mártir de uma causa nobre e elevada, com a sublimação das virtudes mais acrisoladas de um sábio, de um místico, de um santo contemplativo.

"O POVO", 23/11/87.

Cel. José Francisco Alves Teixeira

NOTAS BIOGRÁFICAS

A) Foram seus pais:

Major Francisco Alves Teixeira e D. Felismina Guedes Teixeira.

B) Nasceu a 22 de maio de 1863, na Fazenda Umari, Município de Icó; faleceu a 14 de junho de 1949, em Fortaleza.

C) Esposa: D. Maria Cordeiro Alves Teixeira; nascida Maria Barbosa Cordeiro a 22 de julho de 1874 e falecida a 16 de junho de 1970.

Filhos:

D. Maria Augusta Teixeira Ayres viúva de Antônio Ayres de Lima, funcionário do Banco do Brasil;

Annette Alves Teixeira e Maria Neyde Alves Teixeira, solteiras;

Amarílio Alves Teixeira, Oficial de Marinha, atualmente na Reserva, casado com D. Ilka Juaçaba Teixeira;

Dr. José Francisco Alves Teixeira Filho, Médico, atualmente Chefe de Serviço no I.N.P.S., casado com D. Maria Helena de Freitas Teixeira;

Filhos falecidos:

Dr. Antônio Alves Teixeira, D. Carmen Teixeira Barroso e os menores José, Milton e Nelise.

D) Outros dados:

Desde cedo, com catorze anos, tomou responsabilidades, trabalhando durante o dia e estudando à noite, na então Vila do Pereiro.

Em 1890, mudou-se para o Crato a fim de gerenciar a Casa Silva Porto & Cia.

Em 1893, fundou sua própria firma que, com o passar dos anos, se tornaria a mais importante casa comercial do Cariri.

No Crato, cidade que muito amou, realizou-se quer profissionalmente quer afetivamente; aqui contraiu núpcias em 1893 com D. Maria Cordeiro Alves Teixeira; aqui nasceram nove de seus dez filhos.

Por Decreto de 31 de agosto de 1901, foi nomeado Tenente Coronel Comandante do 151.º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional.

Deixou o Crato em 1914, durante a revolta de Juazeiro, quando perdeu a maior parte de seus bens. Transferiu-se para Fortaleza onde foi trabalhar associado à firma Silva Porto & Cia. até 1921, quando novamente constituiu firma individual para atuar no ramo de fazendas.

Em 1929, o Supremo Tribunal Federal lhe deu ganho de causa na ação que movera contra a União a fim de ressarcir-se dos danos sofridos em 1914.

No ano de 1930, terminou com o comércio de fazendas e, autorizado pela Carta Patente 916 de 3 de setembro, fundou a Casa Bancária J. F. Alves Teixeira.

Voltou ao Crato em 1932, para rever lugares que lhe eram caros e encontrar numerosos e queridos amigos.

Em 1947, promoveu a fusão de sua Casa Bancária com o Banco dos Importadores do qual passou a exercer sua presidência.

Em Fortaleza, conseguiu angariar novos e vastos círculos de relações e firmar conceito nos mais expressivos meios empresariais, associativos e sociais da cidade, tendo participado em repetidas ocasiões, das diretorias do Clube Iracema, Associação Comercial e Centro dos Importadores.

Foi um dos fundadores da FACIC e exerceu sua presidência em dois mandatos.

Não conheceu aposentadoria. Trabalhou durante toda sua vida e a morte o colheu em plena atividade como Diretor Presidente do Banco dos Importadores de Fortaleza.

O Cel. José Francisco Alves Teixeira foi um valioso homem de Deus, de fundamentados princípios morais e éticos.

Como exemplo de empresário e investidor esclarecido, nas primeiras décadas do século, deixou a marca significativa de grande atuação.

Seu nome foi dado à rua central do conjunto Dr. Antenor, em Crato.

Documentário

"EDUCAR é conduzir para CRISTO."

50 ANOS — 1937 - 1987

ONTEM

ATA DA SESSÃO SOLENE DA DISTRIBUIÇÃO DE DIPLOMAS À OITAVA TURMA DE PROFESSORANDAS DO COLÉGIO SANTA TERESA DE JESUS EQUIPARADO À ESCOLA NORMAL PEDRO II DO ESTADO DO CEARÁ.

"Na noite de 19 de novembro, às 19 horas, num sentido elevadíssimo de patriotismo, comemorou o Colégio Santa Teresa de Jesus a FESTA DA BANDEIRA, com a distribuição solene de diplomas à oitava turma de professoras que terminou o curso, no corrente ano de 1937.

A solenidade efetuou-se no Cine - Teatro Casino, com a Amplificadora Cratense, inaugurada neste dia e com a presença da mais seleta assistência representativa do meio social de Crato.

Autoridades eclesiásticas e civis; professores, membros da Imprensa local, dos vários estabelecimentos de Educação da cidade, de Sociedades diversas, a família cratense pela sua fina flor representada, famílias das diplomandas constituíram o elemento destacado que formou o Auditório desta festa singular.

O Revdm.º Pe. Antonio Gomes, fiscal do Colégio, abriu a sessão e convidou o Exm.º Senhor Dom Francisco de Assis Pires, digníssimo Prelado Diocesano, para presidi-la. Ladearam-no o Sr. Prefeito Municipal e o Sr. Juiz de Direito.

Depois de um bem executado número de piano e violino pelos jovens Valdemar Garcia e Pedro Nogueira Machado, respectivamente, foram feitas as leituras das notas e o compromisso solene das professorandas.

Intercalando-se novo número de música, procedeu-se à distribuição dos diplomas e anéis simbólicos às concludentes:

Almerinda Saboia de Alencar Bezerra
Anilda Alencar Arrais
Adalva Brizeno
Elodia Tavares Simões
Expedita Siebra de Brito
Iva Emídio Gondim
Maria Carmélia Costa
Maria Carmélia Gonçalves
Maria Evagelista Correia
Maria Icléa Teixeira
Maria Idilva Holanda Monteiro
Maria Ivone Frota Cavalcante
Maria Zilda Couto
Nenen Correia Celestino
Sensata Castelo Branco

Seguiu-se um número de canto pela Srta. Carmélia Melo, depois do que falou a oradora da turma, Almerinda Saboia de Alencar Bezerra, que discorreu longa e eloquentemente, em torno do papel do mestre, nos tempos atuais, abordando considerações sobre a ética profissional que se reveste de aspectos multiformes e entre os quais se destacam a elegância moral das atitudes, firmeza de caráter, cumprimento exato do dever e preparo técnico e cultural. A oradora soube inserir, no seu trabalho, pormenores didáticos a respeito da conexão entre a pedagogia e a filosofia da vida, discorrendo sobre as diversas correntes filosóficas, mostrando o ponto de vista da filosofia de Santo Tomaz de Aquino, possuidora da palavra certa dos intrincados problemas educacionais. A terceira parte do seu discurso foi de apelo às colegas, no sentido de compreenderem a alta investidura que vinham de receber, levando dali os propósitos firmes de bem servir à Igreja, à Pátria e à Família como educadoras de novas gerações formadas nos princípios cristãos recebidos no querido Colégio Santa Teresa de mestres abalizados e dignos.

Continuando a execução do programa, as professorandas Icléa Teixeira e Carmélia Costa recitaram belas poesias. A senhorinha Maria Cardoso cantou, com esplêndido êxito, acompanhada de violino e piano, a Ave-Maria de Gounod.

Representando o paraninfo da turma, Revdm.^o Padre Helder Câmara, falou o distinto clínico Dr. Pio Sampaio. As palavras do ilustre pedagogo expressaram a grandeza da inteligência moça afeita às lides educacionais, ora na orientação da Secretaria de Educação do seu Estado, ao mesmo tempo que revelaram a nobreza e sensibilidade do coração magnânimo do emérito educador cearense, ilustre sacerdote. No seu formoso discurso fez sentir a confiança que merece a grande mestra, Maria Gonçalves da Rocha Leal, sua amiga e companheira de magistério, cujos valores ressaltou com precisão, numa afirmativa já conhecida por todo o Ceará. Uniu-se às suas afilhadas, com palavras de estímulo e orientação.

O Exm.^o Senhor Bispo, Dom Francisco de Assis Pires, presidente da solenidade, encerrou a sessão magna, dirigindo a palavra às neo-professoras para que cheias de esperanças se dedicassem à importante missão educativa, como mestras cristãs, certas de que Deus as abençoará, em todos os momentos. Ouvia-se o Hino Nacional. Para memória, eu, Maria de Lourdes Esmeraldo, secretária "ad hoc", lavrei a presente ata que será assinada pelos presentes.

Crato - Ceará, 19 de novembro de 1937 — Maria de Lourdes Esmeraldo
† Francisco, Bispo Diocesano
Pe. Ant.^o Gomes de Araújo - Inspetor
Hermes Paraíba
Filemon Fernandes Teles
Antonio Fernandes Teles
José Cavalcante
Madre Ana Couto
Pe. José Sobreira
Miguel Lima Verde
Antônio Augusto Lima
Josefa Alves Couto
Plínio Cavalcante

— — —oooOooo— — —

HOJE — 19 de novembro de 1987 — 50 ANOS

"Tu te sentirás contente
por me teres conhecido.
Tu serás sempre meu amigo."

Saint Exúpery

O COLÉGIO SANTA TERESA DE JESUS, através de sua Diretoria: Irmãs Bertila Maria Floremir Moreira, Francisca Doneta Leite e Elza Braz Mota promove uma CONFRATERNIZAÇÃO DAS JUBILANDAS, no pátio interno da Casa.

1. Missa Gratulatória, onde todas foram lembradas.
2. Passagens das atividades educativas das homenageadas.
3. Corte do Bolo simbólico e distribuição com os convidados.
4. PLACA AUREA oferecida pela Família Moreira.
5. Destaque do tirocínio de Madre Paula (Almerinda Saboia de Alencar Bezerra) que iniciou o magistério, no Colégio Santa Teresa, continuando na Escola Padre Ibiapina de Pio IX - Piauí, na Escola Normal Santo Antônio de Piancó - Paraíba, no Instituto N. Senhora da Assunção - Fortaleza, na Escola Normal e Ginásio Cristo Redentor - Senador Pompêu, na direção do Colégio São José - Iguatu e por 14 anos e seis meses como Superiora Geral da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus.
6. Micro-filmagem para perpetuação da data.

— — —oooOooo— — —

— Visita às que residem em Barbalha e que por motivo de saúde não puderam comparecer. Quanto às mais distantes se fizeram presentes na mensagem enviada pela colega Irmã Maria Carmélia Gonçalves de Manaus-AM.

— Dom Helder Câmara, Arcebispo Emérito de Olinda e Recife, parainfo da turma, nos idos de 1937, se pronuncia:

RECIFE, 3 de novembro de 1987.

Às afilhadas do Colégio Santa Teresa de Jesus, Deus sabe a alegria que haveria de ter, caso me fosse possível participar da Santa Missa de Ação de Graças pelo Jubileu de Ouro de 19 de novembro.

Cada nome citado em sua carta me fala profundamente, Pio Sampaio que me representou há 50 anos atrás. Maria Gonçalves que me ensinou a amar o Cariri.

Acontece, porém que estarei na Itália, nesta data, mas em união de orações.

Fraternalmente em Cristo.

† Helder Câmara

Arcebispo Emérito de Olinda e Recife

Rua Henrique Dias, 208

Igreja das Fronteiras

50.070 — Recife-Pe - Brasil

SECRETARIA DO COLÉGIO SANTA TERESA DE JESUS

Crato - Ceará/1987

O Que Escrevi Há Dez Anos Passados

DR. NAPOLEÃO TAVARES NEVES

Há dez anos passados, escrevi uma crônica que foi publicada no jornal "O Povo", de Fortaleza e serviu para um esquema de aula na cadeira de Ecologia da UECE, subordinada ao título e ao texto que se seguem:

Enquanto A Cidade Dorme . . .

Noite chuvosa de fevereiro. De plantão no Hospital Maternidade São Vicente de Paulo, de Barbalha, do sábado para o domingo, fiquei na janela do apartamento médico a ver a cidade adormecida. De 4 para 5 horas da manhã vi a passagem de nove grandes caminhões trazendo da serra, lenha, estacas, carvão ! Enquanto a cidade dormia, morria a Chapada Araripe no silêncio cúmplice da noite chuvosa !

Era a vida da serra que descia no lastro das carrocerias dos caminhões. Desceram caminhões com lenha verde, lenha seca, estacas, carvão e até com a alma dorida da Chapada Araripe que agonizava.

É o homem na sua destruidora tarefa de dizimar a vida vegetal e animal desta, até bem pouco tempo, colossal reserva florestal natural que contribuiu para aumentar a pluviosidade da nossa Região e, por via de consequência, aumenta o caudal fabuloso das nossas fontes que, em ricos mananciais, brotam abundantemente do sopé da nossa bela Araripe em sucessão de nomes já tão nossos conhecidos: Caldas, Camelo, Santa Rita, São Joaquim, Cocos, Mondés, Silvério, Pendência, Cafundó, Saco, Saquinho, São José, Boca da Mata, Cravatá, Céu, Granjeiro, Batateira, Guaribas, etc. Não importa o município. Importa, sim, que as fontes, filhas da serra, filhas das matas, fazem a riqueza dos nossos solos, aumentando o nosso verde e possibilitando o ameno micro-clima do Cariri. Somos uma dádiva da Chapada Araripe porque, graças a ela, somos um oásis no calcinado Nordeste !

Cada fonte de águas puras, cristalina, é um banho com delícias próprias, uma "bebida" de gado que os vaqueiros tão bem conhecem, um ponto de lazer e integração, um poema de águas cantantes que o homem teima em exterminar na sua ignorante iconoclastia.

Todos querem tirar a sua fatia do colossal bolo da Chapada Araripe de quem ninguém tem dó ! Agora, até o governo estadual se torna co-responsável nesta tarefa inglória, com a cultura do café que cresce à medida que caem árvores frondosas. Nada mais absurdo do que trocar-se um secular piquizeiro por um mirrado cafezeiro !

Muitos que *nem sequer* conheciam a serra Araripe, agora para ela sobem em busca de lugar onde se estabelecer para cultivar café com incentivos oficiais ! Pasmem ! Repito: incentivos oficiais para dizimar árvores seculares ! Que País é este ?

E apareceu a especulação imobiliária e as novas posses se sucedem. E o desmatamento criminoso tem, assim, mais uma forte motivação !

E o que restará de tudo isto ? Quem quiser saber, que vá de Barbalha a Caririzinho e verá já só uma imensa e cinzenta capoeira, quase deserto, onde o extenso corredor de cercas não nos oferece mais uma sombra sequer para o repouso do meio dia dos viajores !

Aves e animais desaparecidos ! Raros piquizeiros tostados pelo fogo, deixados apenas para sombra aos trabalhadores no sol a pino das longas estia-gens ! Sente-se no ar, como que, o apelo dramático da Araripe a pedir clemência para sobreviver e fazer viver ! Mas, ninguém a ouve, ninguém a escuta e mais caminhões sobem levando mudas de café e descem trazendo a vida natural em forma de lenha e também no bernal dos caçadores !

Não sabemos quando isto vai parar, mas, quando parar, se parar, não sobrá quase nada da natureza ! E só aí o homem vai ter idéia da extensão do seu crime: trocar a natureza por carvão, transformando a sua mais rica fonte de oxigênio em afêmeras labaredas, fugazes como todas as labaredas !

Aí surgirão funcionários oficiais em carros chapas brancas dissertando sobre reflorestamento, como se pudessem, com palavras bonitas, restaurar centenárias árvores que a natureza criou com tanto carinho e o machado do homem derribou a troco de nada !

O fato incontestável é que, a nossa Araripe está pagando um preço muito alto pela ignorância do nosso homem e as vezes também por sua ganância.

E ninguém se incomoda com o crime que se lhe cometem e agora as indústrias com combustíveis de lenha e carvão ajudam a dizimá-la, porque o reflorestamento com eucaliptos não convence, já que sua vocação natural é para floresta e com essências florestais nativas que levariam séculos para serem restauradas !

Não tenho nenhum interesse pessoal subalterno com o ponto de vista conservador e preservacionista que sempre defendi em relação à Chapada Araripe. Apenas sempre fui amigo da natureza, nasci ecologista e sinto em toda a sua dramática extensão o crime de lesa Pátria que se comete em nome do progresso que deveria sacrificar tudo, menos a vida natural, fonte da VIDA !

Só existe poluição onde não existem árvores abundantes purificando o ar pelo fenômeno da fotossíntese e a poluição é hoje o fantasma aterrador dos grandes centros urbanos, gerando psicoses, malformações congênitas e doenças respiratórias irreversíveis, tais como asma, rinites, silicoses, antracoses e outras oses !

Há poucos dias, os órgãos da imprensa do Sul do País estarreceram o mundo com os índices de toneladas de pó que Belo Horizonte recebe por dia das suas fábricas, sobretudo das indústrias siderúrgicas, fazendo o martírio dos seus habitantes.

Não muito longe talvez o Cariri também tenha que pagar este pesado tributo ao progresso e só aí o homem caririense vai saber o que fez da sua natureza que ele trocou, criminosamente, por míseros cruzeiros, impulsionadores da sua ignorância para destruir a nossa mais bela e mais rica reserva florestal natural: a Chapada Araripe, cujos gritos de dor ninguém quer ouvir !

E, enquanto isto, os caminhões descem trazendo tudo, até a alma da Chapada Araripe, principalmente quando as cidades dormem . . .

Barbalha, 20.02.87.

OPINIÃO

Um Cidadão do Mundo

OSÉ OLYMPIO DA ROCHA

Antes de ser cidadão da cidade do Salvador, título que a Câmara de Vereadores lhe concede com inteira justiça, o Cônego Edmilson de Macêdo é um cidadão do mundo. No melhor sentido de fraternidade universal, de simplicidade, de conhecedor da alma humana. Quem vê este cearense modesto e sempre circunspecto, andando pelas ruas de Salvador como um homem de classe média, não sabe que ali vai uma alma gigantesca. Capaz de ações em favor do próximo que ultrapassam os limites do cristão e também do sacerdote. Conheço o padre Edmilson (só assim o conheço, simplesmente o padre Edmilson que lhe cai melhor e não o Cônego, título que conquistou com pleno direito) desde os idos da festa do tricentenário da Arquidiocese de São Salvador. Uma amizade relativamente nova, como se vê. Mas seguramente muito mais sólida, tenho certeza, do que os amigos de infância que se perderam no tempo, no seu tempo de menino no município de Lavras de Mangabeira, região do Cariri, a mais sofrida do sertão sempre seco do Ceará. Edmilson herdou a humildade do cearense sofrido. Foi forjado numa família de classe mé-

dia. O sacerdócio e as lições familiares acabaram induzindo esta extraordinária personalidade. Em termos de relações humanas ninguém melhor do que ele para tratar com o próximo. Das beatas empedernidas, aos indisciplinados jornalistas, aos jovens inquietos.

Para mim será o eterno assessor de imprensa da Arquidiocese da Bahia. Deveria falar em nome de todos os padres. Para formar uma imagem positiva dos religiosos. Não é intransigente. É culto sem pedantismo. Só o vejo dizer alguma coisa em latim para ensinar-me o que significa e assim mesmo quando pergunto. Nos seus cinquenta anos de juventude e sempre de bom-humor já deve ter recebido de coração o título de o capelão da imprensa. É principalmente amigo do pessoal da reportagem, desta gente nova e irreverente (em que pese ser da ABI conservadora e tão distante da nossa classe). Ainda o vejo, sério, sobranceiras cerradas, o cabelo sempre glostorado como um jovem dos anos quarenta, a me tolerar com a insistência de jornalista que tentava uma informação que poderia muito bem ser superada se não tivesse eu, um domingo pecador pelos excessos da mesa e do álcool. Desejava saber qual era mesmo o tamanho da gigantesca cruz que repousava sobre a grama naquela bela noite de muitas estrelas no estádio da Fonte Nova quando se concelebrava uma missa pelos trezentos anos de fundação da Arquidiocese. Confesso que fui recebido grosseiramente por um monge beneditino. Foi quando o padre Edmilson veio a meu socorro. Ainda hoje nem eu nem ele sabemos o tamanho exato da cruz. Mas ficamos amigos.

E assim o bondoso padre Edmilson, capaz de grandezas inimagináveis, mas sempre que pode esconde-se no anonimato. Os grandes favores ele costuma fazê-los dando a impressão de que não fez nada mais do que cumprir um dever humanitário. Ainda o verei Arcebispo ou Cardeal. Acho que o meu amigo Edmilson é a própria Arquidiocese de Salvador.

Jornal TRIBUNA DA BAHIA, 19.11.87

O SENAI - CEARÁ, NOS SEUS 45 ANOS, SE FAZ PRESENTE

NO 32.º ANIVERSÁRIO DA REVISTA ITAYTERA.

GOSTARIA DE VER...

Não gosto de dias cinzentos, música triste e sonhos inacabados. Gosto de um dia de sol, de claridade, onde possa ver, sem óculos, a alegria da vida.

Gostaria de ver um povo feliz, onde a bandeira da liberdade e do amor tremeluzisse ao vento.

Gostaria de ver a batalha vitoriosa contra a "AIDS", ou pelo menos começada, onde pudesse ver a esperança naqueles contaminados, a alegria de mostrarem-se de frente às câmeras de televisão, livres do preconceito da síndrome que os consome. Os marginalizados que amontoam pelas calçadas, vivendo uma vida de vícios sob a ilusão da droga ou mesmo do álcool; gostaria de vê-los recuperados.

Gostaria de ver num país tão rico como o nosso e de tanta beleza, crianças mais alegres; onde as autoridades levando mais a sério o problema do menor abandonado, evitasse num futuro próximo, o número cada vez maior de criminosos e assaltantes, vítimas dessa sociedade hostil que os relegou à margem da vida.

Gostaria de ver menos violência nas pessoas, menos ambição e mais amor.

Finalmente, gostaria de ver uma PAZ diferente. A paz dos ensinamentos de Cristo, onde seguindo a sua palavra houvesse paz no mundo e dentro de nós. Uma paz verdadeira, sem guerra lá fora e dentro de nós, onde não houvesse diferenças de irmãos para com irmãos; que os lares se tornasse lares de verdade e não campo de batalha, onde se degladiam pai e filho, marido e mulher, que haja mais entendimento, harmonia, cortesia e humanidade.

Que a natureza não seja esquecida e que tenham para com ela mais respeito e carinho, pois quando chegamos a destruí-la é porque dentro de nós já não mais existem os sentimentos de PAZ, HARMONIA e AMOR.

Vamos lutar por tudo isto, para que o futuro não seja para nós, Desarmônia, Desesperança e Desamor ou simplesmente o caos.

MARIA ABATH

senai 45 ANOS ANOS FORMANDO MÃO-DE-OBRA
PARA A INDÚSTRIA CEARENSE.

Agressão — Hereditariedade X Meio Ambiente

DR. ANTONIO JOSÉ DE NORÕES RAMOS

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise de um fato ou ato, que impressiona física ou moralmente o indivíduo refletindo em seu comportamento no dia a dia.

Falaremos da importância da hereditariedade e do meio ambiente como fatores de influência neste fato que abordaremos no decorrer desta pesquisa.

O fenômeno que escolheremos para estudo e posterior relato é a "Agressão" existente no comportamento humano.

Analisaremos não somente pelo lado moral (Justificação Moral) ou da legitimação de um ato, mas principalmente o que faz com que as pessoas se tornem agressivas devido ao ambiente em que vivem e como a hereditariedade influencia neste tipo de comportamento.

Abordaremos exclusivamente pelo lado da psicologia embora o fenômeno da agressão não seja um fenômeno unitário. Várias são as ciências de comportamento que procura definir e explicar a agressão.

Enfim, não será um estudo aprofundado, já que nosso conhecimento na matéria é de um simples principiante que, na medida do possível, procurará transmitir o que foi assimilado no decorrer de uma pesquisa trabalhosa, porém modesta.

"Comece agora a acreditar que irá alcançar a sua meta. Mantenha esse quadro em sua mente consciente até que, por um processo de osmose mental e espiritual, a imagem de seus objetivos se enkrave em seu subconsciente. A essa altura você o terá, pois ele o terá você, todo você. Continue a fazer amigos. Exercite o amor pelas pessoas, mantenha-se amando-as pessoalmente e elas o amarão, retribuindo às pessoas que amam as pessoas vão longe nesse mundo. Acredite-me."

(Norman Vincent Peale)

2. DESENVOLVIMENTO

A AGRESSÃO

A Agressão como fenômeno do reflexo do comportamento humano é uma matéria bastante polêmica e de difícil definição. O que se apresenta agressivo para alguns, a outros poderá não parecer. O indivíduo pode praticar atos que para muitos não será considerado como tal. Por que isso ocorre? Poderá ser pelo simples fato desses atos serem praticados diante de pessoas de igual potencial agressivo ou, simplesmente, não atingem (os atos ou não chegam a sensibilizar a reação dessas pessoas.

Os indivíduos porém, desde o início (nascimento), se apresentam com um instinto agressivo, não significando que esses indivíduos serão agressivos no relacionamento com outras pessoas. O que ocorre é que esses indivíduos possuem maiores facilidades de se apresentarem agressivos diante de situações que se lhes apresentam.

Muitos são os indivíduos que se consideram pessoas agressivas, ocorre, porém, que o convívio com outras pessoas que as tornam amenas, ou seja, por instinto são incapazes de agredir e, ao mesmo tempo, podem tomar uma atitude inesperada perante as pessoas com as quais convivem. É o convívio com pessoas boas e calmas que faz com que diminua cada vez mais a agressividade desses indivíduos.

A agressão muitas vezes pode ser compreendida, desde que quem a comete, a faz com moderação e quem a tolera, o faz com satisfação. "Cada ação corresponde a uma reação". O que torna os indivíduos sociáveis é justamente a compreensão do lado opositor, isto é, a agressividade de um indivíduo poderá ser imperceptível ou aceitável, desde que o outro lado seja uma pessoa de comportamento que não ver competição na atitude do outro. É justamente essas diferenças de comportamento (diferenças de comportamentos individuais), que tornam as pessoas aceitáveis e conseguem tornar o convívio das pessoas sadias.

A agressividade pode ser proveniente de decepções que os indivíduos sofrem durante o desenrolar de suas vidas. Vários são os tipos de decepções que induzem, automaticamente, aos indivíduos se apresentarem agressivos.

Dentre essas decepções podemos citar a frustração. O sentimento de perda provoca nas pessoas o desânimo e a descrença (isso em grande parte das pessoas). Isso faz com que essas pessoas passem a se apresentar com um comportamento agressivo, tornando-se frias e calculistas. A falta de êxito nos atos praticados quando se quer obter ou conseguir alguma coisa, também, faz com que as pessoas se tornem agressivas. se tornem revoltadas diante daquilo que não conseguiram alcançar.

Por outro lado existem pessoas de comportamentos exemplares, dignas de toda admiração, as quais se apresentam com um comportamento que produz até inveja perante outras pessoas que não conseguem se controlar diante de certas situações. Ocorre, porém, que tais pessoas também possuem seu lado agressivo resguardado. Basta que alguma pessoa provoque, sem intenção alguma, para que uma reação imediata e inesperada aconteça, provocando surpresa e espanto na pessoa que despertou, sem querer, esse lado oculto dessa outra pessoa de comportamento exemplar. Isso poderá ser explicado, segundo alguns autores, em virtude de danos cerebrais. Roger Johnson em seu livro "Agressão nos homens e nos animais", cita um caso de uma "adolescente julgada como uma criança-modelo. Quando foi criticada por tocar seus discos alto demais, ela repentinamente teve um episódio destrutivo. Quebrou tudo que estava em seu quarto, e foi necessário chamar a polícia para segurá-la."(1)

Por outro lado, esse tipo de comportamento inesperado pode ser apresentado por pessoas perfeitamente normais, sem nenhum dano cerebral. O que ocorre é que se para muitas pessoas um fato comum as tornam irritadas e, conseqüentemente agressivas, a outras pode parecer (esse fato) um acontecimento perfeitamente normal e natural sem que lhes provoquem agressividade. O que ocorre nessas diferenças de comportamento, em relação a um fato, é uma maneira como essas pessoas são criadas, o ambiente em que vivem é de valorosa importância. Se alguém é criado num ambiente agressivo, existirá grandes possibilidades desse indivíduo se apresentar agressivo no convívio entre outras pessoas.

Enfim, a agressão como reflexo do comportamento humano varia muito de pessoa para pessoa, de muito influenciado o ambiente em que vivem, a sua formação genética e o estado cerebral em que se encontram.

A seguir faremos uma análise da agressão em relação a hereditariedade e o ambiente, com explicações da psicologia.

AGRESSÃO

HEREDITARIEDADE X MEIO AMBIENTE

Tanto a hereditariedade como o meio ambiente são fatores que influem no comportamento, no caso específico, na agressividade dos seres humanos.

Nenhum desses dois fatores, isoladamente, define a formação dos indivíduos. Ambos contribuem para essa formação. O fenômeno da agressividade existente nos seres humanos, é resultado de uma relação hereditariedade ver-

(1) *Agressão nos Homens e nos Animais* (Roger N. Johnson), 1.ª edição - Tradução Eva Nick p. 62.

sus meio ambiente. Como ilustração modesta, podemos dizer que os antepassados de um indivíduo eram pessoas calmas e viviam num ambiente de harmonia, esses reflexos lhes serão transmitidos. Entretanto, se esse indivíduo vive num ambiente de desarmonia, ele tanto poderá se tornar uma pessoa agressiva, como poderá não ocorrer tal procedimento. Muito dependerá, a sua reação, de seus traços de formação interior.

Quanto mais fortes forem as características psicológicas, transmitidas a um indivíduo, através da hereditariedade, maiores possibilidades ele terá para vencer um ambiente que não seja bom. É claro que se no decorrer das gerações, o ambiente continua o mesmo (desarmônico), aqueles traços psicológicos (da harmonia) transmitidos através da hereditariedade, irão diminuindo cada vez mais, até tornar o indivíduo de acordo com o meio ambiente. Podemos notar nesse caso, que o ambiente poderá vencer a hereditariedade, no que diz respeito a formação dos indivíduos. Entretanto, o meio ambiente não é suficiente para modelar um indivíduo. A hereditariedade com o ambiente, se interligam para a formação física e psicológica de um indivíduo.

Uma forma de comportamento agressivo inerente aos seres humanos, é aquela resultante de sua auto-defesa, ou seja, um indivíduo que tem, por exemplo, sua vida ameaçada, imediatamente apresentará um comportamento agressivo de auto-defesa, sendo, pois, perfeitamente normal. Influenciando para isso, tanto a hereditariedade como o meio ambiente, pois o grau de comportamento apresentado será medido por esses dois fatores.

Uma espécie de comportamento agressivo que vale citar nesse trabalho, é aquele que se apresenta violento e doentio, podendo influir para tal, tanto o ambiente como a hereditariedade. O indivíduo poderá se apresentar com danos cerebrais desde o seu nascimento ou, poderá adquiri-los no decorrer de sua vida, através de acidentes que produzam danos em seu cérebro.

Um exemplo desse tipo de comportamento é o de um rapaz americano que resolveu por fim a própria vida e a de sua esposa, bem como a de sua mãe. No seu modo de pensar elas significavam muito para ele, segundo suas próprias palavras, em relação a sua esposa, em carta que escreveu momentos antes de cometer esse ato. "Não considero que valha a pena viver nesse mundo, e estou preparado para morrer, e não pretendo deixá-la sofrer sozinha nele (no mundo). Pretendo matá-la de forma tão indolor quanto possível." (2)

A verdade é que, tanto a hereditariedade como o meio ambiente, são fatores essenciais e interligados na formação dos indivíduos, no que diz respeito a agressividade e nos outros fenômenos do comportamento humano.

"A agressão pode ser influenciada tanto por fatores genéticos como aprendidos, ou pode ser um comportamento instrumental, com o ataque a outros objetivos." (3)

(2) *Agressão nos Homens e nos Animais*, Roger N. Johnson - 1.ª edição - Tradução Eva Nick
(3) *Idem* o referido acima.

CONCLUSÃO

Finalizando podemos dizer que agressividade, como reflexo do comportamento humano, é um tema bastante vasto e de infinitas definições.

A hereditariedade e meio ambiente, como os "Pais" de todos os fenômenos humanos, são fatores preponderantes na influência desse comportamento.

Não se pode imaginar um indivíduo de comportamento agressivo, somente pelo ambiente em que ele vive, a hereditariedade, também, é fator decisivo nesse tipo de comportamento. Assim explica *Clifford T. Morgan*: "A interpretação correta, como verificam os psicólogos, através de muitas pesquisas, é que tanto a hereditariedade quanto o ambiente modelam o indivíduo. E a relação entre os dois é uma relação de interação". (4)

Enfim, a hereditariedade e o meio ambiente são fatores decisivos na agressividade dos indivíduos. Só um, isoladamente, não define esse tipo de comportamento. Os dois, interligados, definem o grau da agressividade.

(4) *Introdução a Psicologia* (Clifford T. Morgan), Tradução: Auriphebo B. Simões, p. 28.

Tal Pai, Tal Filha

JOSÉ DE ALENCAR BEZERRA

O Lameiro sempre foi um centro de resistência da família Alencar de Pio IX. Ana Matutina de Alencar (Sinhazinha), casou com o filho do coronel Nelson da Franca Alencar, Józio da Franca Alencar. Depois em segunda núpcias casou-se com José Vilar, personalidade rica, um líder popular do Lameiro, eligia-se sempre vereador da Câmara de Crato, antes dos estudantes pouca gente de Pio IX ia a Crato. Alencar Antão com boiada, os parentes para visitarem familiares ou compor enxoval de casamento. No tempo do velho Nelson era tradicional a visita ao Lameiro para o banho que aquele venerando ancião prodigalizava aos seus visitantes, depois vieram os estudantes: Saboinha, Júlio Antão, Thomás Hosterne, não desperdisavam um fim de semana em casa de Zé Vilar e Sinhazinha. Sinhazinha era uma mulher bonita, hospitaleira e parenta prestimosa. Zé Vilar mantinha sempre cavalos mansos, de marcha macia para o transporte dos estudantes ao Crato. Fui ao Lameiro uma única vez, mas foi um dia e uma noite inesquecível para mim, mesmo com tudo que me contavam, das belezas naturais do sítio e da gentileza dos parentes, mesmo assim, achei tudo muito melhor do que descreviam.

Nos idos de 1946, os transportes para o Lameiro eram difíceis. Fui a pé até a casa de Leonildes Alencar, o contato com a terra barrenta cansou-me, tive de trocar a camisa. Depois de ter passado um dia agradabilíssimo ouvindo discos antigos de gramofone e saboreando deliciosas seriguelas, a tarde José Vilar mandou-me um rapaz buscar-me em um cavalo de marcha macia gostei de conhecê-lo pessoalmente, hospitaleiro, alegre, bem formado da conjuntura nacional, interessado pelo folclore, grande fã de Leonardo Mota, aquele acolhimento familiar deu-me grande força para enfrentar a cidade grande, eu estava me despedindo, pois ia para o Instituto Benjamim Constant no Rio de Janeiro. Tinha vários estudantes, colegas de Maria de Céu, filha caçula de José Vilar, que fazia o curso normal em Limoeiro do Norte. Transcrevo aqui um fragmento da canção que fiz para a noite, emitindo as estrofes de algumas componentes que já não me lembro:

TURMA DO BARULHO (marcha)

Côro

Nossa turma do barulho
não é brincadeira não
faz barulho no Lameiro
e até revolução
Tarcila, Brígida e Ceuzinha
e Edas são originais
são vibrantes, são vibrantes
sem rivais.

I

Viva a Áurea que foi miss
no sertão do Piauí
toda verdade eu disse
manda na turma daqui.

II

Gosto de ouvir Tarcila
a sua voz argentina
tudo que canta asila
tem harmonia divina.

III

Rasgou da modéstia o véu
e começou a cantar
está vibrando a céu
tem encanto singular.

★ ★ F. J. Pierre e Irmãos ★ ★

VARIADO SORTIMENTO DE MÓVEIS E
ELETRODOMÉSTICOS



ONDE A TRADIÇÃO SE CASA
COM A IGUALDADE DOS PRODUTOS



EXCELENTES PREÇOS E CONDIÇÕES DE
PAGAMENTO



RUA SANTOS DUMONT N.º 60

TELEFONE : 521-0014

CRATO — CEARÁ

Poesias de Bernardina Vilar

(DANDINHA)

Dandinha é uma poeta do grupo do padre Antônio Thomás, com grande poder de síntese, diz em um soneto o que em prosa levaria muitas páginas no seu subconsciente ficaram as paisagens bonitas das mangueiras e dos canaviais do Lameiro: o rio, a estrada de ferro, as auroras, os crepúsculos, tudo estão retratados em sua poesia. Na poesia "O Cego", ela como a maioria das pessoas que vêem se enganam com o nosso mundo, quando se ver não pode avaliar de que é capaz o ouvido, o tato, o olfato e os sentidos que ainda não foram bem pesquisadas, poetas como ela fazem muito bem aos cegos, porque harmonia do rosto humano e a beleza panorâmica, o tato não pode aprender, é através de escritores do seu talento que vamos formar o nosso conceito do belo.

Quanto a separação de Maria Rita, devemos conformar, porque ela está lá numa vida melhor que a nossa, velando por sua mãe. Me deliciei com as descrições da serra, do cearense, temas que nos falam muito de perto o coração. O livro "Meus Versos" veio preencher uma grande lacuna na literatura do Cariri. Em homenagem a Dandinha transcrevo aqui o meu baião "Saudades do Ceará", as duas estrofes primeiras é um cromô de Fortaleza e as outras falam do Crato:

SAUDADES DO CEARÁ (Baião)

Côro

Ceará, Ceará
diz a voz da linda Ará
Ceará, Ceará
vivo aqui, pensando lá.

I

Eu vou ver meu Ceará
sua grande evolução
sempre amigo do progresso
conservando a tradição.

II

Quero ver meu cajueiro
balanceio eu vou cantar
lá no coqueiral da praia
prateada de luar.

III

Tenho saudade do Crato
do convívio social
padre, médico, advogado,
professorado ideal.

IV

Água lá da batateira
o abacate, o piqui
a cultura adiantada
do torrão do Cariri.

V

Vou repousar no Lameiro
ouvir banda cabaçal
comer mel, beber garapa
dançar o maneiro pau.

VI

Ao Instituto Cultural
do Cariri o meu hino
e também a amizade
de Lindemberg de Aquino.

Francisca Alves Teles Costa e "O CONSTANTE DIÁLOGO NA POESIA DE CARLOS DRUMOND DE ANDRADE

Joaryvar Macedo

Este instante se me apresenta duplamente grato e reconfortante. Primeiramente, porque assinala a decorrência do décimo terceiro aniversário da criação do Instituto Cultural do Vale Caririense, que Deus me inspirou, e, com o concurso de bons companheiros, tornou-se realidade, prosseguindo, atuante e florescente, no seu louvável mister, ora cumprindo, mais do que nunca, suas relevantes finalidades. Em segundo lugar, porquanto me desincumbi de tarefa sumamente honrosa, qual a de manifestar-me, dentro desta solenidade comemorativa, a respeito de *O Constante Diálogo na Poesia de Carlos Drumond de Andrade*, de autoria de Francisca Alves Teles Costa, e nossa mui estimada Teles.

A propósito da autora, gostaria de aproveitar este feliz ensejo, para algumas ligeiras evocações. Conheci-a, menina ainda, em Lavras da Mangabeira, meu bem-amado chão. Da pequenina localidade de Ingazeira, para aquela estremecida terra, se transferira sua família. À época, na velha cidade do médio Salgado, o dinâmico e virtuoso pároco, padre Alzir Sampaio, fundava um estabelecimento, destinado à instrução e educação feminina, ali o pioneiro no gênero, com o nome de Patronato, o qual, dentro em pouco evoluiu para Escola Normal e, depois, para Colégio São Vicente Ferrer.

Confiando o grande e esforçado levita a direção do educandário à sua irmã, a competente e benemérita professora Stela Sampaio, começava de aflo- rar, desta forma, a oportunidade de as meninas e jovens lavrenses habilitarem-se, profissionalmente, ali mesmo, sem a necessidade do deslocamento, conforme até então sucedia, para outros centros, como Fortaleza, Crato, Juazeiro do Norte e Cajazeiras.

Foi assim que conheci Teles, colega de duas de minhas irmãs, no ainda incipiente estabelecimento de ensino do padre Alzir e dirigido por Stela. Era ela das primeiras da turma, se não a primeira. Além de portadora de admiráveis dotes de inteligência, destacava-se também, tão nova que era, pelas boas maneiras, pela delicadeza, pela educação, enfim pelo esmero nos modos de ser e de agir.

Mas o tempo separa as pessoas. Afastara-me de Lavras da Mangabeira, a fim de cumprir meu longo itinerário por alguns internatos de Crato, Fortaleza, João Pessoa e, finalmente, Recife. Minhas irmãs começaram a deslocar-se para a Capital, em ordem à continuação dos estudos. Com seus familiares, Teles deixava a velha e querida terra. Perdi-a de vista por completo.

Todavia, o mesmo tempo que separa as pessoas tem o poder de reaproxi-

má-las, realizando-o sob diferentes modalidades. Eis senão quando, bastantes anos após, professor da Faculdade de Filosofia do Crato, surpreendo-me ali com a presença da Teles adulta, já casada e mãe, profissional do magistério e cursando aquela escola de ensino superior. Outro encontro se daria, posteriormente, com o seu ingresso no Instituto Cultural do Vale Caririense, enquanto me achava no encargo, mas também na honra de presidí-lo. Novo encontro se efetivaria, agora, com a amiga dos bons e inolvidáveis tempos lavrenses. Um encontro, desta feita, eminentemente espiritual. Um encontro do leitor com a escritora, com a autora de uma obra essencialmente da mais abalizada crítica literária. Um encontro altamente enriquecedor, portanto.

Em verdade, a leitura, a leitura de *O Constante Diálogo na Poesia de Carlos Drummond de Andrade* engrandece, de muito, o cabedal de quem se der à atividade de perلustrar a excelente obra. Efetivamente, esteada em ótima bibliografia acerca do imenso itabirano e em suas próprias fundas reflexões em torno de inúmeros textos drumondianos, a autora conseguiu interpretar, magistralmente, o diálogo sugerido por Drummond "como forma de encontro e de reconciliação entre os homens".

Por sinal, o ponto de partida na execução deste grande projeto foi o poema epígrafado "O Constante Diálogo", com o escopo evidente de situar os diversos tipos de diálogo propostos por Drummond.

Nada obstante a modéstia da autora, nas cento e sessenta e seis páginas contidas no livro, ela dissecou o assunto que se propôs, através de acurado e meticuloso exame, buscando, analisando e interpretando esses diferentes diálogos, integrantes da copiosa produção drumondiana.

Dos irretorquíveis méritos deste estudo, salientaria um, ao parecer, bem mais expressivo: o de abrir novos caminhos aos numerosos leitores de Drummond, daquele Drummond a ensinar que até mesmo no silêncio e com o silêncio dialogamos". Daquele Drummond que, também por meio do diálogo, poeticamente se realizou, e logrou transformar a poesia em vida.

Ressaltando a elegância do estilo e a correção da linguagem, registro, outrossim, o espírito arguto e inquiridor da autora, cujo trabalho em referência irá somar-se, como ótima contribuição, à vastíssima bibliografia em torno de Carlos Drummond de Andrade. Trabalho, aliás, de conteúdo límpido, apresentando, inclusive, aspectos até agora inobservados, e, no meu entendimento, capaz de ampliar os horizontes dos estudiosos da poética drumondiana.

De uma coisa tenho certeza. Com a divulgação de *O Constante Diálogo na Poesia de Carlos Drummond de Andrade*, os críticos de literatura sobre a excelência da obra se pronunciarão. Ademais, estou em que este livro de estréia de Francisca Alves Teles Costa, revelador de uma grande vocação para a crítica literária, marca o início de luminosa carreira na scara das letras.

30 Anos Sem Dr. GESTEIRA

Por ANTÔNIO LUIZ BARBOSA FILHO

1. ANTÔNIO JOSÉ GESTEIRA nasceu a 09-08-1908 na cidade do Recife, Capital do Estado de Pernambuco.
2. São seus genitores: Antônio Antunes Gesteira e Aline Alconforado Gesteira. Os primeiros estudos Antoninho, como era chamado em família, os fez na sua terra natal — o curso primário e o secundário — revelando, segundo informes dos seus coevos, aguçados dotes de inteligência.
3. Bacharelou-se em ciências médicas pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, turma de 1934, obtendo honrosa classificação final em razão de sólida cultura médica e do seu profundo saber.
4. Recém formado, ou seja, em 1935, foi designado para as funções de Diretor do Serviço de Febre Amarela, em Teresina, Piauí, cargo que exerceu pelo lapso de dois anos, a inteiro contento. Naquela época, através de licenças conseguidas em diversos períodos, pôde especializar-se no Hospital Hanne-man, no Rio de Janeiro, a Capital do País, então, em obstetrícia, ginecologia e cirurgia geral, sob a orientação do renomado Professor Rodrigues de Lima.
5. Uniu-se em matrimônio com Da. Maria Carmelita Vasconcellos Gesteira, de cuja união nasceram-lhes duas filhas: Thereza Christina e Célia Maria, esta, casada com o Dr. Maurício Monteiro de Brito e aquela, inupta.
6. De 1937 a 1939, o Dr. Gesteira trabalhou em Fortaleza, emprestando os seus serviços profissionais nas Casas de Saúde Cesar Cals e São Lucas, respectivamente. No ano seguinte, ou seja, 1940 veio ele residir nesta aprazível cidade do Crato, atendendo a quantos o procuravam no Hospital São Francisco de Assis, onde chegou a chefiar o corpo cirúrgico daquele Nosocômio de nossa urbe, pelos conhecimentos de que já era portador emérito.
7. A sua atuação de médico competente e filantropo se fez presente, ainda, no seu modesto consultório, onde o cliente, se pobre, além da consulta grátis e do atendimento humanizado, as mais das vezes, gratuitamente recebia o medicamento ou o dinheiro correspondente, para adquiri-lo nas farmácias. E foram inúmeros os benefícios que ele prestou ao nosso povo humilde, como todo o Crato consciente tem conhecimento disso.
8. Na década de 50, ou mais precisamente, no dia 12-02-50, com os colegas Dalmir Peixoto e Valdemar Pena, fundou e inaugurou a Casa de Saúde de Nossa Sra. da Conceição, instalada nas confluências das Ruas Cel. Luiz Teixeira e Santos Dumont, em prédio alugado, desenvolvendo, ainda mais, o

seu atendimento aos simples e aos necessitados. Ali quem quer que aportasse à procura de socorro médico, era prontamente atendido, independentemente da existência ou não, de meios financeiros. E foram dezenas e mais dezenas de pessoas acudidas pelos esculápios lotados naquela Casa de Saúde, tanto no campo clínico geral, como no cirúrgico, também !

9. Para ele em primeiro lugar estava o doente, a quem atendia, sem indagar, previamente, se tinha ou não condições de pagar a consulta, já que o seu escopo maior era aliviar o sofrimento ou a dor do paciente.

10. O Dr. Gesteira, além de exímio cirurgião que o era, pois operava com uma mágia e uma habilidade invejáveis, graças à sua competência comprovada, realizando, muitas vezes, autênticos milagres, no empregar seguramente o seu destro bisturi sempre afiado, foi, também, clínico geral, obstetra e ginecologista laureado.

11. A medicina, pelo menos nas urbes provincianas, ressaltadas as exceções merecidas e aplaudidas, não mais se faz como antanho, quando os médicos se dedicavam, quase exaustivamente, ao estudo acurado da patologia, através de livros, revistas ou tratados próprios, a fim de conhecer e debelar, rapidamente, as enfermidades de seus clientes. Muitos discípulos de Hipócrates — o Pai da Medicina — lá da antiga Hélide imortal e que tantos e benéficos ensinamentos legou à humanidade, dedicam-se, noje, especialmente nas zonas interioranas, a atividades outras, não como um recreio ou um descanso, porém em virtude de se lhes oferecer rentabilidade financeira mais compensadora !

12. É bem verdade que em todo agrupamento social há (felizmente uma minoria, apenas) os que descuram das suas obrigações e muitas vezes deixam de cumprir o juramento feito ou o voto de conduta professado. Isto ocorre na medicina, na advocacia, nas corporações militares e religiosas e em vários outros campos da atividade humana.

13. Alguns chegam até a escusar-se, terminantemente, de atender um paciente em "articulo mortis", porque o doente não tem meios pecuniários de arcar com as despesas do tratamento e nem possui INPS ou FUNRURAL ! Ainda bem que este quadro não constitui a regra geral daqueles seres que se dedicam à "ARS CURANDI", em nosso habitat.

14. Não sou profeta e muito menos desejo substimar os valores que possuímos na estimada classe médica do nosso querido Crato ! Tenho, porém, a convicção de que cepa do Dr. Antonio José Gesteira, de inteligência lúcida e ágil, olhos de lince e verdadeiramente fantástico no diagnóstico, como ocorreu, em nossa cidade, várias vezes, sendo testemunha dessa última particularidade colega seu aqui residente, ainda, portador de admirável cultura geral, orador de mancheia, de palestra instrutiva e atraente, de presença cativante, afora agradávelíssimo convívio, somente de cem em cem anos, surge um !

15. Mercê de sua inteligência privilegiada, de sua habilidade profissional à toda prova e ao seu curso de especialização realizado no Rio de Janeiro, a centenas de doentes prestou ele a sua assistência eficaz, curando enfermos, aliviando aflitos e recuperando vidas, notadamente, quando se tornava imprescindível o manuscio do seu mágico bisturi.

16. Crato, foi, assim, a cidade que teve a primazia de possuir, durante quase duas décadas, um médico brilhante que se o quisesse teria sido um nome famoso na cirurgia nacional, àquela época, se outro fora o traçado de sua vida !

17. Em se tratando de dinheiro, desprendido como ele o foi, jamais se afastou da atitude de boêmio desprendimento, e, assim, faleceu pobre. Todo o Crato o admirava e o queria muito, pelas vidas que salvou, pelas proezas do seu incomparável "canivete" e pelos dons natos de sua irradiante simpatia ! Amável, de filosofia despreocupada, por isso mesmo muito lhe foi perdoado, porque muito, também, deu de si próprio !

18. De traços viris, pulcros como os do rabi da Galiléia, de cultura poliforma, de companhia extraordinária, de viver bastante divertido, por isso sofreu muito e fez sofrer, não por crueldade, mas pelos desatinos do seu des-governado e tonto coração ! Mas se não fosse no seu todo um bom, como poderia ele ter despertado tantas dedicações ao longo de seu calvário, quando de sua doença, a ponto de ter recebido a visita daquela figura de verão santo que foi Dom Francisco de Assis Pires !

19. Amava o seu prómoxo mais do que a ele próprio, velando pela sorte de criaturas singelas, a quem devotava carinho beneditino !

20. Regozijávamos todos nós, os de suas relações íntimas, ante sua superioridade mental, de sua versatilidade nos mais emaranhados assuntos da medicina, da literatura, da história universal ou do Brasil ou mesmo em qualquer outro ramo da atividade liberal, pelo fato de manter-se sempre atualizado com a leitura constante e diária de livros ou tratados diversos, com o interesse de um doutorando sequioso de novos e atualizados conhecimentos.

21. Daí a sua presença tornar-se um encontro sempre renovado, onde a sua percepção viva, a sua conversa agradabilíssima, irradiavam no ambiente assim formado momentos de inesquecíveis recordações !

22. Ao ser acometido da pertinaz moléstia que o ceifou a vida, ficou o Dr. Gesteira, como aconteceu em vezes anteriores, sob os cuidados vigilantes de um grupo de amigos verdadeiros, incluindo nele os colegas de profissão, tais como, o Dr. Elisio Gomes de Figueiredo, Dalmir Peixoto, Joaquim Fernandes Telles, Possidônio da Silva Bem, Leão Sampaio, Maurício Telles, que não mais se arredaram, revezando-se, dia e noite, à beira do seu leito. Tudo

do humano foi tentado a fim de poupar aquela existência tão cara e tão cheia, de vida ! Foram, debalde, os esforços empregados !

23. Morreu o Dr. Gesteira como viveu — cercado pelas amizades daquelas pessoas que lhe foram fiéis, às 13:40 horas, de um sábado, dia 27 de dezembro de 1958, na sua Casa de Saúde Nossa Senhora da Conceição, n.º 1043, em Crato, Ceará.

24. As últimas homenagens que o Crato lhe prestou, no dia 28-12-58, domingo, por ocasião do seu sepultamento, foi uma verdadeira consagração a que poucas mais se poderiam comparar ! Todos estavam, ali, irmanados e envolvidos no mais incontido sentimento de pesar !

25. Prantos feminis, naturais do sexo tido como fraco, nem se comentam. Homens carpir vimos e nada mais eloquente que esse preto de lágrimas varonis !

26. Os bares, restaurantes e casas de diversões, tanto na noite do seu passamento como na manhã do seu enterro, cerraram as portas, como que, associando-se ao rude golpe desfechado sobre a nossa cidade. A própria natureza fez tombar do céu uma neblina passageira, embora, chorando também a perda insubstituível daquele ente assaz estimado por todos. O féretro deixou a residência do morto ilustre, na Praça da Sé e, a passos lentos, conduzido pelo carinho amigo, dirigia-se ao Campo Santo !

27. Já no pátio da Capela do Cemitério local, deparou-se-nos um quadro de alancear os corações sensíveis à dor alheia ! Ao dar entrada a urna funerária no portão localizado ao lado direito do Campo Santo, eis que aponta, lá na esquina da Rua Pc. Sucupira com Nelson Alencar, aquela santa Mater Dolorosa, setuagenária e que acabava de chegar, procedente do Recife para abençoar, no caixão mortuário, pela última e derradeira vez, o seu querido e nunca jamais esquecido !

28. Pelo bem que espalhou desinteressadamente por toda essa imensa região do nordeste brasileiro, estou certo de que a alma de Antônio José Gesteira mergulhou na eternidade de contas saldadas e com bastante superavit, a seu favor.

29. O seu acendrado amor à terra de Frei Carlos Maria de Ferrara, deixou patenteado nas recusas terminantes a convites recebidos para exercer a medicina em outros centros mais adiantados, então, e costumava dizer: “daqui nunca sairei e aqui morrerei para ficar eternamente.”

30. Isso explica a razão por que fizemos — eu e um punhado de amigos dele — apelo aos seus familiares no sentido de que os restos mortais do Dr. Gesteira permanecessem “per omnia secula, seculorum”, em Crato — cidade que ele tanto amou e em que viveu a maior parcela dos seus dias, como médico. Atenderam eles, unanimemente, o nosso pedido.

31. Dessa maneira temos o Dr. Gesteira, em nosso meio e satisfazendo a vontade dele, para todo o sempre !

32. Com a ajuda valiosa de um pugilo de amigos construímos para o repouso do seu corpo um túmulo simples, é bem verdade, mas sua memória está preservada e se encontra na lembrança dos seus leais e sinceros admiradores. "in aeternum."

33. Ainda, hoje, 29 anos após a sua morte física, quem visitar o seu sepulcro percebe, logo, o carinho dispensado à sua amizade, traduzido nas flores ali depositadas, amiúde, pelos humildes e anônimos, que por ele foram beneficiados, numa gratidão póstuma ou em retribuição a um favor obtido, extirpando um mal secreto ou salvando, àquele outro, a vida !

34. Tenho a impressão de que os números exercem, de certa forma, alguma influência nos destinos do homem. O Dr. Gesteira, sem o perceber, talvez, no curso de sua trajetória pela vida teve, como companheiro seu, o algarismo 8. Vejamos: nasceu a 09-08-1908 ! A soma dos algarismos do ano do seu nascimento, isto é, 1908, dá 18 ! Já o seu nome de batismo, em alemão, Antonius, Ieh'ssef, do hebráico e Gesteira, sobrenome familiar, todos têm 8 letras ! Casou-se a 08-07, com uma mulher nascida a 08/03 ! Formou-se no ano de 1934 e, geralmente, quando anunciamos o ano, omite-se o número 1 correspondente a 1.000 e escrevemos, somente, 934, cuja soma dos algarismos é 16, igual ao dobro de 8. Foi designado para as funções de Diretor do Serviço de Febre Amarela, em Teresina, Pi., em 1935 e, novamente, temos $1 + 9 + 3 + 5 = 18$! O inverso desse número é 81 e a diferença entre 81 e 18, é 63 e o produto de $6 \times 3 = 18$! Em 1938 trabalhou nas Casas de Saúde, em Fortaleza. O seu primeiro emprego foi na Capital do Piauí, cidade cujo nome tem 8 letras. Em 27-12-58 faleceu em Crato, às 14,30 horas e a Casa de Saúde onde morreu ele, tem o número 1043. Analisemos esta série de coincidências: a soma de $27 + 12 + 58 = 97$. A soma de $9 + 7 = 16$, o dobro de 8 ! Às 14,30 horas do seu falecimento, os algarismos somam 8. O número do prédio, também, tem por soma dos seus algarismos um total de 8 unidades: $1 + 0 + 4 + 3 = 8$. Sepultado em 28. 12. 58. Como se não bastasse, ainda, a soma de $28 + 12 + 58 = 98$ e $9 + 8 = 17$ — somando $1 + 7 = 8$.

35. Os pitagóricos tinham pelo número 8 especial veneração, pois admitiam que esse número representava a lei natural, ou melhor, a lei primitiva e sagrada, que prescreve a igualdade absoluta entre os homens. Chegaram ao ponto de, inspirados pelos ensinamentos do grande mestre — Pitágoras, que bateu o recorde de longevidade — viveu ele 99 anos ! ($9 + 9 = 18$!), elegeram o 8 como o símbolo da igualdade. E, tem mais: $9 \times 9 = 81$!

É verdade insofismável que ninguém, neste mundo foi mais igual com o seu próximo do que Antônio José Gesteira ! Igual no sentido exato do termo: sincero, abnegado, desprendido, e pronto, a qualquer momento, para atender ao seu semelhante, sem visar, de imediato, a correspondência material pelos es-

forços desprendidos em favor dos necessitados, sob a sua tutela médica. Discípulo que era do nobre Hipócrates, o Dr. Gesteira cumpria à risca o juramento de médico proferido quando de sua colação de grau, pois o servir constituia o fanal daquele cérebro perspicaz, no qual o interesse maior era o curar a dor do próximo, sem a preocupação do dinheiro, como se acontecer, hodiernamente, na maioria dos casos, com as raras exceções de que já falamos. Observação final: este modesto, simples e despretençioso trabalho contém 35 itens. A soma de $3 + 5 = 8$! As palavras Gesteira, Medicina, Cirurgia, Obstetra, inclusive o vocábulo no plural, que iniciou esta frase, todas, contém 8 letras ! E mais, ele, o Dr. Gesteira, morou no Crato, de 1940 a 1958 = 18 anos ! A data da elaboração destes dados soma: $1 + 11 + 87 = 99$ e, $9 + 9 = 18$ e o produto de $9 \times 9 = 81$!

Branca Lopes de Alcântara Vilar

SUA VIDA

Escreve ANTÔNIO GONDIM

1886 — Nasce, provavelmente, nessa época, Branca Bilhar, na cidade do Crato, sul do Estado do Ceará.

São seus pais: Dr. Joaquim Lopes de Alcântara Bilhar e Dona Cândida Candéa de Alcântara Bilhar, ele, de Telhas, atualmente, Iguatu, ela natural de Crato.

Irmãos de Branca Bilhar: Edgar Lopes de Alcântara Bilhar, natural de Crato, falecido:

Raul, natural do Crato, formado em Direito, pela Faculdade do Recife-Pernambuco, falecido;

Irineu, médico, natural do Crato, falecido em Nova Russas-Ceará; Idalina, conhecida por Ida, natural de Baturité, fundadora e diretora do Externato Santa Teresa de Jesus, do Crato. Professora de francês e inglês, no Crato e professora de piano, em Fortaleza; falecida a 29 de julho de 1966, à rua Cel. Joaquim Felício, 315, em Messejana-Ceará;

José, natural de Fortaleza, falecido;

Jorge, natural de Fortaleza, funcionário da Estrada de Ferro Central do Brasil, falecido no Rio de Janeiro;

Cyro, natural de Baturité, nascido a 9 de novembro de 1889; formado pela Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, em 1918, é ele pois, o único irmão ainda vivo, em Messejana-Ceará;

Sérgio, natural de Fortaleza, falecido, provavelmente, na Alema-

Dr. Alboino Novais de Miranda

— ODONTÓLOGO —

SERVIÇOS DENTÁRIOS COMPLETOS

DENTRO DAS TÉCNICAS MAIS MODERNAS.

HORÁRIOS MARCADOS.

CLÍNICA: RUA DA CONCEIÇÃO, 561

TELEFONE: 511 - 25 - 79

JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ

nha;

Mário, natural de Fortaleza, falecido;

Orpheu, natural de Fortaleza, falecido.

- 1894 — Aos 8 anos, estuda piano com a conhecida conterrânea Dondon Feijó da Costa Ribeiro. Tem como primeira professora de letras, D. Anna Bilhar, sua tia e madrinha, diretora do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, na capital cearense. O referido Colégio transfere-se de Guarimiranga (Serra de Baturité), para Fortaleza, em 1896. Estuda com ardor incomum violino com o Maestro Henrique Jorge. Admirado com o talento de sua aluna Branca Bilhar, induz à D. Anna Bilhar para mandá-la estudar no Rio de Janeiro.
- 1909 — Segue, Branca Bilhar, aos 23 anos para a metrópole do País, feliz por poder continuar seus estudos de piano no Instituto Nacional de Música.
- 1911 — Somente, nesse ano, consegue entrar no Instituto Nacional de Música, graças à intercessão do Dr. Amaro Cavalcante, ilustre conterrâneo. Branca estuda piano no Instituto, com o eminente professor Dr. Godofredo Leão Veloso e harmonia com o Maestro Agnello França. Nessa época, dirige o Instituto Nacional de Música, o renomado Maestro e compositor Alberto Nepomuceno — glória e orgulho do Ceará. Branca, viaja, nesse ano, com sua tia dona Anna Bilhar, à Europa, em busca de melhoras para sua saúde abalada. Em Paris, Branca Bilhar submete-se a um exame de piano, tendo um grande compositor que a examina, tecendo os mais calorosos elogios.
- 1913 — É laureada com medalha de Ouro e viagem à Europa, através do Instituto Nacional de Música, quando da conclusão dos seus estudos musicais. Deixa de viajar, Branca Bilhar, pela 2.^a vez ao Velho Mundo, em face da explosão da 1.^a Grande Guerra Mundial (1914-1918).
- 1916 — A 8 de maio, Branca faz o seu 1.^o Concerto, no Salão nobre do "Jornal do Comércio", do Rio, recebendo da Imprensa os mais sinceros elogios. Ainda, em outro recital, nesse mesmo ano, a "Gazeta de Notícias", do Rio, comenta:
"Branca Bilhar, domina o teclado, num soberbo desembaraço de braços e numa pujante mecânica pianística, sem desfalecimento, impulsiva, arrogante, firme, dominadora."
- 1922 — A Revista "O Rio Musical", de 19 de agosto, n.^o 13, anuncia:
"A Senhorita Branca Bilhar pode e deve figurar condignamente na honrosa lista dos grandes virtuosos do piano ao lado de artistas

como Guimar Novais, Antonieta Müller e tantos outros nomes brasileiros de elevada reputação. A pianista e compositora, numa bela foto, orna a capa dessa conceituada Revista.

- 1928 — Falece no Rio de Janeiro, a 22 de dezembro, Branca Bilhar, exímia pianista e compositora cearense, contando apenas 42 anos de idade. Eis os nomes de algumas de suas composições musicais:
- “Dedicação” (Valsa lenta), sua primeira composição oferecida à sua tia e madrinha dona Anna Bilhar;
 - “Alayde” (Valsa de salão), provavelmente, sua segunda composição;
 - “Allegre de Concerto para piano”;
 - “Bailado indígena” (peça característica), dedicada ao caro e distinto professor. Dr. Godofredo Leão Veloso;
 - “Improviso”;
 - “Reminiscência . . .” (A l’incomparable pianiste Edouard Risler;
 - “Samba Sertanejo” (À minha querida madrinha Anna Bilhar — peça característica);
 - “Serenata Hespanhola” (dedicada ao seu prezado e eminente professor de Harmonia, Maestro Agnello França);
 - “Os Heroes de Copacabana” (5 de julho) — Himno Heróico;
 - “Recordação” (Ao violão);
 - “No sertão” (Cateretê, dança sertaneja brasileira);
 - “Sabiá”, com letra de Luis Murat (Luis Nerton Barreto Murat);
 - “As Esmeraldas”, com letra de Álvaro Bomílcar da Cunha. Além dessas, compôs inúmeras outras: Valsas, fantasias, melodias, modinhas e canções.

BRANCA BILHAR

MARIA DE LOURDES H. GONDIM

Elevada por excessiva gentileza vossa, ao posto culminante de membro da ALA FEMININA DA CASA DE JUVENAL GALENO, não escondo meu contentamento, quando vossos sufrágios, prezadas compnheiras, consagraram meu desejo de ocupar a cadeira de Branca Bilhar.

E assim, meu humilde nome ilumina-se na vossa companhia, e sinto-me bem em, nesta noite de galas, proferir algumas palavras sobre minha patrona e ex-professora, com amor e admiração.

Na tradicional e pitoresca Guaramiranga ela abriu os olhos, pela primeira vez, à luz do mundo, e de logo começou a ver as cores maravilhosas do

sol, com sua face roxa a mergulhar no horizonte, numa transfiguração gloriosa e a ouvir a música misteriosa da Natureza a vibrar-lhe n'alma, festejando as núpcias eternas entre a serra e o céu.

E os encantos desse quadro, de certo, impregnaram-lhe o espírito e a inspiraram na melodia e ritmo da música. Era filha do saudoso jurista e catedrático de Direito, Dr. Joaquim Lopes de Alcântara Bilhar e D. Cândida Candéa de Alcântara Bilhar.

Não irei, porém, apresentar ao seletor o seletor genealogias para melhor e mais engrandecê-la; dirijo-me direto ao tesouro de sua arte, onde encontrei preciosos brilhantes do diadema, de que nem a morte pôde despojá-la. Foi sua primeira professora de letras D. Ana Bilhar, sua tia, Diretora do Colégio N. Senhora de Lourdes, nesta Capital, onde ensinou por vários anos a mocidade feminina, que ainda hoje pronuncia com respeito e saudade o nome de sua veneranda educadora.

Branca iniciou seus estudos de piano aos 8 anos de idade com a conhecida pianista conterrânea Dondon Feijó da Costa Ribeiro. Entusiasta dessa divina arte e revelando talento musical, seguiu em julho de 1909, com a idade de 23 anos, para a metrópole do País, com o sonho dourado de ali continuar seus estudos no Conservatório.

E foi seu querido professor de violino, instrumento a que com ardor Branca se dedicava, o inesquecível maestro Henrique Jorge que, impellido por uma admiração sincera pelos dotes artísticos de sua aluna, relutou com Dona Ana Bilhar para que a mandasse ao Rio. Daí do Conservatório, era de mister prosseguir nos seus estudos, no Instituto Nacional de Música, o que alcançou em 1911, com a dedicação especial de um amigo, nosso ilustre conterrâneo, Dr. Amaro Cavalcante, por não haver, no momento, vaga no referido estabelecimento.

No Instituto, graças aos seus dotes excepcionais de espírito e de coração, conquistou o 1.º prêmio — medalha de ouro — o que lhe conferiu, também, o direito de uma viagem à Europa. Mas a discípula do eminente professor Leão Veloso, não pôde realizar esse seu grande ideal de viajar pela segunda vez ao Velho Mundo, quando da conclusão dos seus estudos musicais, em face da imediata conflagração da Europa, de 1914 a 1918.

Cumpre ressaltar que, ainda no Conservatório, ela acompanhou à Europa sua referida tia Ana Bilhar, que para ali seguia em busca de melhoras para sua saúde.

Em Paris, Branca submeteu-se a um exame de piano, tendo um grande compositor que a examinou traçando-lhe elogios calorosos e polidos.

Nem sempre lhe foi sorridente a sorte. Depois da morte do seu venerando pai, exaustos os seus recursos, querendo voltar ao Ceará, Alfredo Bevilá-

qua, então Diretor do Conservatório, cumulou-a de atenções, não permitindo seu retorno, com a dispensa de qualquer ônus para o prosseguimento de se várias vezes em público, o que lhe valeu, no 1.º concerto, a 8 de maio de 1916, no Salão Nobre do "Jornal do Comércio", elogiosas palavras de quase toda a imprensa.

De verdade, assim se expressou o referido jornal: "Sua audição de ontem foi mais uma revelação de uma bela artista da tecla, que não necessitou atravessar o oceano, nem ser laureada por Conservatórios de fama para merecer aplausos sinceros de uma platéia de elite".

Ainda a "Gazeta de Notícias" do Rio, por ocasião de outro recital em 1916, comentou: "Quando a Senhorita Branca desembaraço de braços e numa pujante mecânica pianística, sem desfalecimentos, impulsiva, arrogante, firme, dominadora",

Em 1922 a Revista "Rio Musical" anuncia: "A Senhorita Branca Bilhar pode e deve figurar condignamente na honrosa lista dos grandes virtuosos do piano ao lado de artistas como Guiomar Novais, Antonieta Muller e tantos outros nomes brasileiros de elevada reputação."

É que ela dava toda a alma de sua alma os seus recitais.

Branca dominava o piano, dele obtendo sonoridades empolgantes, cantos triunfais, melodias plangentes, frases de carinho, expressividade variada e colorida, ritmos ondulantes e em todas essas modalidades uma sinceridade e uma espontaneidade que revelam a artista de alma e de sentimento.

Interpretando Beethoven ou Liszt, Mendelsohn ou Chopin, Debussy ou Schumann, Bach ou Saint-Saens, Mozart ou Bilhar atacou o Prelúdio de Mendelsohn nós percebemos logo que nos encontrávamos diante de uma artista feita, tal a segurança do pulso com que ela dominou o teclado, num soberbo Handel, ela deixava a impressão de que conhecia a alma de todos esses inextinguíveis compositores de celebridade universal, porém com uma individualidade bem acentuada no seu cunho de sobriedade.

Como professora ela tinha o segredo raro de saber ensinar o que sabia, e por tal, de transmitir à inteligência dos seus alunos o que lhe empolgava a alma de artista, de espírito ilustrado, aparelhada de uma técnica consciente e de método científico.

Eram tais seus créditos de professora distinta no Rio de Janeiro, que toda a imprensa, sem discrepância, exaltava a eficiência do seu ensino, quando se realizava uma audição de piano de suas alunas.

Era o talento a serviço de uma verdadeira vocação dentro de sua verdadeira esfera — divinizando a arte e sublimando seus discípulos — Branca soube ser uma alma de artista, possuía um espírito de escol.

Conservava sempre a jovialidade e a alegria simples e clara da mocidade. Artista laureada, porém longe de se deixar enredomar pelo orgulho da fama, ela patenteava um dos acordos mais belos da simplicidade. do talento e

da modéstia, entrelaçados, irmanados, formando um precioso diadema luminoso e raro.

A brilhante pianista era dotada de grande personalidade, cultura invulgar, extremamente elegante, nobre de atitudes, porém simples e familiar com toda a gente, e por tal querida por quantos dela se aproximavam.

Para Branca a divina arte foi sempre um misterioso magnete que lhe não deixava tempo para certas exigências do coração. Assim é que ficara insensível a todas as propostas de casamento, porque a sua felicidade ideal estava em enamorar-se de sua arte. E se teve outro algum amor . . . o escondeu. O certo é que o piano foi seu brinquedo na meninice, seus encantos na mocidade e enfim seu noivo.

Destarte, arrebatou-lhe a morte que não poupa nada, nem nos campos da ciência nem nos céus das artes.

Seu último concerto no Rio foi no Teatro Municipal, o qual constituiu um sucesso. Logrou alcançar honrarias. No governo do Dr. Altino Arantes foi por este convidada para dar um concerto em S. Paulo, onde foi recebida e festejada como grande pianista e donde regressou com muita fama. Foi ainda distinguida com um convite do Dr. Matos Peixoto, então Presidente do nosso Estado, para um concerto por ocasião das festas comemorativas do Centenário do inextinguível José de Alencar, mas a parca sinistra arrebatou-a em 22 de dezembro de 1928, não lhe permitindo satisfizesse sua sede insaciável de rever sua terra natal.

De suas brilhantes composições destacam-se: *Alayde e Dedicção*, suas duas primeiras composições, *Improviso*, *Serenata*, *Bailado Indígena*, *Samba Sertanejo*, *Reminiscências*, *Os Heróis de Copacabana*, *Recordação Sertaneja* (ao violão), *No sertão* (cateretê), e outras produções fortes e emocionantes que satisfazem o gosto educado e culto. Ao lado de seus belíssimos estudos clássicos encontram-se composições sempre cheias de motivos, nos quais o ouvido arguto experimentará o gosto do povo, o contingente popular, cristalizado numa corrente contínua da vida e realidade dos nossos sertões que ela sempre amou.

Não espereis, ilustre e caro auditório, uma análise das quatro de suas formosas composições que vou tocar, senão uma rápida referência de cada uma a começar pela *No sertão* (cateretê). Esta lembra a natureza sertaneja rebentando em festões de ramarias, salpicadas de flores miúdas e o ritmo dos selvícolas ao som do maracá e da inúbia, ao relento, nas lindas noites enluaradas dos nossos sertões.

Segue-se *Dedicção* (valsa) oferecida a sua tia Ana Bilhar, que conforme refere o ilustre poeta conterrâneo Mário Linhares em seu livro *Poetas Esquecidos*, cuidou com desvelo maternal de sua sobrinha a ponto de se transferir de Fortaleza, onde dirigia conceituado estabelecimento de ensino, para o Rio de Janeiro, a fim de melhor educar e desenvolver o talento de sua tutelada.

Vem agora a terceira, "*Recordação Sertaneja* (ao violão). Esta transverbera o que nós amamos tão calidamente, tão fervidamente — o nosso sertão, com suas terras ubérrimas, suas condições físicas, seus prados, seus rios e suas flores, suas serras e suas águas, suas árvores e suas sombras, o luar. . . com seus encantos e o quebrar da barra festejada dos "quero-queros" nas samambaias.

Enfim, vou interpretar *Os Heróis de Copacabana*. Foi inspirada naquela explosão tremenda de patriotismo dos 18 de Copacabana, conhecida de todos nós, que minha querida patrona como que sentindo a imagem gentilíssima da Pátria a vibrar-lhe n'alma naquele momento indelével, magistralmente a compôs.

MARIA DE LOURDES H. GONDIM

— — —oooOooo— — —

PARECER

A Comissão abaixo assinada, tendo sido designada para emitir parecer sobre o trabalho de crítica musical que D. Maria de Lourdes Hermes Gondim escreveu acerca da vida e obra de Branca Bilhar, é de opinião que a autora faz jus a uma posição destacada na ALA FEMININA da CASA DE JUVENAL GALENO, pois o seu estudo não somente revela conhecimentos seguros de artista, que sabe interpretar e precisar o sentido das composições daquela insigne musicista do Ceará, mas também evidencia um apreciável gosto pelo cultivo das boas letras. Existe uma tradição musical cearense, que bem merece a homenagem e o reconhecimento da ALA FEMININA traduzidos na escolha do nome de Branca Bilhar para o patrocínio de uma de suas cadeiras, e na eleição de D. Maria de Lourdes Hermes Gondim, que é um legítimo valor artístico do presente.

Vale esclarecer, por outro lado, que assim como a obra pianística de Branca Bilhar se enquadra naquela ordem de nacionalização da nossa música, instaurada pelo imortal Alberto Nepomuceno, a vida de D. Maria de Lourdes H. Gondim sempre foi dedicada à composição e divulgação desse gênero musical onde os ritmos se caracterizam por uma crescente absorção dos elementos básicos da nossa independência cultural.

A Comissão, agradecendo a prova de confiança que lhe foi dada, parabena a ALA FEMININA pelo acerto da sua orientação, pois a arte musical cearense necessita de estar representada nos sodalícios culturais da nossa terra, concorrendo para o maior brilho da nossa projeção intelectual.

Fortaleza, 2 de setembro de 1945.

PARSIFAL BARROSO — Relator

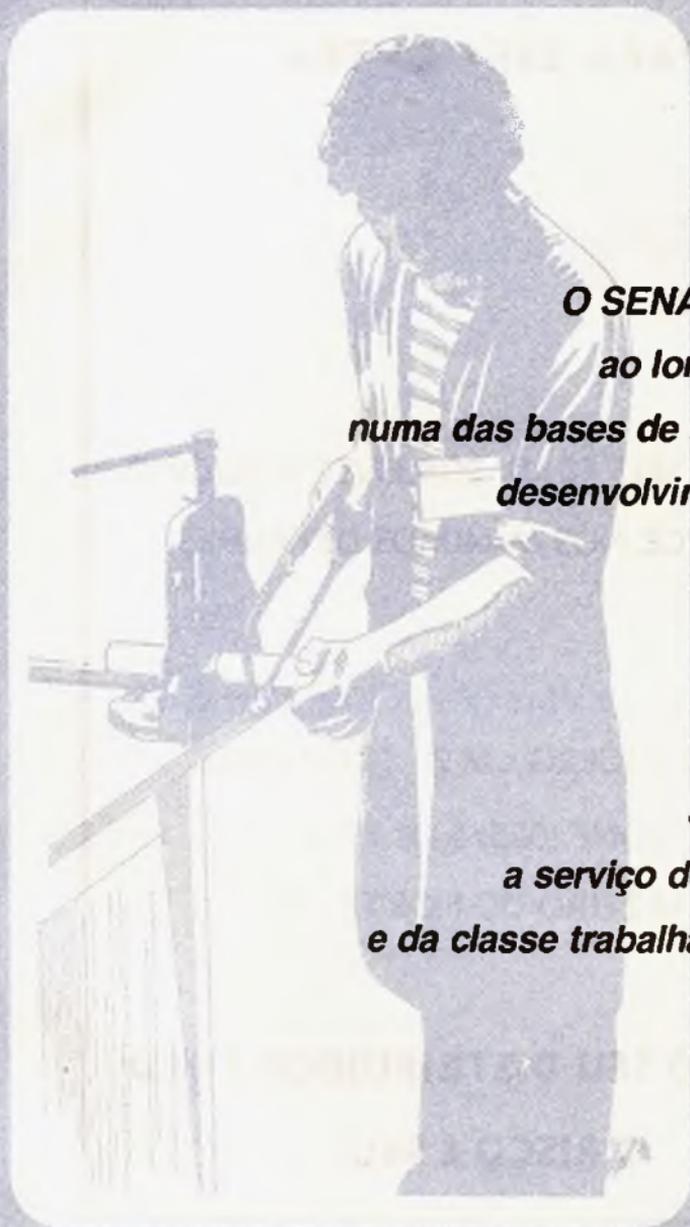
LUIS SUCUPIRA

PIERRE LUZ

senai

C E A R Á

45 ANOS



*O SENAI se constituiu,
ao longo de 45 anos,
numa das bases de sustentação do
desenvolvimento industrial*

*SENAI: 45 anos
a serviço do empresariado
e da classe trabalhadora industrial*

SISTEMA FIEC

**ESTA MARCA NÃO TEM SEGREDOS
PARA ESTA OUTRA**



Crajobar

CONFIE O SEU **FORD** SOMENTE A QUEM O
CONHECE NOS MÍNIMOS DETALHES.

Comércio de Veículos Crajobar S/A

AV. PE. CICERO KM 2 - TRIÂNGULO

FONE (085) 511.1543

JUAZEIRO DO NORTE - CE

FORA DO SEU DISTRIBUIDOR FORD

O RISCO É SEU.

SUMÁRIO

Editorial	3
ICC empossa Diretoria em brilhante solenidade.....	5
Despedindo-se da Presidência do ICC — <i>J. Lindemberg de Aquino</i>	6
Instituto Cultural do Cariri — Circular N.º 01/88.....	7
Recebendo o Pe. Antônio Vieira no ICC — <i>Lindemberg de Aquino</i>	8
Pe. Antônio Vieira	9
Trabalho do Pe. Vieira será publicado em livreto.....	13
Abdias Lima elogia Itaytera.....	13
Confederação do Equador — <i>Plácido Cidade Nunes</i>	15
“À Sombra da Baraúna” — Novo livro do Dr. Marchet Callou.....	29
Novo livro de Ribeiro Ramos chega ao Cariri.....	29
Faleceu o gen. Raimundo Teles Pinheiro: vaga a Cadeira 12.....	30
Dandinha Vilar (4 poemas)	32
Jéfferson de Albuquerque (3 poemas).....	35
“Crato” — <i>Abílio Gonçalves</i>	41
Dr. José Walter Nogueira, amigo de Itaytera.....	42
Correia Coelho (3 poemas).....	43
Trovas Novas, Novas Trovas — <i>Mary Shultze</i>	45
Minha Alma — <i>Regina Helena de Andrade Mendes</i>	46
Trovas do Livro de Jó — <i>Mary Schultze</i>	47
Pivete — <i>Maria Ferreira dos Santos</i>	49
A Beleza do Meu Amor — <i>Maria Ferreira dos Santos</i>	51
Entrevista: Patativa do Assaré, “Poeta dos Oprimidos”	53
Lançamento de “Chamas Redivivas”	65
“Chamas Redivivas” — <i>Waldemar Alves Pereira</i>	66
Zênith Feitosa (3 poesias)	68
Bodas de Ouro — <i>Simeão Luna Machado</i>	71
Lançado novo livro do Presidente do ICC	72
A Profecia da Serra — <i>José Huberto Tavares de Oliveira</i> (Bebeto)	73
SENAI Ceará promoveu 1.º Encontro de Instrutores de Formação Profissional	73
Napoleão Neves (3 poemas)	74
Dolores — <i>José de Alencar Bezerra</i>	75
O cel. Nelson da Franca Alencar, Meu Avô — <i>Eneida Figueiredo Araripe</i> (Anotações de Ana da Franca Alencar — Donita).....	77
Filhos Ilustres do Crato — <i>Dr. Elysio Gomes de Figueiredo</i>	80
Circulando mais dois livros de autores caririenses	82
Faleceu o escritor Moacyr Gondim Lóssio	83
Universidade Regional do Cariri ajudou Itaytera	84
Pe. Cícero enfocado em Simpósio	84

Circulando dois novos livros de Raimundo Girão	85
História do Cariri — <i>Raimundo de Oliveira Borges</i>	85
Antonio Martins Filho — Dez enfoques sobre Augusto dos Anjos <i>Joaryvar Macedo</i>	87
A fama — da caatinga a Wollywood — <i>Luis Carlos Lisboa</i>	93
A Obra Geométrica de Sérvulo Esmeraldo — <i>Miguel de Macedo</i>	97
Raymundo do Monte Arraes — Notas Biográficas	99
Mundo Cultural celebra centenário de Monte Arraes	102
Cidadão Juazeirense J. Lindemberg de Aquino	104
O Cearense Miguel Arraes — <i>José Cláudio de Oliveira</i>	107
Tristão Gonçalves — <i>J. Lindemberg de Aquino</i>	111
Falece o Dr. Colombo de Sousa	115
Os Franca Alencar — <i>Antônio de Alencar Araripe</i>	118
Documentos para a História de Missão Venha — <i>João Bosco André</i>	120
Um Cavaleiro da Tradição — <i>Nertan Macedo</i>	122
Um Teatro para o Cariri — <i>Salviano Saraiva</i>	130
Pe. Antônio Vieira — “O Jagunço de Deus” — <i>Raimundo Araújo</i>	131
Um Quixote, Itaytera e o ICC — <i>Barros Alves</i>	134
Ainda vive a Ação Social do Padre Ibiapina <i>Mons. Raimundo Augusto</i>	135
Lenda não é História — <i>Mons. Raimundo Augusto</i>	136
Canoa Quebrada ou Coroa Quebrada <i>Hélio Idelburque Carneiro Leal</i>	138
Raimundo Fernandes de Oliveira (2 poemas)	143
Pe. Inácio Rolim — <i>Pe. Antônio Vieira</i>	145
Cel. José Francisco Alves Teixeira — Notas Biográficas	147
Documentário: Educar é Conduzir para Cristo	149
O que escrevi há dez anos passados <i>Dr. Napoleão Tavares Neves</i>	153
Opinião: Um Cidadão do Mundo <i>José Olympio da Rocha</i>	155
Gostaria de Ver — <i>Maria Athath</i>	157
Agressão: Hereditariedade x Meio Ambiente <i>Dr. Antônio José de Norões Ramos</i>	158
Tal Pai, Tal Filha — <i>José de Alencar Bezerra</i>	162
Poesias de Bernardina Vilar (Dandinha)	165
Francisco Alves Teles Costa e “Constante Diálogo na Poesia de <i>Carlos Drumond de Andrade</i> — <i>Joaryvar Macedo</i>	166
30 Anos sem Dr. Gesteira — <i>Antônio Luiz Barbosa Filho</i>	168
Branca Lopes de Alcântara Vilar (sua vida) — <i>Antônio Gondim</i>	173
Branca Bilhar — <i>Maria de Lourdes H. Gondim</i>	176
SENAI Ceará — 45 anos	182



SULCEPA

CIA. SUL CEARENSE DE PAPÉIS

REGOZIJA-SE
PELO LANÇAMENTO
DO

32.^o

NÚMERO
DE

Itaytera

SINAL DO VIGOROSO
ESFORÇO DOS
INTELECTUAIS
CONTEMPORÂNEOS

CERÂMICA NORGUAÇU S. A.

A MAIOR EMPRESA INDUSTRIAL DO CRATO,
FABRICANDO LADRILHOS CERÂMICOS PARA
TODO O NORDESTE BRASILEIRO

NOSSOS PRODUTOS ESTÃO EM TODAS AS LOJAS
DE CONSTRUÇÃO



UMA INDÚSTRIA GENUINAMENTE NOSSA



CERÂMICA NORGUAÇU S. A.

UMA DEMONSTRAÇÃO DA CAPACIDADE
EMPRESARIAL DO CARIRI



AVENIDA PADRE CÍCERO – BAIRRO MURITY

C R A T O – C E A R Á